

**Universidade Federal do Paraná.
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Programa de Pós – Graduação em História.**

***Que invasão é essa? Leituras sobre conflitos socioculturais em
Florianópolis (1970 - 2000).***

Rafael Damaceno Dias.

Curitiba, 17 de fevereiro de 2009.

Que invasão é essa? Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970 - 2000).

Rafael Damaceno Dias.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Maria Luiza Andreazza (Orientadora)

Prof^a Dr^a Marionilde Dias Brepohl Magalhães (UFPR)

Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão (UDESC)

Curitiba, 17 de Fevereiro de 2009.

Mudam os tempos.
Os ares e os ventos.
Mudam os pares, visões e olhares.
Muda o mundo, a cada segundo...

Kalunga

Sumário

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Introdução.....	10
1. Espaços e conflitos na Ilha de Santa Catarina.....	23
1.1. Múltiplas faces de uma Ilha.....	24
1.1.1. Questionamentos de um território estratégico.....	26
1.1.2. Fundações vicentistas.....	28
1.1.3. A fundação de Desterro.....	30
1.1.4. Tratamento privilegiado de Desterro.....	32
1.1.5. Açorianos e madeirenses.....	33
1.1.6. Uma cidade portuária.....	35
1.1.7. Finais do século XIX e início do século XX: é preciso enterrar Desterro.....	37
1.1.8. Intervenções urbanas.....	38
1.1.9. Imigração para Santa Catarina.....	39
1.1.10. Revalorização dos açorianos.....	41
1.1.11. Florianópolis: uma economia articulada com a atividade pública.....	41
1.1.12. Expansão da área ocupada na Ilha.....	43
1.1.13. Florianópolis no final do século XX.....	44
1.1.14. Percepções sobre a cidade.....	45
1.2. Algumas características dos conflitos.....	46
1.2.1. Farra do boi.....	48
1.2.2. Segundo tipo de conflitos.....	49
1.2.3. Disputas.....	53
2. Ser ilhéu: formas de ler Florianópolis.....	62
2.1. Uma Ilha nada tranqüila.....	64
2.1.1. Ocupação do Estreito.....	66
2.1.2. O meio urbano e os pescadores lavradores da zona rural	71
2.1.3. Dicotomias.....	75
2.1.4. Os denominados ilhéus e forasteiros.....	77
2.1.5. Entre provincianismo e cosmopolitismo.....	79
2.2. Novos territórios na cidade.....	81
2.2.1. Caminhos culturais na fragmentação do ser ilhéu.....	83
2.2.2. A Ilha dos manés.....	86
2.2.3. O ilhéu de Aldírrio Simões.....	88
2.2.4. Uma cidade.....	90
2.2.5. Outras leituras.....	91

3. Desencontros no afluxo dos contatos socioculturais.....	95
3.1. Sobre os invasores.....	96
3.1.1. Uma invasão.....	102
3.1.2. Dados migratórios.....	106
3.2. Vivências e experiências na cidade.....	108
3.2.1. Lugares.....	112
3.2.2. Formas de falar.....	116
3.2.3. Para além de uma comunidade.....	118
4. Considerações Finais.....	123
5. Fontes.....	125
6. Bibliografia	128
7. Anexos.....	135

Agradecimentos

Momento difícil foi esse de escrever a parte dos agradecimentos, mas muito prazeroso porque foi um exercício de recordar tantas pessoas que são importantes para mim. Todavia, antes de iniciá-la, peço desculpas porque, certamente, cometerei esquecimentos, os quais serão corrigidos com um abraço amigo e com as palavras sinceras: desculpe-me, não poderia ter esquecido de você...

Às professoras Marionilde Dias Brepohl Magalhães, Ana Paula Vosne Martins e Maria Teresa Santos Cunha. E aos professores, Emerson César Campos, Luiz Felipe Falcão, Reinaldo Lindolfo Lohn, Paulo Rogério Melo, Edgar Garcia Junior e Sergio Odilon Nadalin. Poderia alongar-me demais descrevendo no que cada um me ajudou, então vai um muito obrigado por tudo!

Aos amigos de Floripa e Buenos Aires, citados ao lado das frases que me disseram tantas vezes: Saul (cara: estou de folga, vamos aprontar uma?), Lé (ah não, fica mais um pouco...), Patrese (vais virar um livro, hein?), Ogui, (Rafa! En perfecto portuñol te digo que hay afinidades que son espontáneas...). Às amigas Virginia Boff e Vivian Staroski: sem suas contas nas bibliotecas, como teria feito?

Às amigas e aos amigos que fiz em Curitiba: Andréa Alcântara (uma presença sempre especial), Silvio (ô velho: quando vai vir esse tal de barreado? Essas entradinhas já estão me enchendo...), Francisco Bento (tem cachorro quente com vina?), Andréa Schactae (camarão na Lagoa da Conceição), Luiz Sabeh (o homem motorizado), Loiva Canova (a querida mãe da Laurinha que gosta dos Simpsons), Cristiano (o guerreiro de Guarapuava), Daniel Samways (uma conversa sempre agradável)... Citei todos? Certamente não... São muitos...

A minha família: Eva, pai, mãe, Inaura (madrinha querida) e meu grande primo, Stefano, parceiro e incentivador, sempre.

À Maria Cristina, secretária da pós? Não!: psicóloga da pós... (“fica tranquilo que vai dar tudo certo”).

Aos Funcionários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, do setor de jornais da Biblioteca do Estado de Santa Catarina, da Universidade do Estado de Santa Catarina, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal do Paraná e da Biblioteca do Município de Florianópolis.

Aos jornalistas Cacau Menezes, Celso Martins e Ney Vidal, pelos depoimentos concedidos com bastante cordialidade ainda durante minha graduação e que nortearam parte das observações aqui reunidas.

Ao dono do Bec Bar, Fabrício, que me empregou durante o ano em que não tive bolsa. Mais que um chefe, um grande incentivador: deixou-me faltar vários dias para ir a eventos, como nas cidades de Goiânia e Irati.

Ao CNPQ pela bolsa concedida no ano da escrita da dissertação.

À Mari, querida, dona da pensão em que morei, me tratava de uma forma tão familiar. E a seu marido cubano enxadrista: ótimo cozinheiro e de uma cordialidade tremenda.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, professores: Carlos Roberto Antunes Santos e Antônio César de Almeida Santos.

E, agradeço especialmente, à Maria Luiza Andrezza: sem sua orientação esse trabalho não existiria.

Resumo

Nas últimas décadas do século XX, a cidade de Florianópolis experimentou uma série de transformações urbanas e demográficas que a levaram a adquirir uma feição bastante diferente daquela que possuía. Dentre essas transformações se destaca a presença de novos moradores não apenas advindos do meio rural, mas especialmente oriundos de cidades de grande porte de outros estados brasileiros.

Essa dissertação versa basicamente sobre os impactos desse movimento migratório a partir da percepção contida na imprensa que circulava diariamente na cidade, utilizando particularmente as impressões de colonistas sociais e cronistas que nos jornais possuíam destacado espaço.

Para tanto, foram escritos três capítulos. O primeiro pretende identificar algumas características relacionadas com as pessoas que chegavam a Florianópolis e a partir disso, procura interpretar alguns conflitos socioculturais acontecidos na cidade. O segundo analisa alguns impactos da presença de novos moradores numa forma de conceber as relações sociais existentes na cidade presente em colunas sociais e crônicas. E por fim, o terceiro capítulo discute a partir de um sentimento de invasão existente na imprensa que circulava na cidade algumas tensões socioculturais que possam ter ocorrido durante as transformações urbanas e demográficas acontecidas em Florianópolis.

Abstract

In the last decades of the twentieth century, the city of Florianópolis experienced a series of urban and demographic changes that led to acquire a feature quite different from what had. Among these changes highlight the presence of new residents not only coming from rural areas, but especially from the big cities of other Brazilian states.

That dissertation basically discusses on the impact of migration from the perception in the press that circulated daily in the city, particularly using the views of columnists and social chroniclers in the newspapers that have highlighted space.

For this, three chapters were written. The first is to identify some characteristics associated with people who came to Florianópolis, as it seeks interpret some social conflicts occurred in the city. The second discusses some impacts of the presence of new residents a way of conceiving social relations in the city in this column and social chronicles. And finally, the third chapter discusses from a feeling of invasion in the existing press that circulated in the city some social tensions that may have occurred during the changing urban and demographic emerged in Florianopolis.

Introdução

Um conjunto de transformações urbanas e demográficas acontecidas durante as últimas décadas do século XX associa-se aos intensos fluxos culturais advindos principalmente pela presença em grande escala de migrantes em ambientes urbanos¹. Tal fato resultou na multiplicação dos sistemas de significação e de representação cultural² e em apropriações, rejeições, negociações e no surgimento de traduções culturais³. Essa complexidade combina-se com a intensificação das conseqüências da modernidade⁴ e, particularmente, com a globalização⁵, alterando a forma com que os indivíduos e os grupos sociais delineiam suas identidades⁶.

Durante as últimas décadas do século XX, as cidades de médio e grande porte brasileiras constituíram um exemplo de ambientes em que aconteceram movimentos desse tipo, já que esses núcleos urbanos se transformaram numa espécie de encruzilhada na qual diferentes referências provenientes de grande fluxo de migrantes se encontraram com aquelas compartilhadas pelas populações há tempo estabelecidas.

No caso especificamente das cidades médias brasileiras, nas últimas décadas do século XX, esses encontros e desencontros ganham relevo quando se leva em conta o tipo de migrante que para elas afluiu, composto, em grande parte, por contingente oriundo de grandes metrópoles que possuíam elevado nível de qualificação⁷. Ou seja, ao invés de provocar o aumento de mão de obra pouco especializada como, por exemplo, no caso de parte dos

¹ GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença*. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço Da Diferença*. Campinas: Papyrus, 2000.

² WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

³ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

⁴ GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999a.

⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁷ ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. *Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96*. In: ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

nordestinos que migraram para São Paulo, as características daqueles migrantes os colocavam numa posição de grande visibilidade nas cidades médias, tendo em vista suas possibilidades de alcançarem projeção⁸.

Esse parece ter sido o caso de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, situada na região sul do território brasileiro⁹. Parte do contingente migratório que para ela se dirigiu esteve articulada com pessoas que se evadiam dos grandes centros brasileiros os quais, naquele momento sofriam, por exemplo, os efeitos de altas taxas de criminalidade¹⁰. Além disso, em parte, com grupos de funcionários transferidos de empresas como a Eletrosul, instalada na cidade em 1973, ou ainda pessoas que prestavam concurso público a partir da expansão das Universidades Federal e do Estado de Santa Catarina¹¹.

A propósito desta condição, sob o ponto de vista socioeconômico e educacional, Elias e Scotson, que escreveram sobre o tema no final da década de 1950 e início da década de 1960¹², pode-se elaborar a hipótese de que, devido ao fato desses migrantes possuírem condições que os perfilavam aos grupos sociais estabelecidos, a tendência era de que surgissem tensões socioculturais em Florianópolis.

Ainda, quando se leva em conta as contribuições de Barth, autor que questionou de forma contundente a idéia de que a identidade é algo atávico aos grupos sociais, a qual supostamente marcaria sua essência, esses contatos podem também ser vistos por outra ótica. Para ele, identidades emergem inextricavelmente articuladas a contrastes, ou seja, elas somente surgem quando um grupo é confrontado com outro e, desse modo, possibilitam

⁸ BRAGA, Fernando Gomes. *Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000)*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

⁹ Florianópolis possuía uma população em 1970, de 138.337 pessoas e, em 2001, de 342.315 pessoas. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesse sentido, caracteriza-se enquanto uma cidade média conforme a classificação proposta por: ANDRADE; SANTOS; SERRA, op. cit.

¹⁰ MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras*. São Paulo Perspec. Oct./Dec. 2000, vol.14, no. 4, p.21-33.

¹¹ MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

¹² ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

a configuração de campos de alteridades.

Nesse sentido, pode-se vislumbrar que, com a chegada de um contingente com elevado grau de qualificação o surgimento, em Florianópolis, de uma configuração propícia para a formação de fronteiras com contornos identitários¹³.

Exemplos dessas tensões que teriam ocasionado a emergência de campos de alteridades podem ser vislumbrados no momento em que moradores da cidade reclamavam da arrogância dos novos habitantes diante dos costumes locais, como era o caso do colunista social Beto Stodieck em relação ao *“pretenso ar de superioridade diante das coisas e pessoas locais”*¹⁴. Ou então, quando os criticavam por fazer acusações como esta, presente numa reportagem que pretendia descrever alguns dos hábitos dos florianopolitanos: *“Não honrar os compromissos. O florianopolitano não se preocupa com o futuro e o trabalho”*¹⁵.

A bibliografia existente

Apesar de serem distinguíveis, as tensões socioculturais advindas das transformações urbanas e demográficas acontecidas em Florianópolis no final do século XX receberam pouca atenção dos estudiosos. Apesar disso, podem ser destacados dois trabalhos que abordam os conflitos em torno de valores associados com a modernização ocorrida na cidade por meio de ações efetuadas pela administração estadual e municipal.

Primeiramente, o modo como Flores abordou, dentre outras questões, os efeitos que as transformações urbanas da década de 1980 tiveram sobre a prática da *Farra do Boi* no litoral de Santa Catarina, especialmente em Florianópolis. A partir de seu livro percebe-se o modo como a *Farra do Boi* surgiu como uma prática a ser combatida devido a sua inadequação aos novos

¹³ BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

¹⁴ O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978. p. 20

¹⁵ O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987. p. 11.

usos do espaço urbano, os quais impediam que continuasse a ser realizada em áreas próximas ao núcleo urbano de Florianópolis¹⁶.

Outro trabalho de grande envergadura, e que mais se aproxima do foco dessa dissertação, é aquele realizado pela antropóloga Fantin em seu livro “Cidade Dividida”. Dentre as questões analisadas pela autora, destacam-se as disputas em torno de dois grupos articulados com projetos diferentes de cidade: um grupo defendendo que Florianópolis se tornasse uma metrópole e um outro que defendia a continuação da capital catarinense enquanto uma cidade média¹⁷.

Essa disputa adquiriu contornos identitários durante as eleições de 1996. Naquele momento aconteceu um intenso embate em torno de quem seria o autêntico interlocutor dos habitantes de Florianópolis, no qual foi associada a imagem de Afrânio Boppré, candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores, nascido em Florianópolis, com uma suposta invasão de gaúchos na cidade. A candidata vencedora, Ângela Amin, do Partido Progressista, conseguiu se impor como o nome que impediria a “expansão gaúcha” na cidade e, apesar de ter nascido em Indaial, passou a ser considerada uma autêntica manezinha da ilha, termo que será explicado no desenvolvimento do trabalho¹⁸.

Assistiu-se na cidade um período em que o manezinho da ilha, uma representação cara para parte dos moradores de Florianópolis, esteve em alta. Os candidatos faziam propagandas nas quais surgiam jingles como o da campanha de Angela Amin: “manezinha eu sou”. De acordo com Fantin, construiu-se uma identidade em torno do manezinho da ilha, com contornos políticos, que alcançou grande repercussão a partir da vitória de Gustavo Kurten no torneio de Roland Garros em 1997.

Entretanto, como o foco da análise da autora não é perceber essas tensões socioculturais nas décadas anteriores a 1990, sua obra não aborda questões que constituem outros pontos de partida para essa dissertação. Por

¹⁶ FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A ferra do boi*: palavras, sentidos ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

¹⁷ FANTIN, Márcia. *Cidade dividida*: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

¹⁸ BOPPRÉ, Afrânio. *Esperança interrompida*: cenários e bastidores de uma disputa com a direita em Florianópolis/1996. Florianópolis: Insular, 2000.

exemplo, em relação as designações utilizadas para referir-se ao florianopolitano, as quais existiam nas décadas de 1970 e 1980, destaca-se o termo *ilhéu* utilizado, por exemplo, pelo colunista social Beto Stodieck. Todavia, no decorrer do texto demonstrar-se-á que, ao lado deste, diversos outros termos eram empregados para se realizar tal referência como, por exemplo, *nativo*, *mané*, *local*, *açoriano* e *desterrense*, o que indica a existência de um universo simbólico entre os moradores de Florianópolis, o qual não poderia ser acionado com a utilização de apenas um termo. Particularmente, quanto ao uso do termo “*manezinho da ilha*”, a partir do final da década de 1980, ressalte-se que num primeiro momento, ele não foi acolhido pela “boa sociedade da ilha” que se arraigavam à conotação pejorativa do “*mané*” como pescador pobre numa explícita manifestação de *chacota*.

Para além destas indicações, cite-se uma bibliografia a qual indica que questões identitárias existem na cidade desde a década de 1970 e 1980. Durante essas décadas, Florianópolis vivenciou um período caracterizado, de acordo com Pereira (s/d), pela perda de muitos de seus traços culturais. Para ele, as características que seriam as mais autênticas de parte dos moradores da cidade, como a *Ratoeira* (canto popular), o *Boi de Mamão* (dança popular) e a *Renda de Bilro* (artesanato) foram sobrepujadas por outras formas culturais durante o processo de modernização de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970¹⁹.

Nesse sentido, Assis destaca que a implementação de projetos turísticos em Florianópolis seguiu a mesma lógica de outras cidades do litoral brasileiro durante as décadas de 1970 e 1980. Protegidos pela idéia de uma indústria *sem chaminés*, sua efetivação veio acompanhada de uma especulação imobiliária que poluiu praias, invadiu manguezais, derrubou antigas construções e, principalmente, alterou modos de ser e de viver, tendo em vista a tentativa de modificar os hábitos das pessoas para melhor receber o turista na cidade²⁰.

¹⁹ PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização* (Um estudo de Modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, [19-].

²⁰ ASSIS, Leonora Portela de. *Planos, Ações e Experiências na transformação da "pacata" Florianópolis em capital turística*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

A presente dissertação parte dos indícios contidos nessa bibliografia e nos pressupostos analíticos acima arrolados, assim como nas fontes utilizadas as quais serão identificadas na seqüência, e problematiza as tensões socioculturais advindas da presença de novos moradores em Florianópolis entre as décadas de 1970 e 1990. Com base em colunas sociais (fontes principais), reportagens, noticiário dos principais periódicos de circulação na cidade, literatura produzida e nos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem-se como objetivo central buscar compreender algumas características dos impactos advindos de intensos fluxos culturais sobre uma parcela dos moradores de Florianópolis, notadamente aqueles veiculados aos estratos médios urbanos.

Metodologia e fontes utilizadas

Dentre as fontes utilizadas para a elaboração desse trabalho foi dado privilégio às colunas sociais escritas por Beto Stodieck e por Cacau Menezes veiculadas entre as décadas de 1970 e 1990 na imprensa que circulava em Florianópolis. Essas colunas sociais eram publicadas diariamente, à exceção de alguns períodos, em espaço especialmente dedicado a elas nos jornais que em seguida serão referenciados²¹.

Além de justificar o uso para a pesquisa das colunas sociais produzidas por esses autores baseado nas evidências ali contidas, é possível fazer uma justificação com base no lugar ocupado por esses colunistas sociais na sociedade florianopolitana.

Alguns autores, como Falcão²², baseados nas considerações teóricas de Bourdieu sobre o tema do capital simbólico²³, destacaram que grande parte do contingente que se instalou em Florianópolis nas últimas décadas do século XX era formada por pessoas de camadas médias de cidades de grande porte

²¹ Nos anexos 1 e 2 são fornecidos dois exemplos do formato dessas colunas sociais.

²² FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os "nativos" e os "haoles" se encontram*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8.

²³ Sobre o tema ver: BOURDIEU, Pierre. NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio M. (org.). *Escritos de educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, as quais possuíam elevado capital cultural.

Pode-se inferir que, devido a essa condição, estes novos moradores tiveram maior facilidade na disputa por vagas no mercado de trabalho²⁴, maior eficácia no questionamento de projetos imobiliários da prefeitura municipal²⁵ e, principalmente, teriam maiores condições de questionar a legitimidade dos setores sociais que veiculavam discursos²⁶ sobre a cidade. E como os colonistas sociais pertenciam a esses setores, pode-se inferir que teriam se manifestado diante dos questionamentos dos novos moradores, o que faria das produções de Beto Stodieck e de Cacau Menezes fontes privilegiadas para interpretar as tensões socioculturais do período.

Com relação a eles podem ser destacadas algumas características que realçam a posição de destaque que ocupavam em Florianópolis. O primeiro deles, Sérgio Roberto Leite Stodieck, nome completo de Beto Stodieck, era mais conhecido, segundo sua própria definição, como o colunista social-democrático. Nasceu em Florianópolis no dia 10 de junho de 1946, filho de Henrique Stodieck e Maria da Graça Leite Stodieck²⁷ cujas famílias residiam desde longa data na cidade e nela possuíam destacada posição socioeconômica. Estudou Direito no Rio de Janeiro na década de 1960 onde inicia sua carreira jornalística no Jornal da Tarde²⁸. Começou a assinar a coluna no jornal "O Estado" em 1971. Ali permaneceu até 1980 quando saiu por problemas políticos²⁹. Voltou ao O Estado em 1988 onde escreveu até 1990, ano de sua morte.

²⁴ CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA (CECCA). *Uma cidade numa Ilha*: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996.

²⁵ FRANZONI, Tereza Mara. As "perigosas" relações entre movimento popular/comunitário e administração pública municipal na Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1993.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas* (o que o falar quer dizer). São Paulo: EDUSP, 1996.

²⁷ Informações retiradas de: PORTO, Bea e LAGO, Fernanda (Org.). *É Tudo Mentira*. A história segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

²⁸ Extraído de: O ESTADO. Florianópolis, 13 e 14 mai. 1995.

²⁹ Numa entrevista dada pelo autor em 1980 para o primeiro número do jornal "Afinal" Beto Stodieck diz que um acordo entre o jornal e o governo do Estado teria provocado sua demissão: "O governador teria perguntado quanto precisava o jornal e a resposta teria sido 27 milhões. O governo teria dado 6 milhões e cotas. E, primeiramente, queriam minha cabeça". In: AFINAL, Florianópolis, mai. 1980. p. 9.

O colunista social Cláudio Menezes, nome completo de Cacau Menezes, nasceu em Florianópolis em 1955, filho de Manoel de Menezes e de Brasília da Silva Menezes. Seu pai de origem humilde conseguiu grande projeção na cidade após a criação da Rádio Jornal A Verdade que funcionou nas décadas de 1950 e 1960, tendo sido inclusive eleito deputado estadual, mas cassado durante os primeiros anos da ditadura militar³⁰. Cacau Menezes iniciou a carreira na rádio de seu pai, narrando jogos de futebol³¹. Também editou os jornais “Rock, Surf e Brotos” e “O Ilhéu” nas décadas de 1970 e 1980 alcançando destaque entre o público jovem da cidade. Nos jornais de circulação em Florianópolis teve uma passagem no “O Estado” no final da década de 1970 e início da década de 1980. Depois, no final da década de 1980 passa a assinar a coluna que existe até hoje no jornal Diário Catarinense³².

Essas características dos colunistas sociais sugerem que eles pertenciam a segmentos de destaque na sociedade florianopolitana. Desse modo, deve-se levar em conta que a análise do problema proposto por este projeto, com base nessas fontes de pesquisa, privilegia um determinado olhar sobre a questão.

Essas são algumas características que permitem situá-los como ocupantes de lugar de destaque em Florianópolis. Ambos detinham substantivo capital social³³, tendo em vista que podiam adentrar círculos sociais que permaneciam fechados a outras parcelas da população de Florianópolis. Beto, por exemplo, era filho de um dos primeiros professores da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua família gozava de prestígio social, como ele próprio ressaltou quando, por exemplo, defendeu-se da acusação de estar negociando entorpecentes durante a realização do show dos Doces Bárbaros promovido por ele na cidade:

Segundo pode-se deduzir, as causas do envolvimento deste jornalista prender-se-iam a eventuais ligações suas com o submundo da droga, ligações estas que não existem, nunca existiram. Como é de domínio público, o cidadão Sérgio Roberto Leite Stodieck, é bacharel em Direito, graduado pela Faculdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem domicílio fixo, convive diariamente com a melhor sociedade

³⁰ Retirado de: MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

³¹ De acordo com: MENEZES, Cacau. *Depoimento*. Florianópolis, 15 nov. 2005.

³² Informações retiradas de diversas colunas sociais.

³³ BOURDIEU, Pierre, *Escritos de educação*, op. cit.

florianopolitana e assina coluna diária neste jornal, coisa que não teria condições de fazer, é evidente, caso fosse um toxicômano, como é insinuado.

(...)

O que move este colunista é apenas o objetivo de esclarecer os fatos, de não permitir que um acontecimento pequeno, destinado ao rápido esquecimento, venha manchar o nome que assina, um nome honrado, herdado de um homem da estatura moral de um Henrique Stodiek³⁴.

Com relação a Cacau Menezes pode-se também dizer o mesmo. Apesar de seu pai ter sido um jornalista bastante controvertido na cidade, o que poderia ter legado richas e disputas no início da carreira é inegável que o fato de ser seu filho proporcionou também oportunidades, conforme ressalta o próprio colunista:

Quando eu nasci meu pai era o maior líder popular de Florianópolis. Usava Buick conversível. Carro importado e desfilava na praça XV de boné e fumando cachimbo, com o Garrincha atrás, com a Marta Rocha. Conversível aberto. O meu pai era uma figura... Tinha jornal, tinha rádio. Se elegeu deputado com votos só daqui. E eu pequenininho com ele e via aquilo, gostava... E procurei ser o que ele foi. E o caminho foi a rádio, ele tinha uma rádio, e eu com treze anos entrei na rádio... Antes dos treze anos eu era mascote do Avaí. Já gostava de confusão, de público, de aparecer, essas coisas...

E aí fui para a rádio, narrei futebol com treze anos de idade. Tivemos uma carreira de dois anos fulminante, fiz sucesso, fui no Rio de Janeiro, Maracanã. Recebi autorização especial do Juiz de Menores na época do Rio de Janeiro para trabalhar no Maracanã à noite. Fui entrevistado por todas as rádios do Rio. Foi uma loucura. Ganhei disco da Rádio Nacional e então parti para a carreira³⁵.

Entretanto, cabe ressaltar, a posição de destaque ocupada pelos colunistas sociais não significa que será realizada uma história da elite de Florianópolis. Como se perceberá o teor dessas produções não se vinculava a um colunismo social que versa sobre sociabilidades de segmentos com alto poder aquisitivo como era o caso do trabalho realizado por Zury Machado, colunista referência na cidade nesse tipo de produção³⁶.

Nesse sentido, o trabalho realizado por Cacau Menezes e Beto Stodiek aproxima-se, em muitos momentos da escrita de um cronista o qual pode ser caracterizada, conforme Cândido, pela relativa liberdade de escrita diante da realidade ao proporcionar a possibilidade de quem as produz de ir além daquilo que um repórter escreve. De acordo com isso, o cronista ordenaria os

³⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1976.

³⁵ MENEZES, Cacau. Depoimento concedido ao autor em novembro de 2005.

³⁶ No caso de Curitiba, um exemplo de colunismo social desse tipo pode ser encontrado no trabalho de Ibrahim Sued. Sobre colunismo social em Florianópolis ver: FONSECA, Jefferson Rafael da. *Colunas Sociais como fonte para o estudo de Elites Locais: O caso de Florianópolis na década de 1970*. In: Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2006. v. 1. p. 2197-2206.

acontecimentos dotando-os de certo sentido escrevendo, desse modo, uma “história ao rés do chão”³⁷. Dessa maneira, se constituiria num “observador privilegiado do cotidiano”³⁸ ao tornar permanente uma produção que herdeira dos folhetins tinha o propósito de ser algo descartável na cidade³⁹.

Todavia, preferiu-se, nessa dissertação, utilizar o termo colunas sociais para referir-se ao trabalho de Beto Stodieck e Cacau Menezes porque era dessa maneira que ambos se auto-referenciavam⁴⁰.

Além das considerações acerca das colunas sociais utilizadas é necessário caracterizar também o lugar onde estas eram veiculadas, ou seja, os jornais O Estado e o Diário Catarinense, principais periódicos de circulação em Florianópolis, durante as décadas de 1970 e 1990.

O primeiro desses periódicos era de propriedade de Aderbal Ramos da Silva, ex-governador do Estado de Santa Catarina. De acordo com May, o periódico foi utilizado em diversos momentos como meio de veiculação de propagandas acerca do Partido Social Democrata (PSD) no qual o ex-governador era um dos nomes da cúpula⁴¹. É o periódico mais antigo de Santa Catarina e, nas décadas de 1970 e 1980, era o mais destacado veículo de comunicação impresso no Estado⁴².

O outro periódico, o Diário Catarinense, foi comprado pelo grupo RBS Comunicações em 1982 e relançado com características inovadoras em 1986. Esse jornal, principalmente a partir da década de 1990, passou a ocupar o posto de mais destacado do Estado⁴³.

As informações sobre esses periódicos são fundamentais tendo em vista que as sensibilidades, preconceitos, tradições e interesses presentes nas

³⁷ CÂNDIDO, Antônio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

³⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

³⁹ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴⁰ Beto Stodieck, conforme foi indicado anteriormente, também se auto-designava de colunista social-democrático.

⁴¹ MAY, Patrícia Zumblick Santos. *Redes Político-empresariais de Santa Catarina (1961 – 1970)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, Florianópolis, 1998.

⁴² PEREIRA, Moacir. *Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

⁴³ *Ibidem*.

colunas sociais sofrem a interferência das redes de sustentação dos jornais onde eram elas veiculadas.

Desse modo, torna-se necessário ressaltar que os jornais apresentam não apenas uma versão de acontecimentos, como também a própria *criação* dos mesmos. Esses são selecionados e editados a partir de interesses os quais envolvem disputas políticas e econômicas no momento de sua veiculação⁴⁴.

Além disso, destaque-se que as fontes principais utilizadas nessa pesquisa foram produzidas por indivíduos pertencentes às camadas sociais médias urbanas letradas de Florianópolis e, ainda, que elas eram escritas para a publicação num espaço bem específico da cidade.

Entretanto, as opiniões desses colunistas não diziam respeito apenas a eles próprios. Como eles necessitavam de leitores, eles dialogavam com o público e tratavam de questões presentes em debates acontecidos na cidade, especialmente nas suas camadas médias urbanas. Pode-se observar isso por meio de outras fontes utilizadas nessa dissertação como, por exemplo, reportagens publicadas na imprensa escrita, produções de cronistas, obras literárias, dicionários temáticos e anúncios publicitários.

Os dados referentes à migração constante nos censos demográficos de 1980, 1991 e 2000 realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constituem-se também outra fonte fundamental. Eles permitiram estabelecer algumas comparações importantes com informações presentes na imprensa e referências contidas na literatura produzida na cidade.

Estrutura da dissertação.

Com base nos pressupostos analíticos colocados anteriormente e nas fontes acima arroladas foram escritos três capítulos os quais permitem estabelecer três conjuntos de discussões as quais se complementam nas considerações finais.

O primeiro constata a existência de tensões socioculturais no período

⁴⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

anterior a década de 1990. Uma das interpretações resultantes se articula com a observação de que as tensões socioculturais acontecidas em Florianópolis entre as décadas de 1970 e 1990 referem-se a um movimento no qual uma relação caracterizada por vínculos sociais instáveis, como no caso de turistas em passagem pela cidade por alguns dias, passaram a ser substituídos por vínculos com maior estabilidade como, por exemplo, no caso da presença de novos moradores. Estes passaram a interferir de forma mais consistente no cotidiano da cidade quando, por exemplo, inflacionaram o setor de serviços ou disputaram vagas no mercado de trabalho.

Todavia, antes dessa interpretação, é realizada uma narrativa que pretende destacar o período no qual se desenrola a pesquisa. Nesse sentido, com base na bibliografia produzida, é possível estabelecer algumas especificidades presentes no município de Florianópolis a partir da década de 1970.

O capítulo dois trata das formas existentes até a década de 1970 de entender as relações sociais em Florianópolis. Uma análise do termo *ilheú* o qual era o mais utilizado para referir-se ao florianopolitano, permite identificar algumas divisões simbólicas na forma de organização do espaço social em Florianópolis que se manifestavam quando os colonistas sociais interpretavam determinados acontecimentos ou então quando faziam referência à primeira metade do século XX. No decorrer das décadas de 1980 e 1990, essas visões sobre Florianópolis passaram a ceder lugar a outras formas de pensar as relações entre seus habitantes.

Por fim, o capítulo três procura interpretar um propagado sentimento de que os moradores de Florianópolis seriam alvo de uma invasão de forasteiros o qual pode ser observado na imprensa escrita e nas colunas sociais diacronicamente, entre as décadas de 1970 e 1990. De acordo com essa percepção, Florianópolis seria desde sempre alvo de uma invasão estrangeira, composta pelos *tchês*, pelos *portenhos*, etc.

A análise é realizada pautada nos números referentes com a migração para a capital catarinense a partir dos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referentes aos censos de 1980, 1991 e 2000 e

aponta que tal sentimento está relacionado, em parte, com um conjunto de vivências e experiências acontecidas na cidade.

Capítulo 1

Espaços e conflitos na Ilha de Santa Catarina.

O município de Florianópolis, na atualidade, é constituído por uma porção insular, onde se localizam as mais de quarenta praias que fazem sua fama de capital turística como, por exemplo, as Praias de Canasvieiras, Mole e Joaquina. Existe também uma parte continental do município, onde se localizam bairros importantes como Capoeiras, Estreito e Abraão, onde também existem outras tantas praias, como as praias da Saudade, do Meio e de Itaguaçu.

As duas porções da área urbana de Florianópolis estão unidas por três pontes. Em uso existem as pontes Colombo Salles, construída na década de 1970 e a Pedro Ivo, inaugurada no início da década de 1990. A ponte Hercílio Luz, datada do início do século XX e que constitui um dos cartões postais da cidade, está desativada desde o início da década de 1980.

A observação de que existem duas partes no espaço da capital do Estado de Santa Catarina torna-se importante porque o texto aqui apresentado versa basicamente sobre conflitos acontecidos na porção insular da cidade e, além disso, foram interpretados por colonistas sociais que se identificavam, especialmente no caso de Beto Stodieck, enquanto moradores da parte insular, distinguindo-se, portanto dos moradores da porção continental de Florianópolis.

Apesar de muitas das características enunciadas nesse capítulo e, nesse trabalho, também poderem ser vislumbradas na parte continental, não seria adequado generalizá-las porque muitas delas estão articuladas ao movimento que tornou a parte insular da cidade um destino turístico o que, de certa maneira, engendrou a percepção de que ela é sinônimo de Ilha (Ilha da Magia, por exemplo), o que se manifesta na surpresa de visitantes quando percebem que existe a parte continental.

Além disso, torna-se necessário ressaltar que a configuração no espaço focalizado pela análise aqui empreendida é bastante recente. Ela surgiu acompanhando transformações demográficas e urbanas vivenciadas em

âmbito nacional a partir da segunda metade do século XX articuladas, por exemplo, ao crescimento das cidades que caracterizaram o período.

A partir disso, surgiram condições que possibilitaram à Florianópolis adquirir contornos diferentes daqueles de uma cidade que desde o período colonial possuía grande parte de sua existência articulada com sua função burocrática de sede do poder público. Tais fatores estiveram relacionados, por exemplo, com a exploração do turismo, a intensificação do setor de serviços e a constituição das universidades do Estado e Federal.

O objetivo desse capítulo é versar sobre algumas características de um conflito que aconteceu durante o período em que essas transformações aconteceram. Durante as décadas de 1970 e 1980, mais especificamente, um grupo de moradores que se identificavam como ilhéus sentiu-se impelido a se posicionar diante das pessoas por eles identificadas enquanto forasteiras em Florianópolis. Entretanto, antes de realizar isso, será empreendida uma incursão na bibliografia produzida com o intuito de proporcionar ao leitor uma versão sobre como se construiu o espaço no qual essa dissertação irá operar e, ainda, ressaltar algumas especificidades sobre o período o qual a pesquisa aborda.

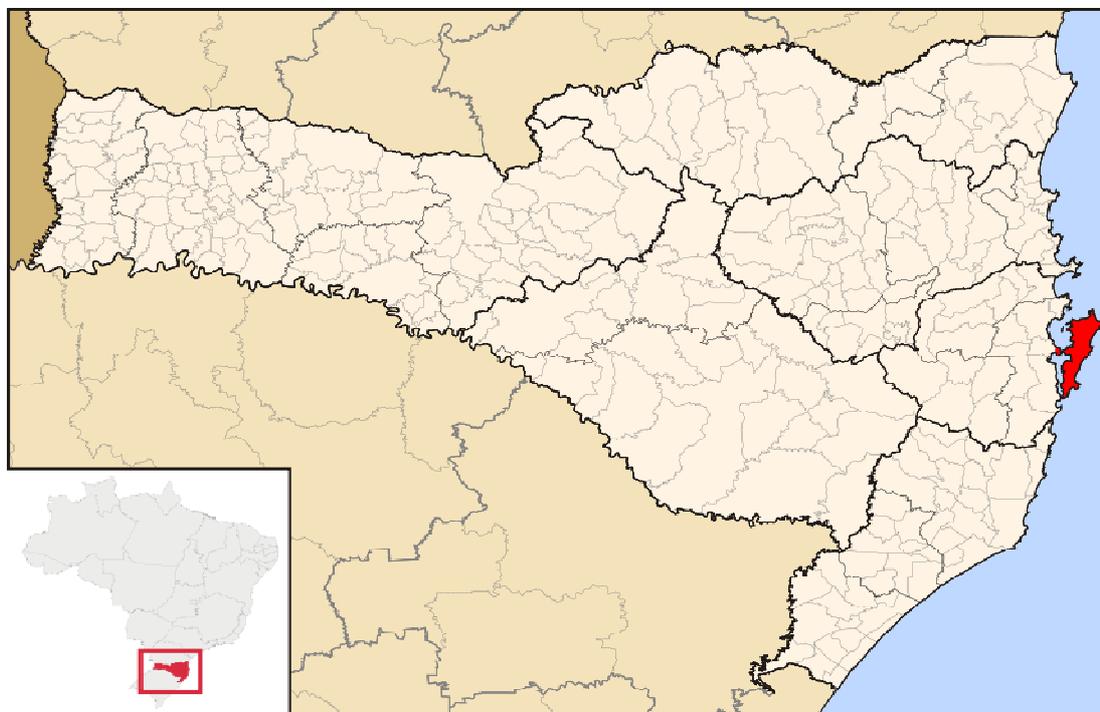
1.1. Múltiplas faces de uma ilha.

A historiografia acerca do reconhecimento do litoral brasileiro por navegadores europeus ressalta que *“pontos que correspondem ao litoral catarinense aparecem em cartas geográficas desde o início do século XVI através de navegadores de várias nacionalidades”*⁴⁵. A costa de Santa Catarina era lugar de passagem obrigatório para os navios que se dirigiam mais ao sul do continente e a ilha situada entre as latitudes 27°22' e 27°50' com uma área de aproximadamente 423 Km² com suas duas baías de águas

⁴⁵ PIAZZA, Walter Fernando & HUBENER, Laura Machado. *Santa Catarina*. História da Gente. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

calmas⁴⁶, constituía um porto seguro para o abastecimento de víveres. A figura I ilustra a localização de Florianópolis na costa sul brasileira:

Figura I: Localização de Florianópolis na costa sul brasileira.



R

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Retirado em: 26 de junho de 2008.

Por terem passado pelo território da Ilha durante o século XVI se destacaram os nomes de alguns navegantes. Provavelmente foi Juan Diaz Solis, ao contornar a costa brasileira rumo ao Rio da Prata, o primeiro europeu a nela aportar em 1512. Ao regressar à Espanha foi agraciado com o título de Piloto Maior do Reino, partindo novamente ao mesmo destino em 1515. Entretanto, nessa viagem ocorreu um contato mal fadado com os indígenas e Solis foi morto⁴⁷.

Outro desses navegadores foi Sebastião Caboto que, em 1526, a serviço da coroa espanhola passou pela Ilha e ao regressar teria publicado os mapas da viagem onde ela é denominada de Porto dos Patos. Entretanto, existe também a possibilidade de Caboto ter criado a denominação de Ilha de

⁴⁶ Informações retiradas de: CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA (CECCA). *Uma cidade numa ilha*. Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996. p. 15.

⁴⁷ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1970. p. 23.

Santa Catarina que surge pela primeira vez em 1529 no mapa mundial de Diego Ribeiro⁴⁸.

Os primeiros habitantes europeus da Ilha foram aqueles oriundos dessas primeiras navegações. Eram compostos por desertores como alguns dos tripulantes da embarcação de Caboto e também por náufragos. No caso da expedição de Solís, por exemplo, uma das embarcações no retorno à Espanha naufragou, alguns homens conseguiram se salvar e se juntaram à população indígena. Dentre eles estava Aleixo Garcia, que teria conseguido a façanha de chegar até os Andes, juntamente com os indígenas, numa expedição pela *rota ancestral dos povos indígenas da América meridional*, conhecida pelos jesuítas como *Peabiru*⁴⁹. Alguns desses náufragos foram resgatados por Cristóvão Jacques numa expedição realizada em 1521⁵⁰.

Havia também religiosos entre os primeiros habitantes europeus da Ilha: eles estavam presentes nas embarcações que nela aportavam. Existem notícias de religiosos na Ilha desde 1538 como, por exemplo, os freis Bernardo de Armenta e Alonso Lebron⁵¹.

1.1.1. Questionamentos de um território estratégico

A procura de novas rotas comerciais foi um dos motivos que possibilitou a chegada de europeus ao continente americano. Tendo em vista que o caminho terrestre era controlado por cidades como Veneza e Gênova, reinos como os de Portugal e Espanha investiram na possibilidade de encontrar um caminho marítimo que fornecesse uma alternativa para que continuasse viável o comércio com as denominadas Índias.

O reino português vivenciava no século XV uma relativa distância em relação a conflitos que aconteciam na Europa envolvendo coroas como a

⁴⁸ PIAZZA, op. cit., p. 23.

⁴⁹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero (org.). *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004. p. 27-59.

⁵⁰ FALCÃO, Luiz Felipe. *Dos correios desenganos e de outros desacertos: a presença portuguesa no Sul da América*. In: BRANCHER & AREND, op. cit. p.175-187.

⁵¹ Ibidem, p. 23-24.

espanhola, a qual, por exemplo, estava envolvida na guerra com os árabes que ocupavam parte da península ibérica.

Nesse sentido, Portugal, tendo como principal interessado o poderoso grupo de comerciantes que havia fomentado grande parte da Revolução de Avis, teve a possibilidade de promover uma série de navegações. Estas pretendiam chegar as Índias por outra rota, o que efetivamente aconteceu no ano de 1498, com a chegada de Vasco da Gama em Calicute.

Contudo, após o final da guerra pela Reconquista e com a saída dos mouros de Granada no início do ano de 1492, o reino espanhol também pode patrocinar navegações interessadas em expandir relações comerciais. Foi durante a expedição de Cristóvão Colombo, saída do Porto de Palos em Agosto de 1492, que a América passou a existir para os europeus em outubro daquele ano.

A confirmação de que as terras recém descobertas se tratavam de um novo continente ocasionou a emergência de diversos conflitos entre Portugal e Espanha em torno de sua propriedade. Isso pode ser observado a partir da assinatura de diversos tratados, que no decorrer dos séculos XVI ao XIX procuraram delimitar os marcos das possessões de cada coroa.

Todavia, tais tratados não foram eficientes para colocar fim as contendas, tanto porque ambos os reinos constantemente se viram envolvidos em conflitos na Europa, como porque, muitas vezes, as cláusulas ali contidas davam margem a múltiplas interpretações.

O primeiro desses tratados foi assinado no ano de 1494 na cidade de Tordesilhas, o qual ampliava a distância em relação às ilhas de Cabo Verde, dado anteriormente pela Bula Intercoetera, de 100 para 370 léguas ao ocidente do arquipélago. Dentre as observações ali contidas não estavam definidas, por exemplo, em qual dos pontos do arquipélago de Cabo Verde se iniciaria a contagem das 370 léguas da demarcação o que ocasionou divergências acerca dos limites territoriais.

Tal desacordo reverberou na costa sul do continente americano o que pode ser observado nas contendas entre Portugal e Espanha acerca da propriedade da Ilha. Do lado da coroa portuguesa, ela era percebida como de

sua propriedade o que pode ser notado quando da divisão do Brasil em capitanias hereditárias em 1534. Naquele momento, as terras localizadas entre a altura da Baía de Paranaguá e Laguna (e que formavam a Capitania de Sant'Ana⁵²) surgiam enquanto posse do domínio português.

Segundo a interpretação espanhola, o território pertencia à Espanha, já que a demarcação de Tordesilhas passaria na altura da bacia de Paranaguá⁵³. Nesse sentido, no ano de 1540, o rei espanhol, Carlos V, conferiu a Dom Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca os títulos de Governador e Capitão Geral das terras na área do Rio da Prata. Essa jurisdição dizia respeito à Ilha de Santa Catarina⁵⁴.

A descoberta de Potosi em 1545, no atual território boliviano, intensificou a presença de europeus no sul da América. Nesse sentido, pontos como aqueles proporcionados pela geografia da Ilha de Santa Catarina tornaram-se estratégicos para as expedições ao Rio da Prata, por onde escoava grande parte em forma de contrabando, a riqueza extraída da mina.

Os questionamentos ante as delimitações dos territórios americanos perderam o sentido durante os anos da união das coroas espanhola e portuguesa que, iniciada sob Felipe II rei da Espanha em 1580, perdurou até o ano de 1640.

Entretanto, ao final da união ibérica, as pretensões portuguesas na área ressurgiram. Isso pode ser percebido por meio da fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento em 1680 nas margens do Rio da Prata, diante da cidade de Buenos Aires. O porto espanhol, localizado na outra margem, constituía um entreposto para o charque produzido nas reduções jesuíticas e comercializado em cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo.

1.1.2. Fundações vicentistas

Durante o século XVII a costa sul brasileira foi percorrida por bandeirantes em busca de ouro e de indígenas que após serem capturados

⁵² PIAZZA, op. cit, p.25-26.

⁵³ ANDREAZZA, Maria Luiza. *Uma história do Paraná*. Não publicado.

⁵⁴ Sobre a presença de Cabeza de Vaca na Ilha ver: NÚÑEZ CABEZA DE VACA, Álvaro. *Naufrágios e comentários*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

eram comercializados como escravos para os centros produtores de açúcar nos engenhos coloniais.

As expedições rumo ao sul podem ser acompanhadas por meio do estabelecimento de povoações pelos vicentistas. Desse modo, surgiu Paranaguá, sede do município criado em 1648 que possuía como limites os confins do território português para o sul⁵⁵. Essa vila constituiu o ponto de irradiação rumo ao oeste, onde surgiram, posteriormente, povoados como o de Curitiba, por exemplo, erigido aos foros de vila em 1693.

Na direção sul, na parte litorânea, as bandeiras ocasionaram a formação, no século XVII, dos povoados de Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco (1658), Nossa Senhora do Desterro (1678) e Santo Antonio dos Anjos de Laguna (1684)⁵⁶. A figura II localiza a região onde foram estabelecidas essas povoações:

Figura II: Primeiras povoações vicentistas no território do atual Estado de Santa Catarina.



Fonte: Elaborado por Leandro Moraes Vidal e Rafael Damaceno Dias.

⁵⁵ ANDREAZZA, Maria Luiza & TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Cultura e Educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

⁵⁶ Referências retiradas de: Cabral, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1970. p. 39-46.

A primeira delas foi estabelecida por Manoel Lourenço de Andrade e transformada em vila quando da criação do município no ano de 1660. Seus limites territoriais terminavam ao norte com os do município de Paranaguá e ao sul iam até os limites pouco definidos com os domínios espanhóis.

Laguna, estabelecida por Domingos Brito Peixoto, um dos homens bons de São Vicente, foi elevada a foros de vila no ano de 1714. Os limites municipais eram dados ao norte pela Enseada das Garoupas, onde iniciava a jurisdição de São Francisco e, ao sul, pelos limites com as terras espanholas.

O estabelecimento dessas povoações por bandeirantes foi de grande utilidade para os portugueses quando da confecção do Mapa das Cortes em 1749, utilizados para a demarcação dos territórios que caberiam a Espanha e a Portugal.

Durante as negociações que viriam a ser firmadas no tratado assinado em Madri em janeiro de 1750 foi adotado como critério para a delimitação das fronteiras o princípio do *uti possidetis, ita possideatis*, ou seja, a terra deveria pertencer por direito àquele que a possuísse de fato. Nesse sentido, coube a Portugal o direito sobre territórios como aqueles onde estavam estabelecidos municípios como os de Desterro, São Francisco do Sul e de Laguna, cujas vilas surgiram a partir de povoações estabelecidas por vicentistas⁵⁷.

1.1.3. A fundação de Desterro

O primeiro núcleo populacional fundado a obter êxito na Ilha foi aquele empreendido por Francisco Dias Velho por volta de 1675: “A póvoa fundada contava com aproximadamente quatrocentos habitantes, que se dedicavam ao cultivo da mandioca e da cana-de-açúcar, à pesca e à procura de ouro”⁵⁸. Essa “teve os seus fundamentos em torno da ermida que, no alto da pequena colina,

⁵⁷ PIAZZA, op. cit., p. 47.

⁵⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004. p. 31.

o fundador construíra⁵⁹, o nome do povoamento era Nossa Senhora do Desterro o que fazia referência aos naufragos que ali se perderam⁶⁰.

Dias Velho havia partido de São Paulo dois anos antes acompanhado de seus familiares e servos indígenas. A região já era por ele conhecida porque juntamente com seu pai havia realizado diversas expedições para o apresamento de índios. Apesar do esforço empreendido, o povoamento foi prejudicado após sua morte o que motivou o abandono de Desterro por muitos de seus moradores⁶¹. Aos que ficaram, somaram-se algumas famílias provenientes de São Francisco do Sul que chegaram a Desterro no início do século XVIII⁶²:

Desterro tornou-se, assim, uma pequena comunidade de pescadores à beira da praia e como tal a viu Manoel Gonçalves de Aguiar, em 1711; mas, um ano depois, a sua população ascenderia a 147 moradores, todos lusitanos, não entrando em linha de conta os negros nem os indígenas⁶³, gente que vivia miseravelmente, temendo tanto o ataque dos aborígenes quanto à visita dos piratas e, quando ao amanhecer avistava algum barco ancorado na baía, não hesitava: - punha-se ao fresco, maço adentro, à espera de quem viesse, desconfiada sempre dos propósitos dos visitantes⁶⁴.

Em março de 1726 foi criado o município de Desterro, desmembrando-se da jurisdição de Laguna⁶⁵. Seu território fazia divisão com São Francisco do Sul no rio Camboriú e, ao sul, com Laguna, na região hoje correspondente a Garopaba.

A partir dos estudos sobre o período, é possível vislumbrar que a elevação de Desterro a foros de vila teria causado protestos em Laguna, já que esta era a vila do município o qual Desterro até então estava subordinada. A partir desta nova condição os barcos que possuíam como destino Desterro já não precisavam mais atracar em Laguna.

Indícios desses conflitos podem ser encontrados, por exemplo, nas disputas acontecidas no início do século XVIII em que Manoel Manso de

⁵⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. V.1. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 20.

⁶⁰ PIAZZA, op. cit.

⁶¹ CABRAL, 1970, op. cit. p.41-42.

⁶² CABRAL, 1979. op. cit. p. 20.

⁶³ No livro de CABRAL, 1979, existe uma nota referente a essa frase. A referência exata é: TAUNAY - Afonso D'E. - Santa Catarina Colonial – pág.45.

⁶⁴ CABRAL, 1979. p. 21.

⁶⁵ Sobre as disposições que deveriam ser observadas no momento da fundação de vilas, ver: SANTOS, Antônio César de Almeida. *Para a Civilização da América Portuguesa: povoações no Brasil das primeiras décadas do século XVIII*. p. 89-112. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, v. 12, 2004.

Avelar, responsável pela re-povoação de Desterro após o assassinato de Dias Velho, era acusado por Francisco Brito Peixoto, filho do fundador de Laguna, de efetuar comércio ilícito.

Num desses episódios Manoel Manso conseguiu a prisão de Brito Peixoto no ano de 1720. O cativo não teria sido longo porque com a criação da capitania de São Paulo, no mesmo ano, o primeiro governador teria colocado Peixoto em liberdade. Além disso, nomeou-o Capitão-mor de Laguna e o fez portador de ordem para prender Manoel Manso o que aconteceu no ano seguinte.

A prisão, contudo, também não foi duradoura porque pela influência de sua família e com a intervenção de outras autoridades da colônia, Manso foi colocado em liberdade depois de três meses e meio, regressando assim para Desterro⁶⁶.

1.1.4. Tratamento privilegiado de Desterro

Durante a implementação de ações que pretendiam assegurar a posse do Brasil meridional, a vila de Desterro recebeu por parte da Coroa um tratamento privilegiado.

O insucesso do regime das capitanias hereditárias levou a coroa portuguesa a reverter as donatárias em favor próprio. A capitania de Santana foi adquirida por meio de compra após o final do litígio entre os herdeiros de Pero Lopez de Souza: foi o Marques de Cascaes que as vendeu para a coroa portuguesa em 1711. Parte destas terras corresponde à capitania de Santa Catarina, criada em 1738, desmembrada de São Paulo, tendo como centro administrativo Desterro.

Durante o primeiro governo, sob a autoridade do Brigadeiro José da Silva Paes, foi realizado uma série de ações no sentido de guarnecer a sede diante de possíveis invasões por países europeus. Nesse sentido, entre os anos de 1739 e 1744, foram construídas quatro fortalezas em Desterro.

⁶⁶ CABRAL, 1970, op. cit. p. 47-49.

Essas fortificações obedeciam a um plano de defesa elaborado por Silva Paes. Ele era organizado em torno das fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim, de Santo Antônio de Ratonés, de São José da Ponta Grossa e de Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba. Os três primeiros fortes guarneciam a parte norte da Ilha e o último pretendia assegurar a defesa da parte Sul.

O fato de Desterro constituir-se num ponto estratégico ocasionou o aparecimento de uma estrutura social articulada com a presença de militares. Nesse sentido, ressalta Flores:

No século XVIII, quando a Coroa portuguesa estava muito interessada nos domínios do sul, a Ilha de Santa Catarina viria a desempenhar seu papel primordial: ponto de defesa militar. Localizada à beira da costa, entre o Rio de Janeiro e a embocadura do Prata, era de relevância estratégica nas guerras com os espanhóis. Desde 1737, começou a Ilha a receber contingentes militares e oficiais portugueses. No ano seguinte, com a criação da capitania de Santa Catarina, transformou-se em núcleo administrativo militar e civil⁶⁷.

Isso levou à formação de uma classe de burocratas composta pelos familiares dos militares que serviam em Desterro constituindo uma pequena elite na sede do município. Desse modo, muitos dos códigos sociais que norteavam as sociabilidades na vila eram decorrentes dessa condição de Desterro, conforme ressalta Pedro: *“o deslocamento dos militares de altas patentes, com suas famílias, para Desterro, tornava a hierarquia social da Ilha dependente da hierarquia militar”*⁶⁸.

1.1.5. Açorianos e madeirenses

A partir de meados do século XVIII, como tentativa de assegurar a posse do Brasil austral para o reino português, articulou-se a vinda de povoadores do arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira para diversas partes do Brasil, entre as quais a vila de Desterro.

Entre os anos de 1748 e 1756, por volta de 6.000 açorianos e madeirenses embarcaram rumo ao Brasil, dentre os quais cerca de 1.100

⁶⁷ FLORES, op. cit., p. 32.

⁶⁸ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis, Ed. da UFSC: 1995. p. 20.

desceram na capitania de Santa Catarina⁶⁹. Esses povoadores foram primeiramente distribuídos em Desterro e depois se deslocaram para outras partes da capitania.

A chegada desse contingente em Desterro, somado com o aumento gradativo da população que nela já vivia, ocasionou a expansão da área ocupada, o que pode ser vislumbrado a partir do surgimento de outras freguesias.

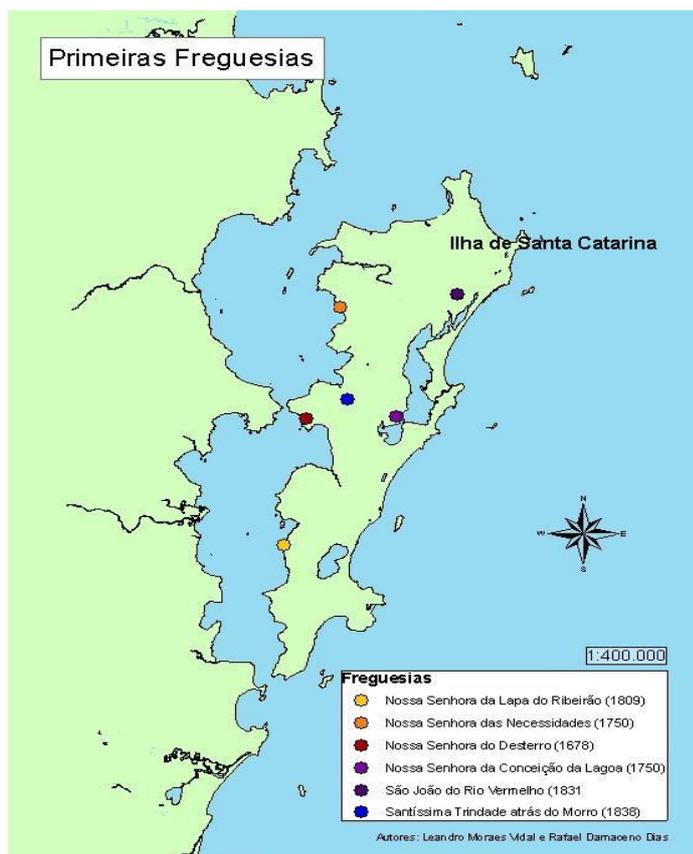
Desse modo, desmembrando-se da freguesia sede, foram criadas em 1750 na Ilha as freguesias de Nossa Senhora das Necessidades, onde atualmente é Santo Antonio de Lisboa, e de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, atual Lagoa da Conceição⁷⁰.

Durante a primeira metade do século XIX passam a existir, desmembradas de Desterro, a freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, no ano de 1809, e a freguesia da Santíssima Trindade atrás do Morro, em 1838. E a partir da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa passa a existir no ano de 1831, a freguesia de São João do Rio Vermelho, localizada na parte norte da Ilha. A localização das freguesias originadas de Desterro pode ser acompanhada a partir da figura III:

⁶⁹ PIAZZA, Walter. *A Epopéia Açórico-Madeirense*. 1748-1756. Florianópolis, Ed. Da UFSC, Ed. Lunardelli: 1992. p. 345-355.

⁷⁰ CABRAL, 1970, op. cit. p. 72.

Figura III: Relação das primeiras freguesias na Ilha de Santa Catarina.



Fonte: Elaborado por Leandro Moraes Vidal e Rafael Damaceno Dias.

1.1.6. Uma cidade portuária

A cidade, que está situada em local muito agradável, consiste de cerca de 100 casas mal construídas, e é habitada por 2.000 ou 3.000 portugueses pobres e escravos negros. A casa do governador e o quartel são as únicas construções que se distinguem, por sua aparência, das outras⁷¹

A descrição acima, realizada em 1803 e inscrita no diário de bordo do navegador Krusenstern, remete a um momento em que a Ilha de Santa Catarina era *um pedacinho de terra perdido no mar*⁷². Ela estava tão distante do Rio de Janeiro que, no momento da declaração de independência do Brasil, a notícia somente teria chegado a Desterro um mês depois, em sete de outubro...⁷³

⁷¹ KRUSENSTERN, Adam Johann Von. In: *Ilha de Santa Catarina*. Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1990. p. 139

⁷² Esse é um dos versos do Racho de Amor à Ilha, composto por Cláudio Alvim Barboza (Zininho), escolhido hino oficial de Florianópolis em 1965.

⁷³ PIAZZA, 1983, op. cit., p.49.

Contudo, a historiografia tem destacado que a partir da segunda metade do século XIX a vila vivenciou algumas transformações que lhe proporcionaram adquirir um contorno diferente daquela configuração em que surgia como um ponto militarmente importante. Isso esteve relacionado com a importância que passou a desempenhar o porto de Desterro enquanto entreposto comercial: “A importância do Porto de Desterro estava relacionada com o desempenho de sua função de escoadouro da maior parte da produção da Província, em especial da litorânea (...)”⁷⁴.

Durante o período imperial o comércio de exportação e importação da província de Santa Catarina representava quase nada do montante comercializado pelo Brasil. O período em que ele adquiriu maior expressividade como, por exemplo, nos anos de 1869-1870, em decorrência da Guerra do Paraguai, a porcentagem de participação no comércio nacional foi da ordem de 1,04%⁷⁵.

O comércio realizado no porto da freguesia sede era aquele que envolvia as maiores cifras de toda a província. A tabela I permite ter acesso à porcentagem de participação dos principais municípios nas exportações de Santa Catarina nos anos de 1849 e 1850:

Tabela I: Porcentagem em relação às exportações realizadas pelos principais municípios da província de Santa Catarina nos anos de 1849 e 1850.

Desterro	64,81%
Laguna	24,76%
São Francisco do Sul	7,72%
Porto Belo	1,62%
Lages	1,09%.

Fonte: Elaborada a partir de HUBENER, op. cit., p. 28.

No ano de 1859, dos cerca de 11.000 habitantes de Desterro, havia 1.774 indivíduos envolvidos com a atividade marítima os quais se distribuía nas funções de mestres, contramestres, ajudantes, entre outras. Com relação à parte comercial havia três grupos existentes na vila:

Em primeiro lugar, os atacadistas e comissários que recebiam os produtos do Rio de Janeiro e distribuía pelo comércio local, assim como efetuavam a exportação; os comerciantes varejistas ou “retalhistas” e, finalmente, aqueles que, em menor número,

⁷⁴ HUBENER, Laura Machado. *O comércio da cidade do Desterro no século XIX*. Florianópolis, Ed. da UFSC: 1981. p.27.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 59.

exerciam uma atividade artesanal e que comercializavam, eles próprios, as suas produções⁷⁶.

O desenvolvimento do comércio ocasionou o surgimento de uma nova elite em Desterro articulada ao setor de exportação e importação⁷⁷ e, não mais, diretamente vinculada aos órgãos oficiais como a Alfândega, a Junta da Fazenda e ao Regimento de Infantaria⁷⁸. Essa nova elite substituiu paulatinamente, nas funções administrativas da vila, os funcionários civis e militares que eram enviados à Ilha para ocuparem os cargos públicos⁷⁹.

Dentre as transformações urbanas desse período se destacam o início do calçamento do centro da vila a partir de 1816⁸⁰ e a inauguração de um sistema de iluminação com 50 candeeiros no ano de 1837⁸¹.

O acúmulo de riquezas provenientes do comércio ficava expresso no surgimento dos sobrados, muitos dos quais possuíam as funções de comércio na parte inferior e de residência na parte superior. De acordo com Cabral, “os que não se dedicavam à atividade comercial, raramente construíam sobrados, mesmo quando a prosperidade lhes sentava à soleira da porta”⁸².

1.1.7. Finais do século XIX e início do século XX: é preciso enterrar Desterro...

As transformações acontecidas durante o século XIX que possibilitaram a substituição dos militares na administração da capitania, por setores ligados ao comércio de Desterro, possibilitaram a emergência de outras formas de distinção social não mais vinculadas à hierarquia militar⁸³.

Desse modo, surgiram novos códigos sociais que procuraram organizar o cotidiano da cidade em função de uma “separação mais acentuada entre a cultura da elite e uma cultura tradicional, praticada pela população de baixa

⁷⁶ HUBENER, op. cit., p.18.

⁷⁷ PEDRO, op. cit., p. 21.

⁷⁸ HUBENER, op. cit., p.18.

⁷⁹ Ibidem, p. 29.

⁸⁰ CABRAL, 1979, op. cit., p.146-147.

⁸¹ Ibidem, p.152-157.

⁸² Ibidem, p. 243-249.

⁸³ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis, Ed. Da UFSC: 1995. p. 20.

*renda*⁸⁴. Em decorrência disto, surgiu uma percepção acerca dos hábitos das populações de baixa renda que passou a orientar intervenções em suas práticas sociais.

Uma delas, alvo de intervenção, dizia respeito ao ato dos pais de expor recém nascidos na porta da casa de moradores de Desterro. De acordo com Oliveira, a desativação dessa prática na cidade no final do século XIX está relacionada com a instauração de normas sociais acordadas com os valores da nova elite da cidade, onde o ato de expor passou a ser visto como ultrajante:

A cidade e as condutas foram remodeladas em função desta separação cultural e física entre a elite e os despossuídos. Talvez o impacto desta intervenção sobre os modos de viver na cidade de Desterro – e a sua difusão como referência para as condutas nas localidades circunvizinhas – possa ser medido justamente pela gradual redução do número de expostos, ocorrida já a partir de meados da década de 1850⁸⁵.

1.1.8. Intervenções urbanas

O advento da república não veio acompanhado apenas da modificação do nome de Desterro para Florianópolis em função da derrota dos federalistas catarinenses durante a revolta contra Floriano Peixoto. Assim como em outras cidades brasileiras, a capital de Santa Catarina vivenciou nesse período um conjunto de reformas urbanas como, por exemplo, obras de saneamento básico.

Essas ações realizadas pela administração estadual e municipal estiveram articuladas com uma política de intervenção na saúde dos moradores que pretendia colocar a cidade num patamar pautado pelas normas sociais consideradas adequadas pela elite da cidade⁸⁶.

Dentre as ações que pretendiam combater o amolecimento da vontade, o que corromperia “*os mais altos valores burgueses de organização social, entre eles o trabalho e a poupança*”⁸⁷, estava a distribuição de remédios e de

⁸⁴ OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira Oliveira. *Assistência aos expostos e remodelação das condutas em desterro*. p.224. In: História de Santa Catarina no século XIX. BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero (org.). Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

⁸⁵ Ibidem, op. cit., p. 224.

⁸⁶ ARAÚJO, Hermetes dos Reis. *Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20*. p.102-113. In: *História de Santa Catarina*. Estudos Contemporâneos. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

⁸⁷ ARAÚJO, op. cit., p. 175.

folhetos explicativos sobre as doenças e visitas às casas das pessoas que residiam na cidade.

Outra dessas ações foi a construção de uma rede de esgotos no centro de Florianópolis. Esse empreendimento articulado com a canalização do Rio da Bulha veio acompanhado da retirada da população pobre que residia naquela região e do seu deslocamento para as encostas que contornam os morros do centro da cidade.

Entretanto, o esforço em realizar uma transformação na parte urbana e a tentativa de intervir em práticas populares também estava relacionado com o acionamento de um discurso por parte da elite de Florianópolis no qual o imigrante alemão idealizado e as cidades advindas das comunidades germânicas surgiam como modelo a ser perseguido.

1.1.9. Imigração para Santa Catarina

Durante o Império, a partir da segunda metade do século XIX, existiu uma política de atração de imigrantes com a pretensão de substituir a escravidão por trabalho livre e, além disso, em conformidade com a ideologia racista do período, de branqueamento da população.

Essa política se traduziu, em Santa Catarina, no estabelecimento de imigrantes europeus em diversas partes da província de uma forma bem mais estruturada do que a imigração implantada durante o reinado de Pedro I⁸⁸.

A partir das últimas décadas do século XIX, cidades como Blumenau e Joinville oriundas das áreas de colonização surgiram como norteadoras do desenvolvimento almejado pela elite de Santa Catarina. Nesse sentido, de acordo com Arend, passou a existir um discurso que enfatizava o imigrante alemão idealizado como modelo de comportamento. Esse discurso que circulava também na elite de Desterro contrastava o imigrante alemão com os

⁸⁸ PIAZZA, 1983, op. cit., p. 66.

moradores pobres do litoral catarinense os quais não possuiriam, de acordo com esta ótica, a capacidade de empreendimento dos germânicos⁸⁹.

Entretanto, a associação do imigrante alemão idealizado com um modelo de civilidade a ser seguido não era unânime em Santa Catarina na primeira metade do século XX. As idéias relacionadas ao mito do perigo alemão alimentavam um movimento nacional de desconfiança em relação aos germânicos que, no Brasil, recrudescer e adquiriu contornos mais concretos a partir da Primeira Guerra Mundial⁹⁰.

No caso do estado catarinense, os alemães passaram a ser hostilizados e acompanhados das suspeitas de que formariam um estado paralelo. Isso poderia ser comprovado, segundo aquela ótica, pelo suposto isolamento das comunidades alemãs⁹¹, pelo uso cotidiano do idioma alemão em detrimento do português⁹² e pelo suposto despreço manifestado pelos germânicos em relação aos luso-brasileiros⁹³.

A partir dessas acusações, nota-se que outra maneira de lidar com os imigrantes alemães foi acionada na primeira metade do século XIX. De um momento em que encarnavam um modelo a ser seguido passaram a ser vistos com desconfiança em Santa Catarina⁹⁴ e, mais especificamente, em Florianópolis.

⁸⁹ AREND, Sílvia Maria Fávero. *Relações interétnicas na província de Santa Catarina (1850-1890)*. p.36-37. In: História de Santa Catarina no século XIX. BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero (org.), op. cit.

⁹⁰ MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *O Estado Novo e a questão da identidade nacional: a elaboração do outro*. In: SZESZ, Christiane Marques et alii (org.). *Portugal-Brasil no século XX: Sociedade, Cultura e Ideologia*. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003.

⁹¹ SEYFERTH, Giralda. *A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira*. In: I Seminário de Estudos Teuto-Brasileiros. Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. p. 14-27.

⁹² Muitos dos imigrantes vivenciaram profundas dificuldades por não saberem expressar-se corretamente em português. Sobre isso ver: FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2004.

⁹³ FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da Univali, 2000. p.47-105.

⁹⁴ FROTSCHER, Méri. *A cultura alemã como "ameaça" à cultura luso-brasileira: nacionalização e conflitos culturais em Santa Catarina*. p. 423-479. In: *O Beijo Através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó, Argos: 2001.

1.1.10. Revalorização dos açorianos

No caso de Santa Catarina, paralelamente a desqualificação dos imigrantes, notadamente os alemães, procedeu-se uma valorização do povoamento dos açorianos.

Isso aconteceu a partir da defesa da idéia de que o estabelecimento desse contingente teria possibilitado à coroa portuguesa assegurar a posse do território da costa sul brasileira e, notadamente, da Ilha de Santa Catarina.

Desse modo, ao contrário de um povo inapto ao trabalho que deveria ser alvo de um processo de regeneração dos seus hábitos⁹⁵, os moradores do litoral catarinense deveriam, de acordo com essa perspectiva, ser identificados enquanto heróis brasileiros. A esse movimento, cujo auge ocorreu no Primeiro Congresso Catarinense de História realizado em 1948 em Florianópolis, Flores denomina de *invenção da açorianidade*⁹⁶.

A partir daquele momento passou a existir uma categoria passível de identificação pelos moradores de Florianópolis. Em detrimento de outras parcelas da população como, por exemplo, indígenas e afrodescendentes que residiam em Desterro no século XVIII quando do estabelecimento dos açorianos, foi este último grupo que passou a constituir-se enquanto referência da brasilidade em Santa Catarina.

1.1.11. Florianópolis: uma economia articulada com a atividade pública

A partir da instauração do governo de Getúlio Vargas o Estado brasileiro vivenciou um momento em que sua estrutura administrativa foi reaparelhada, o que pode ser percebido por meio da expansão dos serviços públicos oferecidos.

Reverberações dessa política federal alcançaram Florianópolis a qual, pode ser percebida a partir da instalação na cidade de alguns órgãos federais como, por exemplo, a Delegacia Regional do Trabalho em 1932 e a

⁹⁵ ARAÚJO, Hermetes dos Reis. A invenção do litoral. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo, 1988. p.175.

⁹⁶ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: ed. da UFSC, 1997. p.113-141.

representação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 1938. E também pela criação de uma série de órgãos estaduais, durante a interventoria de Nereu Ramos entre os anos de 1937 e 1945, como, por exemplo, os departamentos: de Imprensa e Propaganda (1941), Estadual de Geografia e Cartografia (1943), Estadual de Informações (1945), Estadual de Estradas e Rodagem (1944)⁹⁷.

Tendo em vista que Florianópolis havia perdido o posto de porto mais importante de Santa Catarina em relação ao volume de recursos movimentados⁹⁸, a capital vivenciou um período em que a principal atividade, em volume de recursos envolvidos, era aquela articulada com o setor público. De acordo com Marcon:

Em 1940, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 38% da população economicamente ativa de Florianópolis estava concentrada no desenvolvimento de atividades governamentais, 25% nas atividades industriais, 37% na prestação de serviços, demonstrando que as atividades que dão sustentação a função de lugar central estão concentradas no setor terciário da sua economia, influenciado pela função política da cidade, como capital de um Estado Federado.

Além da diminuição do comércio marítimo na região, Florianópolis se viu em grande parte isolada das outras capitais do sul do país com relação a ligações terrestres. A principal via de transporte de cargas era a BR 2 (atual 116) que ligava o Rio Grande do Sul ao Sudeste, e que iniciada no ano de 1945 e pavimentada em 1958, atravessava o estado catarinense pelo planalto serrano por cidades como Lages, ou seja, bastante afastada da capital. A BR 59 (atual 101) somente foi iniciada no ano de 1957 e pavimentada em 1971.

Com a diminuição do comércio e com esse isolamento dos centros produtores passou a existir a imagem de uma capital que viveria à custa de impostos provenientes da arrecadação realizada em outras cidades do estado

⁹⁷ MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. 1 v. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 2000. p. 108 e 112.

⁹⁸ Entre as décadas de 1940 e 1950, ocorreu uma “diminuição gradativa do movimento portuário de Florianópolis, que recebeu apenas 555 navios e movimentou cerca de 236 mil toneladas de produtos, enquanto que os portos de Itajaí e São Francisco do Sul receberam em 1950, 821 e 866 navios respectivamente, e movimentaram cada um o dobro de tonelagem que o porto da capital”. In: Marcon, op. cit. p.115

como, por exemplo, em Blumenau, Joinville e Lages⁹⁹. Dessas cidades partiam especulações sobre a possível transferência da capital de cidade¹⁰⁰.

1.1.12. Expansão da área ocupada na Ilha.

A primeira ligação entre a Ilha e o continente, realizada por meio da construção da ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, ocasionou o surgimento de um processo de valorização imobiliária da área continental. Essas terras pertencentes ao município de São José, com a denominação de João Pessoa, passaram a constituir território da capital a partir de 1944 e no ano de 1949 tiveram seu nome modificado para Estreito¹⁰¹.

Com o intuito de articular o tráfego em direção a ponte, estradas foram abertas. Isso ocasionou ao Estreito, nesse período, adquirir a feição de um corredor para veículos advindos de municípios vizinhos rumo a Ilha. Com o decorrer dos anos, as terras ali existentes transformaram-se em lotes urbanos, muitos dos quais construídos por empresas imobiliárias como a Sociedade Imobiliária Catarinense criada no ano de 1937. Estas passaram a abrigar tanto moradores oriundos da Ilha quanto aqueles provenientes das cidades próximas a capital¹⁰².

Em decorrência da construção da ponte as áreas localizadas próximas aos seus acessos, as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, sofreram também um processo de valorização. Além disso, novas rotas tiveram de ser abertas para escoar o trânsito como, por exemplo, a Avenida Rio Branco no centro da cidade¹⁰³.

⁹⁹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970*. 1 v. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

¹⁰⁰ Nesse sentido, apesar das queixas sobre a condição de Florianópolis enquanto capital remontarem ao período em que o Brasil era colônia de Portugal, elas podem ser vislumbradas também no início do século XX na obra do escritor Virgílio Várzea. Sobre isso ver: VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina - A Ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985. p. 28.

¹⁰¹ MARCON, op. cit., p. 100 e 113.

¹⁰² Ibidem, p. 111.

¹⁰³ Ibidem, p. 100.

1.1.13. Florianópolis no final do século XX.

A partir da década de 1970 a Ilha passou a constituir-se num aglomerado urbano com grande parte de seus distritos, as antigas freguesias, interligado ao centro da cidade por uma malha viária. Assim, foram pavimentadas, por exemplo, a rodovia SC 401 que faz a ligação entre os balneários ao norte da Ilha com o centro e a rodovia SC 404, a qual faz conexão entre o trevo do Itacorubi com a Lagoa da Conceição.

Durante esse período, o centro urbano foi verticalizado a partir da derrubada de antigos casarões para ceder lugar a edifícios¹⁰⁴. Mais uma ponte foi construída, a Colombo Salles inaugurada em 1972, e foram realizadas as obras da Via de Contorno Norte iniciada em 1977 e completada no ano de 1982 que conectava o anel viário da ponte Colombo Salles ao início das SC 401 e 404.

Paralelamente a isso, acompanhando as outras capitais do sul do país, Florianópolis viu sua população aumentar devido à chegada de contingente populacional proveniente de outras regiões do país e também de outros países. Eram mineiros, cariocas, paulistas, uruguaios, paranaenses, enfim, procedências diversas que chegavam à cidade para nela residir¹⁰⁵. As tabelas II e III indicam os números desse movimento:

Tabela II: aumento populacional das capitais da região Sul a partir da década de 1970.

	1970	1980	1991	2000
Florianópolis	138.337	187.880	255.390	342.315
Porto Alegre	885.545	1.125.478	1.263.403	1.360.590
Curitiba	609.026	1.024.980	1.315.035	1.587.315

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela III: percentual do aumento da população das capitais da região Sul a partir da década de 1970.

	1980/1970	1991/1980	2000/1991
Florianópolis	35,82%	35,93%	34,04%
Porto Alegre	27,09%	12,25%	7,69%
Curitiba	68,30%	28,30%	20,70%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Este aumento populacional esteve relacionado com um conjunto de elementos dos quais se destacam: o desejo de se estabelecer numa cidade

¹⁰⁴ PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização* (Um estudo de Modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, 19-.

¹⁰⁵ Uma parte do capítulo três dessa dissertação versará especificamente sobre esse deslocamento para Florianópolis.

que não possuísse problemas característicos de centros mais dinâmicos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Destaca-se também o fato de Florianópolis ter-se constituído num destino de turistas em busca de suas praias. Tal ocorrência teria contribuído para que esta passasse a ser percebida enquanto uma cidade em que o urbano e a natureza conviveriam lado a lado, o que teria atraído muitos migrantes em busca de um propagado lugar ideal para se viver.

1.1.14. Percepções sobre a cidade

As transformações vivenciadas a partir da década de 1970 foram percebidas, por uma parcela da população, como um momento de ruptura com o passado. Isso surgia, por exemplo, nas colunas sociais publicadas durante a década de 1980: *“É com imenso prazer que a gente vem notando, de uns tempos para cá, que Florianópolis, enfim, não é mais aquela cidade provinciana que penou 'atrasada' no rolar de séculos; até há coisa de uns dez anos”*¹⁰⁶.

Parte das transformações vivenciadas na cidade e ressaltadas pelos colunistas sociais se referia aos novos comportamentos que surgiam na cidade. Dentre alguns desses novos hábitos que chamaram a atenção dos colunistas sociais da cidade se destacam aqueles associados aos migrantes. Estes eram denominados *forasteiros*, termo que poderia referir-se tanto àqueles de procedência nacional, quanto aos oriundos de outros países.

Por meio das colunas sociais é possível perceber que o destaque dado aos novos comportamentos fez parte de uma determinada leitura do cotidiano a qual fornece subsídios para o levantamento de algumas características dos conflitos socioculturais acontecidos na cidade.

¹⁰⁶ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 24 mai. 1985. p.20.

1.2. Algumas características dos conflitos.

No ano de 1979, o colunista social Beto Stodieck escreveu no mais importante jornal de circulação diária no estado de Santa Catarina naquele momento¹⁰⁷: “São quatro os tipos de pessoas por cá pintam: ou os que vêm em turísticos ônibus à jato ou aqueles que se chegam apenas com o intuito de passar uns dias ou quem sabe pra ficar ou dos tais transferidos e furiosos da vida porque tem de morar aqui”¹⁰⁸.

Esse trecho faz referência à presença de forasteiros na cidade. Existem nele muitos indicativos os quais serão explorados detalhadamente ao longo do texto: contudo, o primeiro deles que se deseja destacar é aquele no qual está inscrita a afirmação de que existiriam diferentes *tipos de pessoas* que chegavam a Florianópolis. Ao afirmar isso, o colunista sugere uma classificação baseada em quatro grupos de forasteiros distintos. Entretanto, uma análise detalhada de alguns acontecimentos vivenciados em Florianópolis durante as décadas de 1970 e 1980 permite vislumbrar que outra classificação também seria possível.

Durante a década de 1970 a Ilha vivenciou a implementação de uma série de ações que estavam articuladas com um projeto, que remonta a primeira metade do século XX¹⁰⁹, o qual pretendia transformar Florianópolis numa capital turística. Vislumbrava-se nisso, a redenção para uma cidade que não possuía indústrias¹¹⁰.

Para a população que sofreu os impactos do projeto, sua implementação veio acompanhada de aspectos positivos e negativos. Para muitos dos habitantes da Ilha, trouxe a possibilidade de um emprego diferente daquele proporcionado pela pesca e pela lavoura, que eram exercitados nos balneários e no interior da Ilha¹¹¹. A partir da abertura de hotéis, pousadas, lanchonetes,

¹⁰⁷ Sobre a imprensa nesse período em Santa Catarina ver: PEREIRA, Moacir. *Imprensa & poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli/FCC Edições, 1992.

¹⁰⁸ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1979. p.14.

¹⁰⁹ BITENCOURT, Suzana. *Castelos de areia: o turismo de litoral em Florianópolis (1930-1980)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005.

¹¹⁰ LOHN, op. cit.

¹¹¹ Uma leitura sobre o modo como viviam os pescadores do litoral catarinense pode ser encontrada em: EÇA, Othon d'. *Homens e algas*. Florianópolis: Insular: Ed. da UFSC, 2003.

farmácias e supermercados, novos postos de trabalho surgiram com o intuito de prestar atendimento aqueles que chegavam à Florianópolis¹¹².

Além disso, para que o turismo se tornasse efetivamente uma realidade, era necessário que a estrutura viária da cidade fosse ampliada. A obra se realizou a partir da revitalização das antigas estradas e com a abertura de novas rotas que possibilitassem a ligação das praias ao núcleo urbano central de Florianópolis. Isso trouxe uma maior facilidade de deslocamento para populações que residiam nas áreas mais afastadas, pois com essas estradas, novas linhas de ônibus foram implementadas o que diminuiu em muito o percurso de pessoas que antes dependiam, por exemplo, de barcos de pesca para se deslocarem ao centro da cidade¹¹³.

Todavia, mesmo com o aumento da capacidade viária da cidade, a grande quantidade de turistas presentes provocava uma série de confusões. O trânsito complicava-se com o número elevado de veículos. Na imprensa, por exemplo, os argentinos eram alvo constante quando se queria encontrar culpados pelo caos instaurado: *“Da série argentinos em la isla de magia, hoy ablarei sobre a mágica que a gente tem de fazer no trânsito, quando se encontra um argentino pela frente, por trás, a bordo de **su coche**, do seu carro – ou a 20 ou a 120 por hora”*¹¹⁴.

Além das confusões no trânsito também aconteceram conflitos referentes a comportamentos que se chocaram em Florianópolis. Alguns habitantes do interior da Ilha e também de sua porção central, acostumados com um padrão de referências que norteava seus modos de viver no cotidiano citadino, não se conformavam em ver turistas beijando-se na frente de todos ou então caminhando em trajes de banho pelas ruas¹¹⁵. Até nos supermercados a presença de argentinos eram motivo de insatisfação, sendo acusados pelo constante desabastecimento de produtos, como é sugerido em colunas sociais como essa:

¹¹² Conforme se vislumbra em: PASINI, Janete Maria. *Memória e cotidiano: a Cachoeira do Bom Jesus entre 1960 a 1970*. 2005. 1 v. Monografia (Graduação em História) - UDESC, Florianópolis, 2005.

¹¹³ Ibidem.

¹¹⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 12 jan. 1989. p.12.

¹¹⁵ Existem diversos exemplos de conflitos envolvendo forasteiros e florianopolitanos que podem ser vislumbrados em: FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

Na fila do balcão de aves do supermercado Angeloni, exagerado argentino lotava carrinho com partes de frango às ordens, porém no final. Enquanto a fila agoniava-se achando que nada mais sobriaria, tal a volúpia portenha... Dá-lhe “pollo”.

E de fato, o gringo não deixou sobrar aos brasileiros – o suficiente pra’um, o primeiro após, enfiar maleducada mão no carrinho argentino, retirando compulsórios pedaços de frangos, soltando irritado:

Essas partes são minhas – e por que é que vocês comem tanto, hem?

Saindo furioso com peitos e coxas dos filhos da galinha debaixo do braço, diante d’um argentino atônito que não teve reação...

Aplausos ecoaram.¹¹⁶

1.2.1. *Farra do Boi*

Um dos conflitos mais contundentes desse período devido à repercussão alcançada e, a partir do qual, Santa Catarina, e a cidade de Florianópolis, se viram expostos nacional e internacionalmente, foi aquele relacionado com a prática da farra do boi. Essa prática realizada durante a semana que antecede a Páscoa possui uma gênese de difícil localização, mas que de acordo com seus praticantes se inicia com a chegada dos açorianos¹¹⁷ no litoral de Santa Catarina. De qualquer forma, esse evento integra o lazer de algumas localidades catarinenses.

Entretanto, a partir de Flores, nota-se que, no caso de Florianópolis especificamente, foi apenas com o aumento demográfico da Ilha, assim como com a presença de turistas na cidade durante as décadas de 1980 e 1990, que tal prática passou a ser alvo de incisivos questionamentos. Isso não quer dizer que não houvesse críticas a ela antes desse período; elas existiam, mas se referiam basicamente as queixas dos proprietários dos automóveis danificados pelos bois ou então se referiam a indignação dos transeuntes que mesmo não participando da farra, poderiam sofrer escoriações no meio da correria que a soltura do animal desencadeava¹¹⁸.

O que modificou com a presença de turistas foi o alvo das críticas em relação à farra do boi. Elas passaram a focar os aspectos relacionados com a própria prática, vista naquele momento como cruel. Ou seja, turistas que se dirigiam para veranejar na Ilha se deparavam com uma prática muito diferente daquelas que eles poderiam imaginar na propaganda Florianópolis paradisíaca.

¹¹⁶ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1989. p.11.

¹¹⁷ FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

¹¹⁸ FLORES, 1997, op. cit.

Essas tensões eram desencadeadas por referências que se contrastavam. Os conflitos ganhavam visibilidade nos debates acalorados e em brigas violentas entre os que defendiam a prática enquanto uma tradição açoriana que deveria ser preservada e aqueles que reivindicavam seu fim¹¹⁹.

Esse conjunto de conflitos, tais como tumultos no trânsito, nos supermercados ou então nas disputas em torno da farra do boi, fizeram parte das tensões sociais referentes à presença de turistas na cidade¹²⁰. Eram considerados turistas as pessoas que permaneciam alguns dias ou então algumas horas em Florianópolis, as quais possuíam essas características de acordo com Beto Stodieck:

Os que vem a jato passam tão rápido que mal sentem a vista lá de cima do morro da Lagoa e o gosto do camarão da Conceição com rapidíssima esticada na Joaquina quando um ou outro por pouco não morre afogado. (...)

Os en passant são aqueles que vem, curtem rapidamente com o pessoal da terra, acham tudo incrível e pedem pros amigos dar uma olhadinha pra ver se transam um terreninho “que ainda deve ser bem baratinho por estas bandas”. De preferência de frente pro mar”, solicitam os ingênuos¹²¹.

São forasteiros que poderiam perturbar os surfistas da Joaquina na sua rotina na praia, ou então ser motivo de tumultos nos supermercados, mas possuíam em comum o fato de não permanecerem por grande período de tempo na cidade. Ou seja, apesar de, na coluna social, existir uma classificação em que esses são lidos enquanto dois grupos distintos: os que *chegavam em turísticos ônibus* ou *com o intuito de passar uns dias*, eles poderiam ser agrupados num único grupo: aqueles que chegavam à Ilha, mas iam embora.

1.2.2. Segundo tipo de conflitos

Além dos conflitos envolvendo pessoas que permaneciam por curto período em Florianópolis, existiam também aqueles relacionados com pessoas que chegavam à cidade para fixar residência. Estes novos moradores, ao se

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ O conflito sobre a prática da farra do boi não se resume a uma disputa entre turistas e florianopolitanos. O problema é muito mais complexo e aqui se pretendeu apenas ressaltar uma pequena parte da questão no intuito de se estabelecer um contraste que surgiu nas décadas de 1980 e 1990 sobre o modo de perceber a prática da Farra do Boi em Florianópolis com relação a períodos anteriores. Para uma análise sobre a prática da farra do boi ver: FLORES, op. cit.

¹²¹ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1979. p.14.

estabelecerem na cidade, geravam tensões referentes a disputas por vagas no mercado de trabalho, às comparações realizadas ao contrastar eventos, festas, restaurantes de Florianópolis com aqueles da terra de origem, ao questionamento das referências que norteavam as sociabilidades dos moradores e a tantas outras¹²². Estas tensões estão presentes nos dois últimos grupos classificados na coluna social: *aqueles que chegavam para ficar* e os *transferidos*. Esses dois segmentos também podem ser agrupados em um único grupo: aqueles que chegavam à cidade e não iam embora. A cada um deles estavam associadas determinadas características, nesse sentido, o primeiro segmento referia-se aos que chegavam à cidade por escolha própria:

Já os que vêm pra ficar, antes de curtir a terra já devidamente curtida noutras investidas, mais que depressa vão à caça de emprego pra garantir ao menos os próximos seis meses, normalmente se encostando na casa de um amigo já vindo e intrometido. “Depois de transar um emprego descolo uma baia”. (O de fora, vocês sabem, normalmente arranja emprego uma semana depois – é um espanto: só porque é de fora e a lábia é mais salivada do que a nossa, sobre os irrecuperáveis tansos...).¹²³

Esse tipo de forasteiro seria aquele que já tendo conhecido à cidade em algum período de férias tomando assim contato com as belezas naturais, resolviam comprar uma casa ou um terreno. A coluna está sendo escrita em 1979, num momento em que o preço dos terrenos ainda não havia sofrido o surto especulativo que acompanhou o desenvolvimento do turismo na Ilha de Santa Catarina durante as décadas subseqüentes.

Por fim, o colunista destaca algumas características do segmento de migrantes pertencentes ao grupo dos transferidos quando discorria sobre os atritos entre florianopolitanos e as pessoas que chegavam à cidade devido à instalação de sedes de empresas privadas. Ou então, indivíduos transferidos que chegavam à capital para trabalhar nos cargos comissionados de partidos políticos em repartições públicas¹²⁴:

¹²² Sobre isso ver os exemplos de conflitos analisados em: FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os “nativos” e os “haoles” se encontram*. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8. E ainda em: FRANZONI, Tereza Mara. As “perigosas” relações entre movimento popular/comunitário e administração pública municipal na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 1993. 1 v. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC, Florianópolis, 1993.

¹²³ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1979. p.14.

¹²⁴ Sobre isso ver os depoimentos contidos em: SIMÕES, Aldírio. *Retratos a luz de pomboca*. Florianópolis: AN capital: Besc, 1997.

Já os transferidos detestam a cidade logo de início. Não querem ir a nada nem de saber coisa alguma, morrem de tédio nas noites sem fim, vivem se lamentando que aqui não tem vida noturna, não tem isso, não tem aquilo, sequer assaltos a mão armada, tão emocionante. O passeio que mais fazem é ao aeroporto... (...)

Pois são esses os sintomas mais graves. Nos três primeiros meses desmaiam de dor a todo instante, reclamam horrores, são rebatidos, antipatizados, até que um belo dia acabam caindo nas graças de alguma praia local, sacam aquelas pessoinhas, são correspondidos (que aqui há sempre muita correspondência) começam a voltear pelas ruas, afinal, o que é que há de se fazer?, é verão. Até que vão passar as festas finais junto aos seus nas cidades de origem.

Pois não agüentam uma hora além Natal... O que é que há? “Ah, é essa falta de mar”, se desculpam diante dos amigos. “E aquela paz que não se encontra em lugar algum”. E vem correndo pra continuar curtindo esta tina arrodeada de mel por todos os lados – menos dois que nos prendem ao continente e que mais fazem entrar do que sair...¹²⁵

Um dos grupos dos transferidos mais focados pelo colunista referia-se aqueles provenientes da empresa pública Eletrosul quando “segundo determinação federal de descentralização das centrais elétricas interligadas a Eletrobrás, a mesma inicia sua instalação em Florianópolis a partir de 1975”¹²⁶.

De acordo com Marcon a maior parte dos funcionários desta empresa foi contratada depois de sua instalação na cidade, entre o período de 1976 a 1985 (perfazendo cerca de 53,80% dos funcionários do quadro). Mas, como as três primeiras levas de funcionários eram provenientes do Rio de Janeiro, evocar Eletrosul em Florianópolis passou a significar, nas décadas de 1970 e 1980, migração de cariocas. E ainda, remeter-se a transformações de toda ordem na cidade ocasionadas por seus funcionários:

O impacto registrado, à época, não foi somente em termos de quantidade de funcionários, mas pelo contrário, pela sua capacidade de consumo, gerando uma enorme demanda por todo o tipo de serviços e de infra-estrutura urbana. A entrada de funcionários, percebendo salários acima da média local, e ainda com uma gratificação complementar sobre seus salários (que vigorou por dois anos) causaram um impacto significativo na economia da cidade (...)¹²⁷.

As querelas relacionadas com os *eletrosuis*, termo utilizado naquele momento para designar na cidade os funcionários da empresa, podem ser percebidas em duas direções. Primeiramente, em relação ao impacto econômico advindo de seus salários, o que trouxe maior renda para quem trabalhava no setor de serviços e oferecia seus préstimos porque o pagamento se configurava bastante compensatório:

Segundo tradicionais patroas ilhôas, as *eletrosuis* (que são as mulheres dos *eletrosuis*) estão inflacionando o mercado doméstico, pagando ordenado de Rio às nossas

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ MARCON, op. cit., p.189.

¹²⁷ MARCON, op. cit., p. 190.

locomotivas de fogão. Se antes elas ganhavam Cr\$ 300,00 mensais, hoje recebem Cr\$ 700,00 (...) ¹²⁸.

Por outro lado, o salário dos eletrosuis gerava divergências. As famílias de classe média de florianopolitanos que estavam habituadas a dispor de serviços domésticos teriam de conviver a partir daquele momento com o sempre incômodo fato de saber que nas residências dos eletrosuis se pagava mais pelo mesmo serviço, conforme sugere a coluna social acima.

Outro descompasso que se verificava diz respeito às comparações que eram efetuadas entre a vida noturna na cidade do Rio de Janeiro com a de Florianópolis. De acordo com Costa, a Ilha possuía uma vida noturna que era motivo de satisfação para seus freqüentadores, no entanto isso dependia da quantidade de amigos que se conhecia e também do fato de se saber transitar conforme os códigos sociais que norteavam as sociabilidades dos bares da cidade ¹²⁹. Ou seja, era um tipo de boemia diferente daquela que existia no Rio de Janeiro e, como Beto Stodieck sabia disso, escrevia nas suas colunas sociais o desconforto que a comparação entre a vida noturna das duas cidades causava:

Com essa estorieta toda aí em relação aos discutidos “de fora” que pra cá vieram a fim de ficar, desafiar e desempenhar em detrimento ao local, o próprio se esqueceu, até, dos eletrosuis “em semelhantes condições”, insinuam os ilhéus. Aí é que se enganam: os eletrosuis já vieram com os seus empregos garantidos – ou melhor, trouxeram o seu serviço – o que, convenhamos, é uma diferença absolutamente distinta. O problema com relação aos tais eletros, se é que ainda há problema diante das ameaças “dos outros” é aquela empáfia de alguns, aquele pretensão de superioridade diante das coisas e pessoas locais, a tal da injustiçada comparação que tentam fazer entre as transas cariocas e as nossas, coitadas ¹³⁰.

Como se percebe, nas colunas sociais escritas durante as décadas de 1970 e 1980, existia no período uma tentativa de classificar a presença de forasteiros na cidade. Isso foi feito, no caso de Beto Stodieck, por meio da classificação em quatro grupos, mas que podem ser reduzidos a dois. Essa redução a dois grupos - os que iam embora e os que ficavam - pode ser interpretada como um momento de transição no qual atores sociais que não possuíam vínculos estáveis, passam para uma condição na qual relações

¹²⁸ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 14 abr. 1976.

¹²⁹ COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

¹³⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978.

sociais mais consistentes se estabelecem. Num plano mais amplo, sem citar fontes; e apenas periodizando a emergência de um campo em que se desenvolveram amplas relações de alteridade, pode-se vislumbrar isso, a partir de Elias e Scotson, como a passagem de uma figuração na qual grupos sociais independentes num momento, tornam-se interdependentes em outro¹³¹.

Uma leitura desses conflitos acontecidos na cidade a partir desses autores sugere que se devem levar em conta, fatores como o sentimento ao lugar e aos valores compartilhados, aos lugares freqüentados, o que era motivo de satisfação, e ainda outros. Eles demonstram que, além de motivações econômicas, religiosas e étnicas, também existem outros elementos presentes no deslocamento de contingente migratório¹³².

Nesse sentido, apesar de Beto Stodieck ser pertencente a um grupo específico na cidade, camadas médias letradas urbanas, suas colunas sociais trazem consigo outros elementos. Tais como, por exemplo, sentimentos provenientes de vivências individuais ou de experiências compartilhadas com seus amigos durante as décadas de 1970 e 1980 como o colunista Cacau Menezes¹³³.

Ainda, a partir de Elias e Scotson, o ponto de partida inicial, que deve nortear a análise de tensões desse tipo, reside em analisar os conflitos acontecidos como inerentes a um processo de transformação de figurações sociais conforme ressaltam no seu estudo sobre uma comunidade inglesa:

O problema a ser explorado não consistia em saber qual dos lados estava errado e qual tinha razão, mas em saber que características estruturais da comunidade em desenvolvimento de Winston Parva ligavam dois grupos de tal maneira que os membros de um deles sentiam-se impelidos – e tinham para isso recursos de poder suficientes – a tratar os de outro, coletivamente com certo desprezo, como pessoas menos educadas (...)¹³⁴

1.2.3. Disputas

No decorrer das décadas de 1970 e 1980 é possível destacar algumas características sobre o aprofundamento dos vínculos sociais na cidade. As quais podem ser agrupadas em conjuntos que se referem a três formas

¹³¹ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹³² Ibidem.

¹³³ Nesse momento apenas se está fazendo menção a uma questão que será analisada no capítulo três desse trabalho.

¹³⁴ ELIAS & SCOTSON, op. cit, p.24.

diferentes de perceber a presença de forasteiros em Florianópolis durante esse período. O primeiro conjunto pode ser identificado por meio de colunas sociais como esta publicada no ano de 1974:

Mas eu não tenho nada contra gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória. (...) ¹³⁵.

Durante a década de 1970 a cidade de Florianópolis possuía uma feição bastante diferente daquela do final do século XX. Um dos elementos que podem servir de exemplo para indicar isso é o fato de que, em 1974, ano em que a coluna social acima foi publicada, existia apenas uma ponte na cidade, a Hercílio Luz, construída durante a década de vinte e aberta ao tráfego de veículos no ano de 1926 ¹³⁶.

A coluna social destacada acima faz diversas referências. Sem seguir a ordem com que surgem pode-se destacar, primeiramente uma crítica com relação à *transformação de Florianópolis numa capital turística* ¹³⁷. Na leitura contida nessa coluna social os forasteiros que chegavam à cidade no ano de 1974 para conhecer as belezas naturais da cidade foram associados com a subtração da paz dos ilhéus. Essa paz de *saudosa memória* que supostamente caracterizaria o cotidiano de Florianópolis foi contrastada com o ritmo de cidades como Nova Iorque ¹³⁸.

¹³⁵ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

¹³⁶ Essa ponte foi construída em 1922. Sobre as transformações ocasionadas por sua construção na cidade ver: COSTA, Sandro da Silveira. *Ponte Hercílio Luz: mutações urbanas em uma cidade insular (1890-1960)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2002.

¹³⁷ ASSIS, Leonora Portela de. *Planos, Ações e Experiências na transformação da "pacata" Florianópolis em capital turística*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

¹³⁸ Cidades como esta constituíam destinos freqüentes do colunista em viagens que realizava. Existe, por exemplo, um capítulo do livro de Porto & Lago, denominado *Viagens*, no qual estão compiladas inúmeras colunas sociais em que Beto Stodieck narra suas incursões a países estrangeiros. Esse livro trata-se de um trabalho em que as autoras compilaram inúmeras colunas sociais de Beto Stodieck e reproduziram as mesmas por meio de uma organização por capítulos. A referência é: PORTO, Bea e LAGO, Fernanda (Org.). *É Tudo Mentira*. A história segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

Esse contraste remete ao primeiro conjunto de características que se deseja destacar. Ele refere-se à menção, realizada no excerto, ao fato de que seria um ilhéu aquele que teria nascido na porção insular de Florianópolis. Isso se salienta num outro trecho da mesma coluna social:

Florianópolis, Flo, Flor, Floripa, Florisa, ou, simplesmente, Flops, que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos. O que é que vocês preferem? Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus. Atravessou a ponte e não é mais Ilha não (é claro, senão não haveria razão de ponte e pontes). Sou radical e digo: a Ilha não é dos outros – afinal, o Streitcho existe pra quê? É claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (afinal, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a ilha é deles também, é pura pretensão. Não é deles, nem de ninguém (só nossa, repito) e muito menos dos gaúchos que vieram pra ficar¹³⁹.

Nessa coluna social a condição de ser ilhéu está associada com o território. O ser ilhéu baseia-se no atestado de nascimento na Ilha e a um suposto bairrismo conforme foi ressaltado anteriormente: *“Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias”*¹⁴⁰.

Nesse trecho se percebe que existe uma impaciência com relação ao diálogo realizado com os forasteiros. Sejam gaúchos, ou de outra procedência, existe uma determinação que versa sobre àqueles que chegavam à Ilha, segundo a qual, eles deveriam ter consciência de que ela tinha dono e de que eles eram forasteiros.

Essa determinação pode ser interpretada como uma proscrição, nos termos de Barth, no sentido de códigos que devem ser respeitados pelos indivíduos de um determinado grupo social para que eles possam ser identificados pelos outros como membros deste grupo¹⁴¹. No caso dessas colunas sociais, existe uma proscrição que as permeia: os ilhéus deveriam ser bairristas e defender a Ilha.

Todavia, a continuação da coluna social sugere a existência de ilhéus que não eram bairristas e também que não defenderiam a Ilha, permitindo, assim, que forasteiros a invadissem:

¹³⁹ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997. p.197.

Ainda agora estou sabendo que argentinos compraram (ou estão querendo comprar) toda a Ponta das Canas – Puenta de lãs Cañas lá pra eles. São os portenhos, invadindo o interior da Ilha. Aliás, a nossa ilha sempre foi dada a invasões, não é de hoje. Desde os tempos dos piratas que vinham, invadiam, matavam, defloravam, roubavam e deixavam a pobre da vila de Nossa Senhora do Desterro entregue ao Deus dará.

Não é a toa que a localidade onde hoje está localizada a nossa cidade, já foi chamada de Lagoa dos Patos...¹⁴²

Ressalta-se nesse trecho o acionamento de um conhecimento histórico¹⁴³ produzido em que é realizada uma conexão entre os habitantes da Ilha desde o período da fundação de Desterro com aqueles do século XX. Nesse acionamento, a presença de estrangeiros em Desterro está associada a perigos como, por exemplo, os acontecimentos relacionados com a morte de Dias Velho, assassinado por corsários. Forasteiros são sinônimos, segundo esta ótica, de transtornos na Ilha desde o século XVI¹⁴⁴.

Existe ainda, nessa coluna social escrita em 1974, a sugestão de que a Ilha somente é invadida porque alguns dos ilhéus seriam *patos*, ou seja, seriam indivíduos que facilmente eram enganados. Essa sugestão pode ser interpretada como uma penalidade que poderia acometer algum ilhéu caso burlasse a proscricção de não travar contato com o forasteiro. Se assim o fizesse, poderia ser acusado de ser um *pato* e se expor, desse modo, ao ridículo que essa associação ocasionaria, conforme está expresso enfaticamente nessa outra coluna social:

De vendedores de títulos nobres aos “sochalaites” aventureiros, por aqui já apareceu de tudo um tanto - muitos engambelando meia cidade de que é chegadinha à xenofilia; isto é, têm imensa simpatias por pessoas ou coisas estrangeiras...
Pintando por aqui de forma amiúde e sorradeira, pois o prato desta ex-Ilha dos Patos – sempre! – é farto e fácil!...¹⁴⁵

Além disso, essa associação pode ser interpretada nos termos de Elias e Scotson. Segundo eles, existem normas que devem ser observadas por um indivíduo quando faz parte de um grupo social:

Uma vez que uma ou outra forma de luta intestina – seja ela surda ou declarada e ruidosa – é sempre um traço dos grupos coesos, o rebaixamento da posição de um

¹⁴² STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

¹⁴³ Refere-se aqui por conhecimento histórico a produção historiográfica sobre a ilha durante a década de 1970. Nesse caso, por exemplo, Oswaldo Rodrigues Cabral já havia publicado diversas obras onde está expresso o conhecimento acionado pela coluna social.

¹⁴⁴ No segundo capítulo dessa dissertação discorrer-se-á, mais especificamente, sobre a referência contida na terceira linha dessa coluna social onde a praia de Canasvieiras é mencionada como parte do *interior* da Ilha. Isso remete a outra oposição existente na cidade naquele período, mas que não cabe analisar nesse momento.

¹⁴⁵ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 ago. 1987.

membro dentro da ordem hierárquica interna do grupo reduz sua capacidade de se manter firme na competição interna pelo poder e pelo status; nos casos mais graves, pode deixá-lo sujeito à pressão dos boatos depreciativos sussurrados à boca pequena ou até à franca estigmatização dentro do grupo (sem que ele possa revidar), que pode ser tão implacável e contundente quanto a estigmatização dos outsiders. A aprovação da opinião grupal, como veremos no estudo sobre Winston Parva, requer a obediência às normas grupais. A punição pelo desvio do grupo ou, às vezes, até pela suspeita de desvio, é perda de poder, acompanhada de rebaixamento do status¹⁴⁶.

Utilizando-se dessa leitura, ser associado a um pato pode ser interpretado como um rebaixamento da condição de ser ilhéu, caso se desrespeitasse a regra de não manter contato com forasteiros.

Existe, todavia, outro conjunto de características que remetem a outra forma de lidar com forasteiros na cidade diferente de proscricções que pretenderiam impedir o diálogo entre ilhéus e forasteiros. Isso pode ser percebido em colunas sociais como nesta escrita em 1979:

Ser ilhéu necessariamente não precisa ter nascido na ilha, mas sim estar inserido no espírito do seu dia-a-dia, conhecer as pessoas que fazem o folclore local e, por que não?, ser uma dessas pessoas; aí é ilhéu com toda as pompas e circunstâncias¹⁴⁷.

Nesse trecho se insinua a possibilidade de negociar a posição dos forasteiros na cidade, pois a questão de ser ilhéu não está associada com o território, mas sim com o compartilhamento de códigos sociais e culturais. Ser ilhéu é algo que remete, como Beto Stodieck escreveu, à continuação da coluna social, a um *estado de espírito*:

Assim como ser carioca é um estado de espírito – ou mesmo novaiorquino ou parisiense – pra ter condições ilhóas, o cara haverá de possuir uma cabecinha bem arejada, desprovida de maiores preocupações, não se espantar com o que viu ou fez, e não ter maiores preconceitos; é falar e se esquecer que falou, é não comer e dizer que comeu, é sempre deixar pra manhã o que pode fazer hoje, é dever e se esquecer que deve, enfim, ser ilhéu é uma arte, é sentir dono sem possuir bulhufas, é ser íntimo e, no entanto não gostar de receber¹⁴⁸.

Existe nessa coluna social uma margem de negociação, possibilitando que se altere a condição de forasteiro na cidade. Indivíduos não nascidos na Ilha podem tornar-se ilhéus desde que compartilhem do folclore local:

E pra que sua formação ilhóa seja realmente de primeira, o nativo tem que saber quem foi o Barca Quatro, o Curvina e o Adolfo; é ter mexido com o Marrequinha e ter recebido sombrinhada de “Marta Rocha”, é ter curtido a Lídia do Tenôno que o povo chamava de Traça. É ter apanhado de bolsa da mais gorda das Brigites quando da sessão das 3 e 45 do São José; é ter tomado sorvete na Cocota (que virou Didi) é saber quem é o senador Alcides Ferreira (e sacar que além de não ser senador

¹⁴⁶ ELIAS & SCOTSON, op. cit., p.40.

¹⁴⁷ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.

¹⁴⁸ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.

coisíssima nenhuma, também não nasceu na ilha, mas em Joinville). O bom ilhéu não deixou por menos e aprendeu a dançar check - to – check com o Celso Pamplona (que não nasceu na Laguna como muitos supõem, mas sim em Blumenau que ele não quer nem ouvir falar). E é tirar dedinhos de prosa com a Ciloca Luz, a do Cartório, é saber quem é a lara Pedrosa (que os gaúchos em geral nunca ouviram falar)¹⁴⁹.

Na primeira frase dessa coluna social existe a indicação de que a procedência não assegura ao *nativo*, termo utilizado, por exemplo, pelos surfistas da praia da Joaquina (a qual era freqüentada por Beto Stodieck) para referir-se aqueles que rotineiramente estavam na praia, ser um ilhéu completo. Somente está assegurada para um nativo essa condição caso ele conheça determinados símbolos, como aqueles listados.

Desse modo, se percebe que nos finais da década de 1970 e inícios dos anos oitenta, a condição para ser ilhéu parece ter adquirido outras dimensões. Nota-se, por exemplo, que ao mesmo tempo em que alguns nativos são impossibilitados de serem plenamente cotejados com a *condição ilhêa*, alguns indivíduos não nascidos na Ilha podem à ela ser associados.

Um exemplo em que isso aconteceu é fornecido pela coluna social ao mencionar Alcides Ferreira. Beto Stodieck declara que esse senhor é uma referência fundamental do *ilhado rosário*, apesar de não ter nascido na Ilha, mas em Joinville. Desse modo, se percebe nesse conjunto de características outra forma de lidar com forasteiros: eles podem se tornar ilhéus desde que, por exemplo, conheçam o ilhado rosário, com seus episódios e personagens.

Entretanto, existiam indivíduos não nascidos na cidade que não compartilhavam dos códigos culturais e sociais identificados como aqueles do espírito ilhéu. Esses continuavam a ser identificados como forasteiros para os quais estava reservado outro tipo de tratamento que pode ser destacado na continuação da coluna social:

Aliás, ser ilhéu é não querer saber de atravessar as pontes; é não gostar – e falar mal – dos vizinhos, tanto do norte quanto do sul, é ter comido empadinha da Manita no Chiquinho, é ter comprado pão na padaria do Moritz. É ter freqüentado altas noitada na Vila Palmira, se enveredado pelo balé do Brack; é ter brigado naquela memorável noite em que o Paineiras virou Pauleiras. O bom ilhéu não deixa por menos e fala bem rapidinho com todos os chiados que é pro não iniciado não entender a metade (...)
Se tu, caro telespectador, não viste ou não soubeste ou não rezaste ou teu pai não te contou metade deste ilhado rosário, não vem que não tem, não te mete nas coisas daqui, não palpita, que sabes de nada – tas por fora. E aí, meu filho, “pó de giz”...¹⁵⁰

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.

Nessa parte da coluna social volta-se a fazer referência ao território pois ela faz alusão a acontecimentos os quais somente quem teria nascido e estado presente na Ilha durante grande parte da vida poderia ter vivenciado. Como é o caso, de *ter comido empadinha da Manita no Chiquinho*. Além disso, os outros novamente são agrupados no grupo dos forasteiros porque sua procedência não é mencionada, *ser ilhéu é falar mal dos vizinhos, tanto do norte quanto do sul*.

A cidade que permeia a escrita dessa coluna social é aquela onde existe mais uma ponte construída, a Colombo Salles, concluída em 1975, como está expressa na palavra *pontes* utilizada no plural. É uma cidade onde a RBS está instalada, a qual iniciou suas transmissões em Florianópolis a partir daquele ano, como se nota na palavra utilizada: *telespectadores*. O turismo na cidade já está mais bem estruturado em relação a 1974 e, além disso, o restaurante Miramar, referência nas obras que tratam das sociabilidades existentes na cidade no período¹⁵¹, já não existia devido ao aterramento de parte da Baía Sul durante a década de 1970¹⁵².

Pode-se vislumbrar a partir dessas colunas sociais que havia em 1974 prescrições que pretendiam delimitar o contato com os forasteiros. Em 1979 elas foram substituídas pela abertura de um campo de negociação que possibilitava aos forasteiros alcançarem outra condição.

Essas duas formas de lidar com forasteiros na cidade se contrastam com uma terceira que pode ser identificada em colunas sociais, como nesta, escrita durante a década de 1980:

É claro que o atual boom florianopolitano é superior ao do início da década de 70, quando a essência da Ilha começou a notar que não mais estava sozinha, desconhecendo, com certa dose de preocupação, quem passava e a gente não conseguia identificar, muito menos cumprimentar... (dava uma agonia...)

Os prédios se avolumavam furiosamente em direção ao céu, essas coisas que tanto descaracterizaram a cidadezinha a beira-mar tranqüila.

Hoje FLN sofre novo e estonteante impulso, até parece que estamos a parte da realidade nacional... E, engraçado, acontecendo com aqueles que chegaram na década passada o que então fomos "vítimas": desconhecendo igualmente os que acabaram de chegar – não se cansam de chegar atraídos pela excelência da cidade – deixando-os nervosos por isso; se sentindo com alguma razão, donos de casa, também...

¹⁵¹ Como por exemplo, na dissertação de COSTA, op. cit.

¹⁵² SANTOS, op. cit.

Em suma, criaram raízes os eletrosuis, por exemplo...¹⁵³.

No ano de 1988 a cidade de Florianópolis se apresenta de forma muito diferente daquela da década anterior. Ela vê consolidado o turismo na cidade, sua estrutura viária torna-se mais diversificada e parte de sua população passa a residir nos balneários.

Essa coluna social pode ser analisada como indício da existência na década de 1980 de um olhar retrospectivo o qual vislumbra a existência de uma semelhança entre o sentimento daqueles que se auto-designavam ilhéus, na década de 1970, em relação aos forasteiros que chegaram à cidade naquele período, com o sentimento daqueles que, de acordo com a coluna social, se sentiam na década de 1980, *donos de casa*, em relação aos novos forasteiros que chegavam à Ilha na década de 1980. Isso se expressa na frase: *criaram raízes os eletrosuis*¹⁵⁴.

Desse modo, esse olhar retrospectivo estava voltado ao mesmo tempo para o passado e também para o presente. Ele pode ser visto como o indício de que ilhéus e forasteiros compartilharam códigos sociais e culturais, e que em relação aos novos moradores que chegavam à cidade na década de 1980, eles estavam conforme as palavras de Barth, *jogando o mesmo jogo*. Isso pode ser percebido, por exemplo, no trecho a seguir:

É com imenso prazer que a gente vem notando, de uns tempos pra cá, que Florianópolis, enfim não é mais aquela cidade provinciana que penou “atrasada” no rolar de séculos; até há coisa de uns dez anos.

(...)

E o que foi que colaborou pra esta súbita abertura? (Aliás nem tão súbita assim; foi batalhada, exigiu esforços e sacrifícios de toda raça que se viu perseguida por uns tempos – mas que hoje age livremente por conta dos adeptos inumeráveis).

Antes de mais nada, foi fundamental o desempenho de uns e outros, pelo início da década de 70, que, influenciados pelo movimentos universais que marcaram os anos 60, insistiram e exigiram novos hábitos; e depois, a vinda pra cá – pra morar – de pessoas provenientes de centros maiores, atraídas pela fama de “cidade ideal pra se viver”. (E aí, foram fundamentais as participações da Universidade e da Eletrosul, há que se reconhecer)¹⁵⁵.

Cabe ressaltar, como última consideração a ser feita nesse capítulo, que essas três formas diferentes de se relacionar com o forasteiro, não devem ser localizadas de modo estanque no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Isso porque existem colunas sociais escritas nas décadas de 1970 e 1980 que

¹⁵³ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988.

¹⁵⁴ Essa questão será analisada de forma mais detalhada na última parte do capítulo 3.

¹⁵⁵ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 24. mai. 1985.

escapam a essa periodização e que poderiam ser localizadas num período diferente daquele o qual aqui foi proposto. Por isso é que as colunas sociais foram analisadas enquanto indícios de conjuntos de características que permearam alguns dos conflitos socioculturais acontecidos em Florianópolis.

Capítulo 2

Ser ilhéu: formas de ler Florianópolis.

Os habitantes da porção insular da capital de Santa Catarina sempre conviveram com referências culturais provenientes de diversos lugares. Nesse sentido, buscou-se destacar essa questão do ponto de vista histórico, com especial relevo às dinâmicas de contatos culturais que ocorreram na segunda metade do século XX.

Os relatos que tratam das esperanças de se adquirir melhor condição material em outras cidades os quais, entremeados de aventuras e por passagens difíceis, expressam um quadro em que o ritmo lento de uma pacata cidade, contrastava com a dinâmica dos grandes centros. Nessas narrativas, os sonhos de uma vida mais feliz terminavam, muitas vezes, na volta para casa num barco pequeno e sujo, tendo-se de enfrentar uma noite de sono na *terrível corda*, como conta Menezes na obra *Retalhos do Tempo* escrita em 1977¹⁵⁶. Outros relatos dizem respeito à circulação de pescadores em processo de migração de retorno e seu papel na disseminação de elementos culturais alheios à cultura local, a qual vem sendo objeto de investigações. Córdova, por exemplo, já demonstrou que ainda nas décadas de 1960 e 1970 parte deles viajava em barcos pesqueiros para outras costas, desde o Rio de Janeiro até o Uruguai, onde entravam em contato com outras culturas as quais eram reelaboradas nos relatos feitos aos filhos e netos ou então trazidas por meio de novidades, como radinhos à pilha e novas peças de vestuário¹⁵⁷.

As camadas preeminentes da cidade também entravam em contato com as novidades do Rio de Janeiro, entretanto, obviamente, não em condições

¹⁵⁶ O autor relata que as acomodações no barco que fazia a viagem Florianópolis – Rio de Janeiro eram horríveis para aqueles que não dispunham de recursos para viajar nos setores mais requintados. Como dormitório, para os viajantes mais humildes, era disponibilizado um espaço no qual ficavam sentados lado a lado e onde havia uma corda esticada que servia para eles apoiarem-se enquanto dormiam. Além de sofrerem com qual tal posição, ainda tinham de tomar o cuidado de não se arrebentarem no chão quando a corda era solta no momento em que havia a troca de turno, ou seja, quando era a vez de outros viajantes dormirem. In: MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

¹⁵⁷ CÓRDOVA, Raquel Vieira de. *Ficar em Terra*. O processo de migração de profissionais da pesca. 1 v. Dissertação (mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1986.

semelhantes às aquelas descritas acima. Em viagens nacionais ou então internacionais, novidades chegavam à cidade quando do regresso desses viajantes. As opiniões formuladas acerca dos modos de viver em outras paragens traziam consigo também questionamentos em relação aos padrões de comportamento existentes em Florianópolis. Elas se manifestavam, por exemplo, na opinião dos colunistas sociais da cidade quando a comparavam com outras, como aquelas localizadas no continente europeu: *“já me embrenhei por diversos cantos (e Cantões!) desta Suíça que encanta e põe inveja. Ah, se Santa Catarina fosse assim! (Que estradas! Que educação! Que cidades! Que limpeza! Que preservação! Que modernidade!)”*¹⁵⁸.

Entretanto, o contato com formas de sociabilidade diversas ocorria na própria Ilha de Santa Catarina: a cidade, conforme foi visto no capítulo anterior, mais e mais, recebia viajantes que se encantavam com a beleza de suas praias. Mesmo assim, vale lembrar que, conforme Bitencourt, desde a primeira metade do século XX, Florianópolis já era procurada com fins turísticos¹⁵⁹.

Além disso, cantores e artistas de diversas partes do Brasil desembarcavam na cidade, em decorrência de projetos como o Pixinguinha na segunda metade da década de 1970. Ou, vinham muitas vezes, apenas devido a seus próprios desejos, tendo em vista que a cidade não possuía uma estrutura adequada para eventos de grande porte. No caso do show dos Doces Bárbaros em 1976, por exemplo, de acordo com Beto Stodieck: *“apenas a insistência de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que consideravam a Ilha uma espécie de Bahia do Sul, fez com que Florianópolis fosse contemplada com sua inclusão numa lista onde apenas as maiores cidades do Brasil estavam presentes”*¹⁶⁰.

Pelas ruas de Florianópolis na década de 1960, no seu Buick conversível cor de rosa, o jornalista Manoel de Menezes passeava com celebridades, como a Miss Brasil do ano de 1954, Marta Rocha, ou com um dos mais famosos jogadores da seleção brasileira das copas de 1958 e 1962, Garrincha. Nas procissões e nas festas do Divino Espírito Santo padres

¹⁵⁸ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 26 e 27 out. 1986.

¹⁵⁹ BITENCOURT, Suzana. op. cit.

¹⁶⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1976.

católicos advindos de regiões de colonização germânica reuniam-se aos fiéis que professavam um catolicismo popular¹⁶¹ e no porto, em frente ao mercado público municipal marinheiros misturavam-se aos moradores da cidade¹⁶².

Todavia essa integração de diversos atores sociais era apenas aparente: as relações que ali aconteciam estavam envoltas por divisões sociais. Isso pode ser percebido por meio das diversas leituras que interpretavam a forma como viviam os moradores de Florianópolis as quais faziam menção a oposições existentes na cidade. As colunas sociais, por exemplo, manifestavam uma capital contraposta com outras cidades do Estado ou então faziam referências a uma oposição entre seu núcleo urbano e a zona rural da Ilha.

Esse capítulo analisa isso. Primeiramente a partir de quais acontecimentos determinadas colunas sociais faziam referência, para depois apresentar um novo debate que passou a existir em Florianópolis e que ocasionou o aparecimento de outra percepção, articulada com a presença de forasteiros na cidade nas décadas de 1970 e 1980.

2.1. Uma Ilha nada tranqüila.

No ano de 1974, o colunista social Beto Stodieck tornou a dedicar atenção a um dos temas que surgiam com maior freqüência em seu espaço diário no jornal O Estado: as questões relacionadas aos contatos entre novos e antigos moradores da cidade. No dia seis de dezembro daquele ano ele escreveu:

Florianópolis, Flo, Flor, Floripa, Florisa, ou, simplesmente, Flops, que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos. O que é que vocês preferem? Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus. Atravessou a ponte e não é mais Ilha não (é claro, senão não haveria razão de ponte e pontes). Sou radical e digo: a Ilha não é dos outros – afinal, o Streitcho existe pra quê? É claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (afinal, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a ilha é deles também, é pura pretensão¹⁶³.

¹⁶¹ ALVES, Márcia. *Entre a folia e a sacristia*: as (re)significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925). Dissertação (Mestrado em História) – UFSC: 1999.

¹⁶² Relatos sobre conflitos envolvendo florianopolitanos e marinheiros na cidade existem em: SIMÕES, op. cit.

¹⁶³ O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

Nesse trecho, já analisado anteriormente, podem ser destacados outros elementos que permitem discutir algumas formas de interpretação de Florianópolis que existiam na cidade nas décadas de 1970 e 1980. O primeiro deles relaciona-se com uma controvérsia acerca da denominação da cidade. Como se sugere, existiriam diversas formas de nomear Florianópolis: “*Flo, Flor, Floripa, Florisa ou então, simplesmente Flops*”.

A controvérsia em relação ao nome da cidade não era novidade em 1970. Apesar de existirem sugestões de mudança de nome anteriores a 1894, como aparecia na imprensa com as denominações de Baía Dupla (fazendo referência as águas localizadas entre o continente e a Ilha) e de Ondina (figura mitológica relacionada com o mar)¹⁶⁴, foi a partir da troca para Florianópolis, homenagem a Floriano Peixoto, durante o governo de Hercílio Luz, que ela adquiriu bastante repercussão. Após o final da Revolta da Armada, com o assassinato de muitas pessoas (inclusive pessoas que haviam participado de combates durante a Guerra do Paraguai) pelas tropas do coronel Moreira César (morto em Canudos), foi aprovado projeto pela câmara de vereadores no qual se efetuou a troca da denominação de Desterro para Florianópolis¹⁶⁵.

No decorrer dos anos outras denominações para a cidade foram propostas tendo em vista as controvérsias diante do nome. Foram propostos nomes como Açorianópolis (com referência ao povoamento açoriano) ou Ilha dos Patos (retomando a antiga designação dos carijós que pioneiramente habitaram a região)¹⁶⁶. O debate circulava pelas ruas da cidade, em muito alimentada pelas polêmicas veiculadas pela imprensa periódica. No ano de 1976, o poder municipal chegou inclusive a dar amparo a causa onomástica, pois estaria “*aceitando sugestões com vistas a um novo nome para a cidade já que Florianópolis, realmente, não tem nada a ver conosco*”¹⁶⁷.

Dentre as inúmeras designações que Stodieck faz menção no excerto de sua coluna transcrito anteriormente destaca-se a passagem relacionada à forma como, segundo ele, a cidade é denominada no litoral de Santa Catarina:

¹⁶⁴ CHEREM, Rosângela Miranda. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do império*. 1994. 1 v. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo.

¹⁶⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1970.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ STODIECK, Beto. In: O ESTADO. Florianópolis, 12 nov. 1976.

“Flops, que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos”. Ao leitor de Stodieck esse trecho não precisava de explicações, pois ele remete a um campo de representações ativo por largo tempo em Santa Catarina. Por ele, desenvolveu-se a noção de haver uma diferença que estabelece contrastes entre cidades como Joinville (localizada no Norte de Santa Catarina) e Blumenau (localizada no Vale do Rio Itajaí) que possuem grande parcela de sua população descendente de imigrantes alemães que nessas regiões se estabeleceram durante o século XIX¹⁶⁸, com as cidades do litoral identificadas com o povoamento açoriano.

Entretanto, o elemento que mais importa destacar para os fins dessa análise, diz respeito ao trecho no qual se versa sobre a propriedade da Ilha de Santa Catarina e em que ela está associada aos ilhéus: *“Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus”*. Esse trecho aborda um conjunto de elementos que pode ser considerado como indícios de algumas fissuras existentes na cidade: ele remete ao modo como foi ocupada a parte continental de Florianópolis.

2.1.1. Ocupação do Estreito

O estabelecimento de pessoas na parte continental de Florianópolis é anterior a inauguração da ponte Hercílio Luz no ano de 1926, mas é a partir dela que sua população sofreu paulatinamente substancial incremento. Antes dessa construção o trânsito entre a capital de Santa Catarina e as outras partes do Estado era realizado apenas por meio de embarcações.

Todavia, mesmo depois da realização da obra, o transporte mais eficiente na travessia continuava a ser o marítimo. Isso não apenas devido à precariedade dos acessos à cabeceira localizada na parte continental, o que ocasionou que a inauguração da ponte fosse realizada cinco meses depois do final de sua montagem¹⁶⁹. Mas também principalmente porque era precário o sistema de transportes existente. Este era realizado em 1940 pela Viação

¹⁶⁸ SEYFERTH, Giralda, op. cit.

¹⁶⁹ ANDRADE, Djanira Maria Martins de. *A influência da ponte Hercílio Luz no desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1978. p. 92

Estreito que possuía cinco veículos e pela Limoense, proprietária de um veículo, empresas que além de fazer a ligação entre o continente e a Ilha, faziam o percurso entre o centro da cidade com os bairros do Saco dos Limões, Trindade, Itacorubi e Agronômica¹⁷⁰. Esses bairros localizavam-se nos limites do distrito sede:

Figura IV: Distritos de Florianópolis¹⁷¹.



Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

Com relação a esse transporte, o escritor Othon d’Eça que residiu em Coqueiros durante um curto período na primeira metade do século XX, ao fornecer depoimento para o jornal “Roteiro” em 1958, realizou a seguinte descrição:

A condução incerta e precária: um ônibus apenas, sacolejante, esfalfado por largos anos de velhice, de serviços e de oficina e que, de vez em quando, empacava no caminho.
E era uma novidade. Um tom de progresso e bem estar. Uma ousada iniciativa.

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ Dentre esses distritos, foram criados no decorrer do século XX: Cachoeira do Bom Jesus em 1916, Ratoles em 1934, Pântano do Sul e São João do Rio Vermelho em 1962; e no ano de 1995 os distritos de Campeche e Barra da Lagoa. Conforme página da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no endereço: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivo_historico/distritos.php.

Fazia duas viagens para a cidade: às seis da manhã e às duas da tarde; e duas da cidade para Itaguaçu: ao meio dia e às seis.

O proprietário, conforme a ternura do seu coração naquele dia, organizava uma extra a Florianópolis – uma fila notável, uma procissão.

- É... podem se preparar, lotando o carro.

Mas acontecia que, quase sempre, por cansaço, preguiça ou birra, o ônibus recusava prosseguir a marcha ao seu destino – e era em vão o apelo à gasolina, à carícia, ao murro, ao pontapé. O carro não tinha coração, nem sensibilidade, nem medo de caretas. Fincava as rodas e emudecia o motor¹⁷².

A partir da inauguração da ponte um conjunto de fatores contribuiu para que o continente tivesse sua paisagem alterada. Somado com a presença de lavradores os quais possuíam extensas faixas de terras na região, com os pescadores que ali viviam, com os forasteiros que se estabeleciam nas hospedarias existentes na cabeceira da ponte¹⁷³ e com os tropeiros que se fixavam por curtos períodos quando traziam gado da Região Serrana do Estado¹⁷⁴, iniciou-se um processo de demarcação de loteamentos de algumas áreas com o intuito de sua especulação imobiliária. Uma das empresas promotoras disso foi a Sociedade Imobiliária Catarinense que em 1937 inaugurou o loteamento Balneário da Ponta do Leal¹⁷⁵.

Essas transformações ocasionaram que a área continental paulatinamente deixasse de ser um espaço de passagem para pessoas provenientes de municípios como Palhoça, Biguaçu e São José, muitas das quais trabalhavam ou se deslocavam para realizar compras na Ilha¹⁷⁶, para tornar-se um espaço de expansão de Florianópolis¹⁷⁷. Com essa nova função e a partir de articulações políticas a área deixou de pertencer ao município de São José para ser anexada ao território de Florianópolis no ano de 1944. Cinco

¹⁷² D'EÇA, Othon. *Homens e Algas*. 5. Ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007. p. 14.

¹⁷³ Hospedarias datadas do período no qual inexistia a ponte. Quando o tempo impedia que a travessia para a Ilha fosse realizada com segurança era ali que os forasteiros se estabeleciam. Sobre isso ver: VEIGA, Eliane. *Transporte Coletivo em Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira – mar*. Florianópolis: Insular, 2004.

¹⁷⁴ Existia no continente, por exemplo, uma extensa faixa de terra conhecida como “Pasto do Gado” conforme consta em: CAMPOS, Nazareno José de. *Terras comunais na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Ed./Ed. da UFSC, 1991.

¹⁷⁵ MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000. p. 109.

¹⁷⁶ Consta que isso passou a acontecer de forma mais vigorosa com a construção da ponte Hercílio Luz o que teria ocasionado um impacto negativo sobre o comércio nos municípios localizados relativamente próximos a Florianópolis conforme: FARIAS, Vilson Francisco de. *São José: 250 anos: natureza, história e cultura para o ensino fundamental*. 2. ed. São José: Ed. do Autor, 2001.

¹⁷⁷ LAGO, Paulo Fernando. *Santa Catarina: dimensões e perspectivas*. Florianópolis, UFSC: 1978. p. 323.

anos depois a região anteriormente Distrito de João Pessoa, foi rebatizada por Estreito¹⁷⁸.

Além de ser o local de moradia para pescadores e lavradores¹⁷⁹, um dos principais usos da porção continental de Florianópolis era a de espaço de lazer para alguns moradores da Ilha. Como as condições das estradas para a parte norte da Ilha dificultavam o acesso àquela região, as praias de Coqueiros, Itaguaçu e Bom Abrigo, tornaram-se áreas propícias para a prática do *nada fazer*¹⁸⁰, ainda mais depois da melhoria das ruas existentes. Essas praias possuíam águas calmas e estavam localizadas próximas do centro urbano de Florianópolis.

Concomitante a isso, devido ao estabelecimento de pessoas com alto poder aquisitivo na região, o poder público viu-se na contingência de melhorar os equipamentos urbanos instalados na parte continental. Assim, novas ruas foram abertas e em torno delas novas residências foram construídas¹⁸¹.

Nesse sentido, d'Eça observava em 1958, que em decorrência da valorização das terras daquela região, seus *“velhos amigos pescadores”*, os *“homens cor de salmoura, de mãos lanhadas e pés descalços, que cheiram a sargaços moles e a limos esfiados”*¹⁸², estavam tendo de transferirem-se para outros espaços:

Apesar das dificuldades, Coqueiros era uma delícia e um encantamento sempre renovado: não sofrera, naquele tempo, como agora, o mal de ser uma praia de verão e de luxo catita.

As hordas elegantes ainda não haviam expulsado, com vagar, método e bangalôs, de suas velhas moradas, os velhos nativos¹⁸³.

Entretanto, a valorização dessas áreas não impedia que parte dos moradores da Ilha vislumbrasse a existência de uma diferença entre eles e os moradores da parte continental do município. Morar no estreito, não possuía o mesmo apelo do que morar na Ilha. Mesmo depois de ali passarem a residir moradores com alto poder aquisitivo como, por exemplo, Manoel de Menezes,

¹⁷⁸ MARCON, op. cit., p.100.

¹⁷⁹ SOARES, Iaponam. *Estreito: vida e memória*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

¹⁸⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1979. p. 15.

¹⁸¹ LAGO, Paulo, op. cit.

¹⁸² D'EÇA, Othon, op. cit., p. 17.

¹⁸³ Ibidem, p. 12.

proprietário da Rádio Jornal A Verdade, o continente continuava a ser percebido como uma parte diferente de Florianópolis:

Os altos do Saco da Lama, também conhecido como Palhocinha, quem diria, está tão mudado que já tem casa, imaginem, até em estilo mediterrâneo. Hum, que chique! Será que é chique mesmo ou o Saco da Lama continua fazendo jus ao nome?¹⁸⁴

Desse modo, apesar de surgirem casas em *estilo mediterrâneo*, percebe-se a existência de determinadas concepções acerca de Florianópolis pelas quais se atribuíam diferentes significados aos moradores da parte continental e aos moradores de sua porção insular. Por elas, o florianopolitano era percebido como o legítimo morador da Ilha, em detrimento do morador do continente. O colunista Beto Stodieck fazia alusão a esse campo de oposição binária quando expressava em seu texto *Uma cidade portuguesa, com certeza* o desejo de muitos moradores em residir no cidade de Florianópolis:

A cidade de Florianópolis tem umas coisinhas engraçadas. Ela cresceu e cresceu. É o que dizem todos os dias os bairristas emperdenidos que, na verdade, somos todos nós. (...) mas, ao mesmo tempo, ela continua sendo uma cidade pequena. (...) É que ninguém consegue fazer nada, nem viver, sem estar à sombra protetora da catedral. Todo mundo quer o centro. (...) Claro que outros lugares, fora disso, aí estão habitados, mas as transações todas, só aqui dentro. Basta dizer que, para que a cidade pudesse crescer um pouco mais desafogada, tiveram que aterrar um pedaço do mar, exatamente em frente à dita catedral. (...) É um negócio enraizado muito dentro da cabeça de cada um. (...)¹⁸⁵

Apesar de ser uma cidade que se articulava naquele período em torno do funcionalismo público advindo de repartições federais e estaduais; que possuía, em 1954, oito agências bancárias, contra nove em Joinville e dez em Blumenau; e que até aquele ano detinha como indústria principal a fábrica de Rendas e Bordados Hoepeck¹⁸⁶, Florianópolis era a capital.

Aldírio Simões, ainda na década de 1990, reiterava essa posição de superioridade dos ilhéus para com os do continente em uma de suas *Domingueiras*, crônica assinada por ele no jornal O Estado, denominada *Sou Ilhéu, graças a Deus*. Nela, os termos dessa fronteira cultural estavam bem claros, posto ele afirmar que uma das características do ilhéu era a de que ele *“atravessa a ponte apenas para comprar pneus”*¹⁸⁷.

¹⁸⁴ STODIECK, Beto. In: O ESTADO. Florianópolis, 03 dez. 1976.

¹⁸⁵ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis. 05 jul. 1974.

¹⁸⁶ MAMIGONIAN, Armen. *Florianópolis*. In: Atlas Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: Conselho Nacional de Geografia - DECG, 1958.

¹⁸⁷ SIMÕES, Aldírio. O ESTADO. Florianópolis, 24 mar. 1990.

2.1.2. O meio urbano e os pescadores/lavradores da zona rural.

Havia também campos de alteridade tributários a diferenças que eram percebidas entre os habitantes da própria Florianópolis. Elas podem ser vislumbradas a partir de alguns encontros e desencontros que eram motivo de observações:

Estão vendo só no que aconteceu a um carinha que conseguiu passar sob a eterna vigilância do Alfredão, o uniformizado porteiro da Dizzy (des)calçando sandália de dedo, das proibidas e que não deixam cheiro, noite dessas do final de semana que passou?

Teve o seu dedinho miudinho esmigalhado, pelos altos saltos da sandália de madeira de uma esfuziante e reboiativa foliã¹⁸⁸.

Trechos de colunas sociais como esta estavam referindo-se as vivências de parte dos moradores de Florianópolis diante da experiência da modernidade que pode ser entendida como possuindo dois aspectos. O primeiro diz respeito com as melhorias advindas de intervenções urbanas empreendidas pela prefeitura municipal e pelo governo do Estado as quais pretendiam, de acordo com uma determinada ótica, superar o atraso da cidade em relação a outras capitais brasileiras¹⁸⁹.

Dentre as intervenções urbanas acontecidas durante a década de 1970 destacam-se aquelas referentes ao aumento da capacidade viária de Florianópolis. Nesse sentido, foi construída mais uma ponte, a Colombo Machado Salles, concluída no ano de 1975, e principalmente, construíram-se rodovias interligando as partes Norte e Sul da Ilha de Santa Catarina.

A expansão dessa estrutura ocasionou profundas alterações na cidade. Por um lado, beneficiou as pessoas residentes nas áreas afastadas que poderiam se deslocar com maior facilidade ao centro urbano e trouxe maiores comodidades com a instalação de novos equipamentos urbanos como energia elétrica e calçamento de ruas, e artigos como chuveiro e televisão¹⁹⁰. E por outro, ocasionou o crescimento de possibilidades de obtenção de ocupações em atividades não associadas à pesca e a lavoura, como era a constante

¹⁸⁸ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 nov. 1977.

¹⁸⁹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970*. 1 v. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

¹⁹⁰ PASINI, Janete Maria. *Memória e cotidiano: a Cachoeira do Bom Jesus entre 1960 a 1970*. 1 v. Monografia (Graduação em História) - UDESC, Florianópolis, 2005.

naquelas áreas¹⁹¹ como, por exemplo, aqueles vinculados ao turismo¹⁹². Nesse sentido, convém salientar que com a conclusão da BR 101 em território catarinense a presença de turistas sofreu um substancial incremento conforme se pode notar nas colunas sociais.

Entretanto, a modernidade também está associada com um turbilhão de emoções o qual traz consigo a promessa de desejos que nunca são saciados¹⁹³. Nesse sentido, a modernidade adquire os contornos de um processo violento como o que, provavelmente, foi experimentado, nessas décadas, por pescadores e lavradores da Ilha de Santa Catarina.

A forma como viviam os pescadores¹⁹⁴ da parte insular de Florianópolis não era diferente daquela em que viviam os da parte continental do município. Conforme as palavras de d'Eça, pescadores que comiam *“quando o tempo era bom ou quanto o Ludovico não lhe fecha a conta do caderno”*¹⁹⁵.

As estradas que ligavam a parte urbana do município com as antigas freguesias ou os agrupamentos de *“ranchos gretados, de lama batida e grossas janelas de pau”*¹⁹⁶ assemelhavam-se a verdadeiras picadas. Muitos habitantes se manifestavam surpresos, nas décadas de 1950 e 1960, em saber

¹⁹¹ CASCAES, Franklin; CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

¹⁹² ASSIS, Leonora Portela de. *Planos, Ações e Experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

¹⁹³ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

¹⁹⁴ No decorrer do texto para não se perder a fluidez da narrativa o termo *pescador* está sendo utilizado sem muitos cuidados. Entretanto, cabe estabelecer uma melhor caracterização porque, conforme se vislumbra em Córdova, esse termo é bastante generalizante e encobre diversas formas de se praticar a pesca na parte rural de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970. Dentre essas modalidades, para os termos dessa discussão, é importante explicitar algumas delas mais de perto. A primeira delas refere-se com os *pescadores-lavradores*, pessoas possuidoras de propriedades, mas que trabalhavam prioritariamente na terra. A pesca para elas constituía-se numa atividade suplementar. O segundo grupo é formado pelos *pescadores artesanais*, pessoas que não possuíam extensões de terras capazes de fornecer resultados compatíveis com sua subsistência. Eles dividiam-se em dois: o primeiro formado por proprietários de redes e barcos e, o segundo, formado pelos *camaradas* que vendiam seu trabalho para o primeiro. Parte dos *camaradas* de Florianópolis partia vez ou outra para trabalhar na *pesca industrial*, passando a ser conhecidos como *embarcados*, pessoas que trabalhavam em grandes embarcações que costeavam grande parte da costa brasileira e também do Uruguai. Sobre isso ver: CÓRDOVA, op. cit. e: GARCIA, Sérgio Ricardo Costa. *Os embarcados: memórias de um movimento populacional da Cachoeira do Bom Jesus, norte da Ilha de Santa Catarina entre 1940 e 1980*. 2008. Monografia (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis, 2008.

¹⁹⁵ D'EÇA, op. cit., p.10.

¹⁹⁶ *Ibiden*.

que dentro do território de Florianópolis vivia uma população com experiências sociais tão diferentes daquelas próprias do meio urbano¹⁹⁷.

Nesses confins da Ilha parte de seus moradores vivia prioritariamente da lavoura, plantando feijão, milho, mandioca, batata, e do abate de algumas criações como de galinhas e porcos. Nos meses de maio e junho, devido à grande presença da tainha, muitos desses lavradores lançavam-se ao mar na busca pelo peixe. Para esses moradores a pesca constituía-se num complemento conforme as palavras de Cascaes: *“Nesta época, por exemplo, (começo de maio) todos eles estão nas praias, nos ranchos das canoas, esperando a pesca da tainha, e isso vai até fim de junho. Eles abandonam as roças, e até mesmo a farinhada, e vão para as praias, onde ficam até dois meses (...)”*¹⁹⁸.

Todavia, durante as décadas de 1970 e 1980, grande parte das áreas utilizadas para essas plantações adquiriram outra finalidade. Em decorrência da especulação imobiliária, que pode ser observada por meio da venda de áreas por parte dos lavradores e pescadores aos turistas e novos moradores da cidade¹⁹⁹, elas cederam lugar a novas habitações. No caso das terras públicas, ou foram transferidas a propriedade privada, ou continuaram públicas, mas foram cercadas. Exemplos disso foi o caso das áreas dos “campos comuns de Canasvieiras”, das “áreas comunais de Jurerê” e do “campo da Barra”²⁰⁰.

Esse processo ocasionou com que grande parte dos moradores da parte rural de Florianópolis tivesse de transformar seus modos de ser e de viver, o que pode ser percebido na descrição realizada dos pescadores artesanais²⁰¹: *“Tem pescador da Lagoa da Conceição vendendo baleeira, sua fonte de subsistência, só pra pagar o calçamento que acabou de ser lajotado em frente*

¹⁹⁷ LOHN, op. cit., p. 103-104.

¹⁹⁸ CASCAES, op. cit., p. 33.

¹⁹⁹ CAMPOS, op. cit.

²⁰⁰ *Ibidem*.

²⁰¹ Entretanto, muitas pessoas manifestavam o desejo de continuar a viver sem muitos dos símbolos os quais são comumente associados à modernidade. Um exemplo, disso é o Senhor Francisco, retratado no documentário *Seo Chico: um retrato*, do diretor: José Rafael Mamigonian, produzido no ano de 2004, mas que conta com as entrevistas realizadas pelo diretor no ano de 1996.

a sua casa²⁰², conforme descrevia Beto Stodieck. Parte deles, apesar de não possuir terras, possuía barcos e redes e, desse modo, conseguiam obter resultado satisfatório durante a divisão do resultado da pescaria. Outra parte, vivendo numa situação ainda mais difícil, era constituída por aqueles descritos por d'Eça como os homens “que cheiram a sargaços moles e a limos desfiados²⁰³. Estes eram obrigados a trabalhar em regime de *camaradagem*, ou seja, dividindo o resultado da pescaria e os gastos com combustível com os donos dos barcos. Desse grupo, muitos partiam para o Rio Grande do Sul, por terra ou pelo mar, para trabalhar em barcos de maior porte articulados a indústria pesqueira do período.

Nesse sentido, é importante destacar que os números relativos à população de Florianópolis nessas décadas não são ilustrativos para situar o impacto desse processo sobre o conjunto da população florianopolitana. Porque, de fato, quando confrontados esse números indicam que a participação da população rural subiu de 12,5% na década de 1970, para 13,9% na década seguinte. Entretanto, situar os moradores dessa parte de Florianópolis em percentuais entre 12 e 14% obscurece a importância que o mundo rural possuía na cidade:

Tabela IV – Florianópolis: população urbana e rural (1970 – 1980).

Florianópolis	1950	1960	1970	1980
Total	67.630	97.827	138.337	187.880
Urbana	51.115 ²⁰⁴ (75,6%)	77.585 ²⁰⁵ (79,3%)	121.028 (87,5%)	161.795 (86,1%)
Rural	16.515 ²⁰⁶ (24,4%)	20.242 ²⁰⁷ (20,7%)	17.309 (12,5%)	26.085 (13,9%)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Apesar dos dados indicarem uma população urbana muito maior do que a rural, a dimensão do conflito entre esses dois grupos não pode ser

²⁰² STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 nov. 1977. p.13.

²⁰³ D'EÇA, op. cit., p. 18.

²⁰⁴ Soma dos números referentes à população do quadro urbano (correspondente as pessoas que estavam presentes no momento da pesquisa na cidade, sede do município) equivalente a 40.311 pessoas, com os números referentes à população do quadro suburbano (correspondente as pessoas presentes no momento da pesquisa nas vilas, sedes dos distritos) equivalente a 10.804 pessoas. Elaborado a partir dos dados do IBGE.

²⁰⁵ Soma dos números referentes à população do quadro urbano (42.664 pessoas), com os números referentes à população do quadro suburbano (34.921 pessoas). Elaborado a partir dos dados do IBGE.

²⁰⁶ Soma do número de mulheres (8.361) e homens (8.154). Elaborado a partir dos dados do IBGE.

²⁰⁷ Soma do número de mulheres (10.200) e homens (10.042). Elaborado a partir dos dados do IBGE.

minimizada. A dimensão da zona rural pode ser percebida quando se percebe a leitura em que se expressava uma divisão entre os moradores da Ilha.

2.1.3. Dicotomias

De acordo com Elias e Scotson (2000), determinadas palavras utilizadas para expressar oposições entre grupos sociais, podem passar a adquirir no decorrer de um determinado período, conotações diferentes. Um exemplo disso pode ser percebido em duas utilizações da palavra vilão. Utilizada primordialmente para designar os indivíduos que viviam em vilas, e que remetiam a uma oposição com os senhores feudais, tornou-se, a partir do estabelecimento de outras relações sociais, sinônimo de algo negativo, remetendo a uma oposição entre um gesto nobre (algo a ser valorizado) e uma vilania (algo a ser desprezado)²⁰⁸.

De maneira semelhante, as interpretações existentes sobre os moradores de Florianópolis aconteciam em torno de separações que acionavam determinados acontecimentos. As colunas sociais escritas por Beto Stodieck e por Cacau Menezes, por exemplo, além de outras fontes aqui utilizadas, faziam menção a algumas sociabilidades presentes na cidade, a determinados acontecimentos, não apenas no município, mas também referentes às esferas estaduais, nacionais e internacionais, assim como a conhecimentos históricos produzidos sobre Florianópolis. Além disso, elas estavam articuladas com seleções nas quais essas referências adquiriam em muitos momentos o caráter de distinção social, entendida enquanto uma separação que traz consigo juízo de valor.

Entretanto, nas duas situações examinadas anteriormente, qual seja, aquela em que os habitantes da Ilha surgiam contrapostos aos do continente, e na qual os moradores do centro urbano se viam dissociados daqueles da zona rural, as oposições se sustentavam em elementos que traziam consigo um conjunto de valores que asseguravam a eficácia dessas distinções na cidade.

No primeiro caso, a diferença se baseava no pressuposto da capital ser a sede do poder. Nela os atos administrativos e políticos são elaborados e

²⁰⁸ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

impostos ao interior²⁰⁹. Tão somente por isso, o viver na capital seria diferente do viver no interior como, de certa maneira, o continente era vislumbrado. Essa concepção sugere um desdobramento da visão de cidade dos séculos XVIII e XIX quando o espaço urbano era destinado às atividades burocráticas. Nessa época, a maior parte das pessoas morava no campo, mas dependia do aparato institucional citadino. Disso decorreu certa visão de superioridade da cidade sobre o campo posto que, mesmo que as atividades econômicas e boa parte da vida social ocorressem fora da capital, ela concentrava o poder. Além disso, detinha instituições que a ela conferiam prestígio como escolas, faculdades, universidades, serviços de saúde mais sofisticados o que fazia com que elas fossem buscadas por muitas pessoas que viviam no seu entorno.

Já, no segundo caso, é possível pensar que a alteridade estava articulada com um conjunto de elementos nos quais o meio urbano era percebido enquanto superior, porque seria o lugar em que a ciência teria dominado a natureza²¹⁰. Essa demarcação entre os moradores da parte urbana da Ilha e os da parte rural também trazia consigo alguns elementos que constituíam reverberações da forma como o campo brasileiro era percebido no meio urbano. No caso de Santa Catarina, desde o século XIX, quando da chegada dos imigrantes que, segundo certa ótica do período iriam regenerar o trabalho no Estado, até as décadas de 1950 e 1960, durante a política nacional-desenvolvimentista, existia uma visão na qual o campo surgia como o lugar do atraso. Durante a década de 1950 mensagens de governadores catarinenses expressavam o desejo de intervir pedagogicamente nas áreas rurais com o intuito de introduzir uma lógica de produção mais eficaz do ponto de vista capitalista²¹¹.

Essas duas concepções, apesar de se articularem com elementos diferentes, indicam um intenso processo de rearranjo na forma como uma

²⁰⁹ NAXARA, Márcia Regina Capelari. *O (des)conhecimento do outro: pensando o "provinciano"*. In: MARSON, Isabel e NAXARA, Márcia. (org.) *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

²¹⁰ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²¹¹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. *A cidade contra o campo*. p. 41-72. In: *História de Santa Catarina*. Estudos Contemporâneos. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

parcela de seus moradores se identificavam e gostariam de ser identificados. Essa parte da população dizia respeito aos estratos urbanos da cidade que acreditavam ser importante (e dispunham de tempo livre para isso) observar os fatores que estariam contribuindo para que isso estivesse ocorrendo.

Isso pode ser percebido com maior vigor durante as décadas de 1970 e 1980 quando se percebe o entendimento de outra oposição na cidade. Aquela em que os novos moradores (e também os turistas) que afluíam à Florianópolis surgiam em oposição aos ilhéus. Entretanto, essa interpretação sobre as relações sociais que estavam acontecendo não se sustentava em elementos tão eficazes quanto àquelas outras duas visões. Apesar daqueles que se afirmavam enquanto ilhéus desejarem levantar fronteiras em relação àqueles percebidos enquanto forasteiros, alguns aspectos, impediam que essa oposição surtisse o efeito desejado. Esses *ruídos* podem ser vislumbrados, principalmente, no debate entre provincianismo e cosmopolitismo que acontecia na cidade durante a década de 1980.

2.1.4. *Os denominados ilhéus e forasteiros*

Em 1988 a reportagem do jornal O Estado cujo título era: ‘Todos os ranços provincianos e os vícios de uma bonita aldeia’ pretendia discutir a questão do provincianismo na cidade para responder à pergunta “*E, afinal, Florianópolis é ou não provinciana?*”:

“Florianópolis exala o cheiro forte destas duas características: a defesa do tradicional, um certo ufanismo e espírito bairrista de quem mora no paraíso e a repetição de modelos produzidos pela metrópole. Mário Quintana, em uma de suas sábias tiradas, diz que ‘provincianismo é querer morar no Rio de Janeiro’, aludindo ao sonho de todo gaúcho suburbano de habitar os grandes centros. O resultado desses sentimentos é contraditório: fala-se com patriotismo de uma ‘cultura catarinense que desponta no cenário nacional’, mas não se consome a produção local”²¹².

Esse trecho ilustra, sobremaneira, a pequena porosidade que a sociedade de Florianópolis, como um todo, teve para com os diversos processos de modernização que ocorreram precocemente em outras capitais brasileiras. Apenas para citar uma das capitais vizinhas, Curitiba passou diversas vezes por esse questionamento e, ao que tudo indica, o ano do centenário da emancipação do Estado do Paraná (1953) demarcou sua

²¹² O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988. p. 10.

autopercepção de uma cidade moderna: “foi o então Governador Bento Munhoz da Rocha Neto que definiu Curitiba como o palco privilegiado para a instalação dos símbolos do progresso, da modernidade e da identidade da sociedade paranaense. Curitiba deveria ser o pólo cultural do Estado”²¹³.

No plano local, o excerto da reportagem apresentado acima expressa uma vertente do debate sobre provincianismo que parece ter existido em Florianópolis: aquela articulada com a discussão acerca dos hábitos de seus moradores dentre os quais se ressaltava um suposto deslumbramento dos ilhéus diante de “coisas estrangeiras”. De acordo com Beto Stodieck, o ilhéu, ao invés de manter sua forma de viver e seus hábitos, assimilava os hábitos dos forasteiros sem maiores obstáculos conforme escrevia “Na Ilha dos Patos”:

Florianópolis mesmo não tem jeito – quanto mais velha, mais tonta. Ou melhor, os florianopolitanos deslumbrados.

Vamos virar o século e no entanto muitos continuam se comportando como se estivéssemos na virada do século passado...

Basta aqui aportar um bem falante forasteiro dizendo-se que é isso, aquilo ou o que quer que seja e quer, pra que as portas se abram (como num passe de mágica) com todas as pompas e circunstâncias²¹⁴.

Esse excerto mostra, como sempre, as contradições presentes nos processos de contatos culturais. De um lado, se percebe Stodieck de forma contundente, chamando a atenção de seus leitores para o fato deles estarem sendo excessivamente gentis e acolhedores com os estrangeiros que se dirigiam à cidade. Ele sugere bem indignado, que eles seriam provincianos justamente e unicamente por isso. Consegue inclusive transformar o antigo nome da cidade numa reprimenda, fazendo um paralelo entre o morador de floripa/Ilha dos Patos com alguém *tonto* e que por isso mesmo merece ser engabelado por qualquer aventureiro.

Por outro lado, é evidente que ele está descrevendo uma cidade muito diferente daquele descrita por ele na década anterior. Nessa descrição pode-se perceber que Stodieck faz menção a algo que segundo ele estava ameaçado na cidade: um determinado way-of-life. Uma das formas encontradas por Stodieck para impedir isso e, sendo assim, pode ser interpretada como uma

²¹³ ANDREAZZA, Maria Luiza & TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Cultura e Educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

²¹⁴ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 ago. 1987.

proscrição nos termos de Barth²¹⁵, seria a de evitar um sentimento de deslumbramento em face dos relacionamentos com os novos moradores da cidade, particularmente aqueles que teriam vivências anteriores acontecidas em grandes capitais, o que era interpretado como uma “atitude provinciana” e, por si só, desqualificante socialmente. Tal temática surge também em “*O blefe e o tanso na paisagem da ilha*”:

É irreversível, mas já faz parte da sua vocação: Florianópolis volta e meia é vítima compulsória do blefe – aquele que diz e age como o tal e apenas poucos têm o dom de sacar que não é coisa alguma...

Talvez por causa de uma irresistível tansice²¹⁶ extensiva a muitos, faz com que (nem todos) ilhéus - e alguns continentais – abracem e bajulem pessoas que se arvoram de “gênios” quando, na real não passam, como diríamos?, de canastrões de uma farsa diária e que se envolve na tua vida, numas até te aviltando...

Enganando-te redondamente – e o outro caindo, tal qual patinho.

Mas, tá aí uma geral desacostumada ou até acomodada caindo nesse tipo de picaretagem. (...) ²¹⁷

2.1.5. Entre provincianismo e cosmopolitismo

Entretanto, o debate sobre provincianismo na cidade não envolvia todos os moradores que chegavam à cidade, mas estava relacionado principalmente com aqueles possuidores de condições socioeconômicas que os destacavam em Florianópolis.

Durante as últimas décadas do século XX, as cidades brasileiras se constituíram numa espécie de encruzilhada em que diferentes referências provenientes de grande fluxo de migrantes se encontraram com aquelas compartilhadas pelas populações que ali já residiam. Um encontro advindo tanto do êxodo rural, quanto de migrações urbano-urbano²¹⁸.

Especificamente, em relação às cidades médias, esses encontros ganharam relevo tendo em vista que uma parte dos migrantes que para elas afluía era composta por contingente oriundo de grandes metrópoles que

²¹⁵ BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

²¹⁶ Beto Stodieck está referindo-se ao adjetivo tanso: palerma; vagaroso. Conforme: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 19--.

²¹⁷ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 29 e 30 abr. 1984.

²¹⁸ BRAGA, Fernando Gomes. *Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo*: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG - Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

possuíam elevado nível de qualificação. Nesse sentido, devido a essas características, esses migrantes tiveram condições de se colocarem em posições de grande visibilidade nas cidades médias²¹⁹.

No caso de Florianópolis, cidade considerada média²²⁰, que possuía uma população em 1970 de 138.337 pessoas e em 2001 de 342.315 pessoas, diversos autores destacaram essa característica em parte dos migrantes que para ela se deslocou. Dentre esses migrantes, destacam-se aqueles que vieram para trabalhar na Eletrosul²²¹, na Rede Brasil Sul de Comunicações²²² e professores e funcionários que prestaram concurso público durante a expansão das Universidades Federal e do Estado²²³.

Pode-se vislumbrar que o fato de serem migrantes possuidores de grande visibilidade ocasionou o surgimento de debates em que forasteiros e ilhéus apareciam enquanto ocupantes de lados opostos em Florianópolis. De acordo com Barth, campos de alteridades somente ocorrem quando indivíduos ou grupos sociais se vêm na presença de algo que a eles desperta a oposição. Conforme ressalta o autor:

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade. De outro modo, uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, diferenças de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo²²⁴.

Apesar desse trabalho não considerar ilhéus e forasteiros enquanto grupos étnicos²²⁵, é possível a partir das considerações de Barth vislumbrar

²¹⁹ ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. *Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96*. In: ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

²²⁰ Quando se leva em conta a classificação colocada por: Andrade, Santos e Serra (2001).

²²¹ MARCON, op. cit.

²²² CRUZ, Dulce Márcia. *A RBS em Santa Catarina: estratégias políticas, econômicas e culturais na conquista do mercado televisivo regional*. 1 v. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFSC, Florianópolis, 1994.

²²³ MARCON, op. cit.

²²⁴ BARTH, op. cit., p. 196.

²²⁵ A etnicidade foi tema de uma obra de Poutignat & Streiff no qual analisam as diversas discussões sobre a questão, assim como debatem as diversas teorias sobre o que vem a ser etnicidade. Se tomarmos, como uma das definições, que um grupo étnico se caracteriza pela

alguns pontos norteadores de análise. Nesse sentido, pode-se observar que, no caso de Florianópolis, aqueles que se denominavam ilhéus percebiam que os forasteiros estavam *jogando o mesmo jogo* que eles. Ou, em outras palavras, consideravam-nos como ocupando o mesmo patamar social que o deles. Um exemplo disso pode ser percebido na leitura de um trecho de uma coluna social já visto no capítulo 1, no qual Stodieck assim se pronuncia:

Mas eu não tenho nada contra gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória. (...) ²²⁶.

O gaúcho surge nessa coluna social como o *Centauro dos Pampas*. Ou seja, um ser que se impõe pela força, advindo da mitologia grega. Mas é na última frase em que se vislumbram com maior nitidez as considerações de Barth: *“Tirar a nossa paz, de saudosa memória”*. Ou seja, a presença de forasteiros na cidade se faz notar, não passa sem fazer-se perceber aos olhares daqueles que se autodenominavam ilhéus. Constitui uma presença distinta, por exemplo, daquela de migrantes com baixíssimo poder aquisitivo que residem nas encostas localizadas às margens da rodovia que faz a ligação da Ilha com a BR 101.

2.2. Novos territórios na cidade.

Um conjunto de autores tem destacado as diferenças existentes entre as várias modalidades de migração interna acontecida no Brasil. Tais variações, em grande medida, são associadas a fatores como a procedência dos migrantes, nível de renda, faixa etária e, ainda, a seu capital simbólico.

crença de que seus integrantes possuiriam uma origem em comum sustentada em critérios de filiação, se percebe que ilhéus e forasteiros não constituem grupos étnicos. Porque, como se está discutindo, essas oposições advindas de leituras das relações sociais, apesar de fazerem referência ao passado, não o faziam com o intuito de reivindicar uma ancestralidade comum aos integrantes que eram identificados enquanto pertencentes a cada grupo. Sobre isso ver: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

²²⁶ O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

Além disso, os pesquisadores averiguam quais fatores servem como elementos de atração populacional como, por exemplo, a expansão da oferta de emprego numa dada região ou a esperada qualidade de vida no caso de migrações de grandes cidades para outras de menor porte. Destacam ainda, que somente determinadas condições estruturais como a construção de estradas possibilitam que tal migração possa realizar-se.

Os impactos desses fluxos migratórios sobre o espaço em que eles se inserem são variados e, muito freqüentemente podem ser associados, por exemplo, com a expansão do mercado imobiliário, com o aumento das necessidades de novos equipamentos urbanos, e ainda, no caso migração de funcionários aposentados, com um acréscimo de renda nas cidades de destino²²⁷.

Entretanto, tal impacto também se observa nas diferentes maneiras de entender e conceber a cidade pelas pessoas que vivenciam e pelos grupos sociais que experenciam seu cotidiano. Este movimento de *praticar um lugar*, nos termos de Certeau²²⁸, torna o espaço uma espécie de encruzilhada onde o encontro de diferentes referências pode ocasionar a emergência de territórios como forma de dar sentido as relações sociais que acontecem em diversas escalas:

O território não se reduz então à sua dimensão material ou concreta; ele é, também, “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais” que se projetam no espaço. É construído historicamente, remetendo a diferentes contextos e escalas: a casa, o escritório, o bairro, a cidade, a região, a nação, o planeta²²⁹.

Deste ponto de vista, no caso de Florianópolis, novos territórios podem ser vislumbrados a partir do final da década de 1980. As colunas sociais apontam para um deslocamento das formas existentes até aquele momento de perceber (e entender) a cidade e que passaram a ser atravessadas por outras.

²²⁷ CAMPOS, Marden Barbosa; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de. *Uma análise demográfica e espacial das migrações de idosos no Brasil, 1980 a 2000*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

²²⁸ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

²²⁹ ALBAGLI, Sarita. *Território e territorialidade*. In: Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília, Relume dumará Ed., 2004. p. 26. Sobre essa temática ver, dentre outros: CAMPOS, Émerson. *Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea*. Criciúma (SC) (1980 – 2002). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2003.

2.2.1. Caminhos culturais na fragmentação do ser ilhéu.

As discussões em torno da inadequação de Florianópolis enquanto sede administrativa e política não constituíam um tema novo na década de 1980 na cidade. No final do século XIX e início do século XX, por exemplo, ela estava articulada com o subdesenvolvimento de uma cidade que, comparada com outras como Joinville e Blumenau, possuía uma economia frágil. De acordo com Virgílio Várzea, mais cedo ou mais tarde, a capital teria de transferir-se e naquele período ele vislumbrava como opção a cidade de Lages, localizada no planalto serrano²³⁰.

Entretanto, a discussão da inexistência de condições de Florianópolis como capital do Estado adquiriu outro contorno durante as décadas de 1970 e 1980. O debate, nesse caso, não foi associado com a falta de uma pujante economia que fosse compatível com sua condição de sede administrativa. Naquele momento ele esteve articulado com um sentimento de que Florianópolis era uma província:

(...) Segunda feira, primeiro dia do ano novo, saímos nós em busca de um lugar para almoçar, conversar, rir, beber, e tantas outras futilidades maravilhosas. Expectativa frustrada: acabamos dando de cara com uma cidade fantasma. (...).
Resultado: voltamos para casa, esquentamos arroz, fritamos meia dúzia de ovos, abrimos uma lata de pepinos e pensamos intimamente: que província desgraçada!²³¹.

A cidade, conhecida popularmente como a “terra do já teve”: “*Florianópolis já teve porto*”²³², “*Florianópolis já foi chique*”²³³, via estampada nas páginas dos jornais reclamações sobre a ausência de restaurantes e lazer. Ou então, que as poucas opções de diversão existentes, se deterioravam como, por exemplo, estampada no título da seguinte reportagem: “*Fechou mais um cinema na Capital*”²³⁴.

Mas não era apenas da falta de restaurantes que as pessoas reclamavam. Em comparação com outras cidades do Estado de Santa Catarina, como Criciúma e Tubarão, as quais possuíam uma população menor

²³⁰ VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: a Ilha*. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1984.

²³¹ Coluna do leitor. O ESTADO. Florianópolis, fev. 1990.

²³² STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 08 jun. 1973.

²³³ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 02 fev. 1989.

²³⁴ O ESTADO. Florianópolis, janeiro, 1986.

que Florianópolis no período²³⁵, a capital catarinense era descrita como um lugar em que faltava vida noturna:

É impressionante a diferença das festas que acontecem em Florianópolis das que rolam nas demais cidades de Santa Catarina, principalmente no Sul, onde dançar é lei para quase toda a juventude. Se na Ilha predomina o desânimo, os grupinhos de esnobes, todos encarnando uma grande estrela que na verdade não existe em ninguém, constantemente travados, em Tubarão e Criciúma, por exemplo, a coisa é bem diferente. (...)

Os empresários promovem sorteios de carros, motos e estão ricos, abrindo cada vez mais casas e melhorando e ampliando as suas. Em Tubarão e Criciúma, existe uma boate para cada noite. (...). Aqui as boates fecham. Tínhamos quatro no ano passado; hoje temos duas, igualmente falidas²³⁶.

Esses trechos indicam que existia uma concepção, especialmente presente nas colunas sociais, na qual a cidade surgia como provinciana porque não teria locais adequados para as pessoas divertirem-se. Uma das características provincianas estava associada com a vida noturna da cidade, conforme as palavras de Beto Stodieck: a “*monocultura de bar (o mesmo papo de bar de sempre)*”²³⁷.

Era o cúmulo, além disso, por exemplo, existir no propagandeado *paraíso dos trópicos*, termo utilizado em alguns momentos por Cacau Menezes para referir-se a Florianópolis, a contratação de cantores como *um tal de Dalvan* durante a inauguração do terminal coletivo, conforme se vislumbra nesta coluna social denominada *A Ilha dos manés*:

Essa onda de manezinho parece que pegou mesmo na Ilha. Nos próximos dias haverá em Florianópolis uma promoção denominada Sertão no Centro, enquanto que, um dia depois, está programado um show com o Clube do Bolinha. No dia seguinte, será a vez de um tal de Dalvan cantar na inauguração do terminal urbano. E tínhamos tudo para ser o grande paraíso destes trópicos²³⁸.

Mané da Ilha, nessa expressão, estava referindo-se a um movimento iniciado no ano de 1987 que pretendia homenagear as pessoas identificadas com aquilo que os organizadores do Concurso Troféu Manezinho da Ilha entendiam como as características mais típicas dos habitantes de Florianópolis.

Em torno desse movimento outras percepções do ilhéu surgiram, envolvendo e acionando outras referências e recursos simbólicos como se

²³⁵ Em 1980, Florianópolis possuía 187.871 habitantes, Criciúma 110.597 hab. e Tubarão 75.242 hab. Em 1991, Florianópolis possuía 254.341 hab., Criciúma 146.320 hab. e Tubarão 95.062 hab. In: Dados Censitários do IBGE.

²³⁶ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, jul. 1988.

²³⁷ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987.

²³⁸ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 jul. 1988.

perceberá mais adiante. Entretanto, não havia acordo com relação a essas conotações. Para alguns, ser considerado mané, ao contrário de traduzir uma homenagem, trazia consigo o significado atribuído pelo dicionário: “indivíduo inepto, indolente, desleixado, negligente, palerma”²³⁹ e que remetia a forma como eram interpelados os moradores da parte rural de Florianópolis quando visitavam o núcleo urbano da cidade. Mané, nesse momento, não detinha positividade. Ao contrário, significava deboche nessa perspectiva e, assim, o recebimento do troféu não era considerado um feito positivo²⁴⁰.

Além disso, no circuito em que se travava o debate entre o provincianismo ou não da cidade, a atitude de autodenominar-se mané, dizia respeito ao acionamento de um conjunto de significados existentes desde longa data e que remetia a falta de cosmopolitismo que andava sempre a espreita esperando um momento de manifestar-se na cidade. Assim, quando os colunistas escreviam, como Stodieck em 1988: “*O verdadeiro mané – manezinho da Ilha -, quando assim chamado, responde furioso, xingando a mãe do interlocutor. O restante é falso charme*”²⁴¹, eles não apenas faziam referência a esse movimento, mas o faziam de forma pejorativa.

Desse modo, ao que tudo indica, os colunistas sociais observavam as atitudes de parte dos florianopolitanos com vista a manterem uma determinada – e fluida – atitude não provinciana. Bom exemplo disso foi a criação de prescrições na maneira de informar situações inéditas na Ilha ou de exaltá-la sobremaneira. Por isso, dentre as frases que seriam indicativas de provincianismo da cidade, Stodieck destacava: “*Florianópolis já tem lancha*”, sendo que “*Florianópolis é a Ilha mais bonita do mundo. Essa eu acho horrível*”.²⁴²

Esses são alguns elementos que podem ser destacados sobre o possível debate em torno do tema do provincianismo em Florianópolis. Entretanto, existia um lugar em que essas referências adquiriam outra forma, passando a ser motivo de satisfação. Isso se vislumbra na exaltação de

²³⁹ Retirado de: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 19--.

²⁴⁰ FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

²⁴¹ O ESTADO, 09 mar. 1988.

²⁴² O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987.

Florianópolis realizada por Aldírio Simões, o *mané-mor*, de acordo com Chico Amante²⁴³.

2.2.2. A Ilha dos manés

A exaltação do mané da ilha em Aldírio Simões associava a cidade de Florianópolis e seus moradores a algo precioso. Um sentimento em que ela surgia como algo sem igual no planeta, a algo ao mesmo tempo mágico, mas palpável porque estava ao alcance de todos, à vista de todos:

Lá em cima, observando a natureza fantástica, o surgimento da cidade entre os morros e baías, o turista suspira emocionado. Do outro lado o ilhéu, com ironia complementa: ‘Como é que pode, né?’²⁴⁴

Nessa descrição são ressaltadas algumas das características que compõem esse sentimento sobre os encantos da Ilha. A presença do misterioso na parte insular de Florianópolis teria feito dela um lugar que hipnotiza o recém chegado. A Ilha surgia como a encarnação de um momento em que a natureza reuniu uma fonte inigualável de inspiração:

Um pedacinho de terra
perdido no mar!
Num pedacinho de terra,
beleza sem par...
Jamais a natureza
reuniu tanta beleza
jamais algum poeta
teve tanto pra cantar
Num pedacinho de terra
beleza sem par!
Ilha da moça faceira,
da velha rendeira tradicional
Ilha da velha figueira
onde em tarde fagueira vou ler meu jornal.
Tua lagoa formosa
ternura de rosa
poema ao luar,
cristal onde a lua vaidosa
sestrosa, dengosa
vem se espelhar...

O amor à Ilha brota como por encanto. Impossível não achá-la bonita, mesmo não desejando, o indivíduo magicamente é possuído pelo sentimento de que está diante de *um pedacinho de terra perdido no mar*, conforme os

²⁴³ AMANTE, Francisco Hegidio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

²⁴⁴ SIMÕES, Aldirio. *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*. Florianópolis: Papa-Livro, 1990. p. 8.

versos do poeta Zininho, agraciado com o Troféu Manezinho da Ilha durante a quarta edição no ano de 1990²⁴⁵. E devido a essa singularidade, a *Ilha dos casos e ocasos*²⁴⁶ seria o palco de histórias que somente poderiam nela terem acontecido.

Um dos espaços em que com grande freqüência se desenrolavam essas histórias era o bar: um dos ambientes mais freqüentados pelos ilhéus de Simões: *“Nós, ilhéus, convenhamos, somos imbatíveis no combate copo a copo, capazes de encarar famosos consumidores pesos – pesados de categoria internacional”*²⁴⁷. Lugar em que Ferrí teria ido trabalhar quando a *“profissão de faquir deixou de impressionar as pessoas, depois de muitas apresentações na periferia de Florianópolis”*²⁴⁸. Alguns dos bares mais referenciados eram o “Miramar”, o “Bar São Pedro”, o “João Bebe Água” e o “Ao Poema”, nos quais o fotógrafo Tareco costumava ir *“quando os fregueses tardavam em aparecer”*²⁴⁹. Ou o “Bar do Joca”, onde Nelson do Cavaquinho, Tataco e Canguara executavam *“o seu mundo de miséria”*²⁵⁰. Além deles, havia outros, os quais no conjunto formavam o denominado *roteiro etílico*:

Para quem não sabe, os botequins mais antigos da cidade são o Tazo, na rua Major Costa, no centro, servindo dobradinha às sexta a partir de 18 horas e mocotó aos sábados ao meio dia; e o bar do Moreira no Canto do Estreito. Ao cumprir esse roteiro sugiro passar no bar do Pedrinho, em Coqueiros, para tomar algumas ervas e recompor o fígado²⁵¹.

Todavia, ao lado dos botecos *pé sujo* existiam também os bares freqüentados pela elite da cidade: no caso, os grandes comerciantes, os funcionários públicos de alto escalão e os políticos. Nesses bares, apesar da aparente mistura de atores de classes sociais distintas havia uma divisão bastante reconhecível por aqueles que freqüentavam o ambiente. Lugar em que se desenrolavam relações sociais numa cordialidade que deixava implícita diversas hierarquias. Nesse sentido, conforme destaca Costa, havia os bares da UDN e os bares do PSD, os quais eram apenas freqüentados pelos

²⁴⁵ AMANTE, op. cit.

²⁴⁶ Forma bastante antiga de referir-se a parte insular do município conforme consta em: Cabral, op. cit.

²⁴⁷ SIMÕES, op. cit., p. 73.

²⁴⁸ SIMÕES, op. cit., p. 90.

²⁴⁹ Ibidem, p.46.

²⁵⁰ Ibidem, p. 93.

²⁵¹ SIMÕES, Aldírio. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 08 mai. 1988.

partidários de um ou de outro partido político²⁵².

2.2.3. O ilhéu de Aldírrio Simões

Parte da produção de Simões versava sobre as denominadas “Figuras da Ilha”, como “Capitão Matias”, as “Bruxas do Pântano”, o “Gaiteiro”, os “Valentões da Ilha”, o “Galego Mauro”, ou o “Mané-pão”: *“Mané-pão tem cara de manzana, mas não é, acima de tudo é um matuto esperto”*²⁵³. Em uma de suas crônicas ele descreve quem seria o ilhéu:

Faroleiro, mexeriqueiro, folgado, cínico, sentimental, criativo, hospitaleiro, ilhéu, ilhado, feliz. O bom ilhéu é aquele que aceita sem constrangimento o fato de que os bons empregos não foram feitos para ele. E que é difícil disputar com um cidadão do interior o melhor e mais cobiçado cargo político-burocrático. Uma boca modesta em qualquer repartição pública com apenas um período de trabalho, de preferência à tarde, liberado de ponto e com direito a fugidas periódicas para fazer uma fezinha no bicho ou tomar uma cerveja, é o suficiente²⁵⁴.

Existem alguns elementos que se destacam nessa definição do ilhéu, principalmente aquele em que expressa de que para ele é suficiente um emprego numa repartição pública. Simões, nesse trecho, está se remetendo a um período em que a maior parte da população economicamente ativa de Florianópolis estava veiculada com as atividades governamentais²⁵⁵. De qualquer forma, esse excerto reitera que em 1990 ainda estava ativa a noção de que a cidade e seus habitantes conformavam um corpo social alheio aos demais catarinenses, com já foi discutido anteriormente.

A afirmação do mané da ilha no ano de 1990 explicita sua percepção de que apesar dos “bons empregos” serem destinados aos cidadãos do interior, isso não seria um problema: consistia apenas no reconhecimento do paternalismo da política brasileira. O que ele pretendia de fato era um emprego de meio turno, uma “boca” numa repartição pública onde pudesse ter tempo de

²⁵² Esses bares existiram em períodos diferentes, todavia na obra de Simões a qual está sendo utilizada para essa análise, essa periodização não é explicitada: ou seja, bares que existiram nas décadas de 1950 e 1960 surgem em crônicas ao lado de outras que faz referência a bares da década de 1980 como, por exemplo, o Box 32. Para uma localização temporal desses bares, ver: COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

²⁵³ SIMÕES, Aldírrio. *DÍARIO CATARINENSE*. 1988.

²⁵⁴ SIMÕES, Aldírrio. *O ESTADO*. Florianópolis, 24 de março de 1990.

²⁵⁵ MARCON, op. cit.

“fazer uma fezinha no bicho” e que não representasse um grande desgaste com a labuta integral diária.

Essa situação remete a um imaginário²⁵⁶ recorrente na sociedade brasileira que associa o brasileiro a alguém que tentaria encontrar a solução de seus problemas sempre por meio de uma “navegação social” conhecida como o jeitinho brasileiro²⁵⁷. Ele ganhou concretude em diversos momentos como, por exemplo, na propaganda em que o tricampeão de futebol Gérson realizou para a marca de cigarros Vila Rica em 1976 na qual ficou célebre a frase: *“gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também”*²⁵⁸.

Ele também pode ser observado nas ilustrações do “O Amigo da Onça” veiculadas na revista “O Cruzeiro”, a qual, inclusive, surgia entre as leituras de alguns personagens de Simões²⁵⁹. Numa delas, publicada em 03 de outubro de 1959, uma casa completamente avariada e sustentada por um apoio colocado pelo “amigo da onça” está sendo vendida pelo próprio. Ele somente espera a assinatura do contrato para certificar-se de que, ao conseguir enganar os novos proprietários, realizou um ótimo negócio:

²⁵⁶ BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 1 (Memória – história). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

²⁵⁷ Damatta, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: ROCCO, 1984.

²⁵⁸ Essa propaganda pode ser encontrada no site *youtube.com* a partir da procura por: *Comercial - Cigarros Vila Rica (Gérson)*.

²⁵⁹ Simões, Aldírio. *Fala Mané*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

Figura IV: Ilustração do Amigo da Onça.



Fonte: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/amigo.htm>

Essa descrição de Simões pode ser entendida como indício de que passou a existir na cidade um ambiente em que as maneiras de perceber e entender Florianópolis, existentes até a década de 1980, cedeu lugar a outras durante o final daquele período. Isso pode ser vislumbrado também por meio das colunas sociais de Cacau Menezes.

2.2.4. Uma cidade

A cidade tema da produção de Cacau Menezes durante a década de 1990, é uma Florianópolis que possui certo reconhecimento nacional, sobretudo pelo apelo turístico. Todavia, não mais aquele do início da especulação imobiliária da década de 1970, mas sim aquele que pretendia efetivar projetos que privilegiassem determinados segmentos sociais, conforme surgiam em anúncios publicitários: “*Ser um destino turístico já não é mais*

*opção. Ser de alto ou de baixo nível ainda é*²⁶⁰. Foram exemplos disso a construção do Resort Costão do Santinho e do Condomínio Jurerê Internacional.

Uma cidade que ao mesmo tempo em que parte de seu setor de serviços se especializou na indústria *sem chaminés* assistiu grande porção de suas praias serem poluídas²⁶¹. É também a Florianópolis na qual seus moradores passaram a conviver com problemas característicos de grandes cidades como, por exemplo, tráfico de drogas e trânsito complicado²⁶². Acompanhando o crescimento populacional das outras capitais da região sul do Brasil, a população da cidade também cresceu:

Tabela V: Florianópolis: aumento numérico e percentual da população total (1970 – 2006)

Florianópolis	1950	1960	1970	1980	1991	2001	2006
População	67.630	97.827	138.337	187.871	254.341	342.315	406.564
Incremento populacional		30,9%	29,3%	26,3%	26,1%	25,6%	15,8%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²⁶³.

Em parte das colunas sociais de Menezes escritas nesse período é perceptível uma forma diferente de falar sobre Florianópolis. Nelas, o discorrer sobre o ser ilhéu está associado com outros elementos.

2.2.5. Outras leituras

Uma das perguntas que poderia ser realizada quanto ao discurso veiculado em algumas colunas sociais de Menezes é: como pode um colunista que publica diariamente no maior jornal de circulação do estado de Santa Catarina e, que necessita de público leitor, escrever trechos como este:

Florianópolis se transformou na ilha dos intrusos. É impressionante como tem gente de fora cuspidando no prato que come. Chegam aqui e querem mandar em tudo. Imagine um

²⁶⁰ DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 2005. p. 20.

²⁶¹ GUERINI, Eduardo. *Metropolização e Impactos Sócio – Ambientais em Florianópolis (1986 – 1996)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFSC, Florianópolis, 2000.

²⁶² MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo Perspec.* Oct./Dec. 2000, vol.14, no. 4, p.21-33.

²⁶³ Os dados referentes aos censos de 1950 e 1960 dizem respeito à população presente no momento da pesquisa. Assim, nesses números estão computados, no ano de 1950: 1.475 pessoas (não moradores presentes) e 1.030 pessoas (moradores ausentes). Para o ano de 1960, não existe na biblioteca digital do IBGE, dados disponíveis em relação ao número de não moradores presentes e o número de moradores ausentes.

paulista no Rio escrevendo nos jornais cariocas contra a cidade deles, falando mal de Flamengo e Botafogo, dos símbolos deles, etc. Seria linchado. Aqui deitam e rolam e ainda são aplaudidos. Querem até fazer prefeitos²⁶⁴.

Ao ler essa matéria percebe-se, primeiramente, um tom bastante rude em relação a novos moradores da cidade: invasores que chegam e querem mandar em tudo, que *falam mal dos símbolos da cidade e até prefeitos querem fazer*, conforme se nota na sua continuação:

Não aceito. Os incomodados que se retirem. Ou então que vão mandar na casa deles. O comodismo dos nativos, a omissão de quem tem que defender seu chão, sua casa, sua cidade, seus símbolos, sua raiz, impedindo as transformações que querem os que agora chegaram, está transformando nossa cidade numa colcha de retalhos ou na casa da sogra. Acorda Floripa. Vamos reagir. Limitar o poder dos forasteiros é fundamental, antes que nos descaracterizemos por total. É preciso respeito. Nós somos tolos, mas não muito como pensam alguns forasteiros²⁶⁵.

Cacau Menezes está se referindo as eleições de 1996 que colocaram lado a lado Afrânio Boppré (PT) e Ângela Amin (do antigo PPB). Nessa eleição Ângela Amin, nascida em Indaial, conseguiu, de forma eficaz, ser associada a alguém que impediria a “expansão gaúcha” na cidade. Enquanto que, Afrânio Boppré, nascido em Florianópolis, ficou conhecido como o candidato dos gaúchos²⁶⁶.

Nesse trecho não são utilizados os termos mané e ilhéu para referir-se aos florianopolitanos, mas sim, ao nativo, termo utilizado por surfistas para designar os praticantes do esporte freqüentadores de uma determinada praia. Em oposição aos nativos estariam os *haoles*, que em havaiano significa estrangeiro, mas que denota também invasor e, como tal, não são bem recebidos nas praias que chegam. Essa referência a uma suposta invasão também se expressa no seguinte trecho, retirado de *A Arte de ser Ilhéu*:

Sem querer entrar nessa briga de estado contra estado, que não leva a nada, embora Cacau reconheça que esse tipo de opinião aumenta a rejeição local contra os de fora, gostaria muito de convidar meu colega de trabalho para um final de tarde, pode ser ali mesmo, na Marina do Rico. Ou para tomar um caldo de camarão na casa do Beto do Box no Canto da Lagoa, de preferência numa noite de lua cheia e descalço. São tantos os programas... De fato, para viver em Floripa, é preciso esquecer as grandes cidades. É preciso arte e sensibilidade. Nossos recantos, incrivelmente belos, superam outras deficiências. Para morar aqui, antes de tudo, é preciso saber o que se quer²⁶⁷.

²⁶⁴ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

²⁶⁵ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

²⁶⁶ Sobre essas eleições ver: FANTIN, Márcia, op. cit. E ainda: BOPPRÉ, Afrânio. *Esperança Interrompida: Cenários e Bastidores de uma Disputa com a Direita em Florianópolis/1996*. Florianópolis: Insular, 2000.

²⁶⁷ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 13 abr. 1998.

Essa coluna social foi escrita como resposta a outro colunista, Carlos Moura, carioca, que havia escrito sobre a falta de diversão em Florianópolis. Havia a descrição de uma menina que pretendeu passear no Aterro da Baía Sul e não conseguindo ficar ali, devido ao mau odor, teria ido passear na praia. Mas nela, graças a um tombo, também não teria obtido o esperado sucesso: impedida por um sabugo de milho e uma lata de cerveja jogada na areia. Então, a menina em vista desses malogros, achou por bem comprar um hambúrguer e assistir televisão. Como resposta a essa descrição, Menezes escreveu que era preciso saber *o que se quer* quando se decide residir em Florianópolis: *esquecer as grandes cidades*.

Todavia, existia a percepção de que não era possível esquecer-las totalmente, já que Florianópolis teria adquirido outras feições. Conforme manifestado, por exemplo, no seguinte trecho: “*E vieram os eletrosuis, os tchês, os PTs, os do contra tudo e contra todos, os invasores, os favelados, os poluidores, e muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia*”²⁶⁸.

A cidade, nesse excerto, é percebida como um lugar onde tudo era bom e, nesse sentido, as transformações acontecidas teriam legado a Florianópolis uma herança ruim. Por esse raciocínio, ser ilhéu seria motivo de orgulho porque significaria estar associado àquilo que de prazeroso existia na Ilha de Santa Catarina. Seria estar associado com um tempo sem crimes, e compartilhar dos valores de uma comunidade imaginada²⁶⁹ a qual estaria experimentando um presente castigado pelas transformações acontecidas:

Não há mais coqueiros nem romantismo em Coqueiros. Há sim muita gente estúpida. Ontem fui deixar uma senhora atravessar na faixa de pedestres e quase levei um tiro de um animal que estava no carro detrás (...)

Não há mais coqueiros, lanchas, poesia e boemia em Coqueiros. Há sim favelados, muito favelados, praias poluídas, tiroteios em bares e todo tipo de comércio em ruas estritamente residenciais (...)

Coqueiros, sem coqueiros, pelado, pobre, sem educação, sem lei, sem verde, sem critério, sem praias, sem paz é o mais puro reflexo da decadência e da desordem florianopolitana²⁷⁰.

As colunas sociais de Menezes remetem, desse modo, a formas diferentes de expressar o ser ilhéu. Como, por exemplo, aquela que trata da

²⁶⁸ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

²⁶⁹ GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura"*: Espaço, Identidade e Política da Diferença. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço Da Diferença*. Campinas: Papyrus, 2000.

²⁷⁰ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 1996.

saudade de um passado idealizado (em que Florianópolis surge como uma espécie de paraíso perdido). Aquela, que aciona uma proposta de vida em que a orla surge como um lugar de divertimento (ao contrário de pescadores que, em grande parte, percebem-na enquanto seu lugar de trabalho). Ou ainda, aquela que sugere uma invasão, conforme a coluna social que alude às eleições acontecidas em 1996 na cidade.

Entretanto, é necessário destacar que essas formas de perceber a cidade não diziam respeito apenas a descrições realizadas por Cacau Menezes. O colunista social mais lido de Santa Catarina escrevia sobre eventos que faziam sentido para outras pessoas nela residentes, principalmente aqueles acontecidos durante a década de 1980.

Nesse sentido, suas colunas sociais indicavam alguns espaços que se constituíam enquanto referências importantes para determinados segmentos sociais da cidade. Esses espaços, quando atravessados por aqueles considerados forasteiros, ocasionavam a emergência de diversos sentimentos conforme se analisará no capítulo 3.

Capítulo 3

Desencontros nos contatos socioculturais.

Ao analisar as sociabilidades das metrópoles no início do século XX, Simmel observou que seu exercício impunha diversas estratégias dada a necessidade de oportunizar relacionamentos entre a imensa quantidade e variedade de pessoas que nelas se concentravam²⁷¹. Mais recentemente, Da Matta sugeriu que entre essas estratégias situa-se o constante esforço de evitar uma aproximação maior com pessoas as quais não se conhece tendo em vista não expor a própria intimidade²⁷².

Todavia, o uso dessas estratégias não assegura que ocorram desencontros entre as pessoas, tendo em vista que determinados campos simbólicos presentes em espaços ou nos relacionamentos citadinos podem ser ininteligíveis para alguns, criando um campo de segmentações e proscricões sociais. Nesse terreno pantanoso, em que se misturam aquilo que é importante para um indivíduo e não para outro, em que referências compartilhadas são apreendidas por uns e nada significam para outros, o capítulo encontra um caminho para discutir algumas relações que podem ser notadas a partir de um propalado sentimento de invasão, que pode ser identificado nas colunas sociais e na imprensa escrita que circulava em Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Esse sentimento expresso de diversas formas ganhou, em alguns momentos, o contorno de uma possível invasão de forasteiros que poderiam ocasionar o desaparecimento dos hábitos de seus moradores na medida em que a cidade adquiria outros ares e feições no decorrer desse período.

Para tanto, o capítulo inicia-se analisando uma querela interestadual fundada em estereótipos de ampla circulação; continua analisando os números produzidos pelos censos do IBGE nos anos 1980, 1991 e 2000 com vistas a observar a real amplitude dos fluxos migratórios dirigidos a Florianópolis desde a década de 1970. Finalmente, o capítulo se dedica a interpretar os impactos

²⁷¹ SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otavio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

²⁷² Conforme se observa em: MATTA, Roberto Da. *O que faz o Brasil, Brasil?*. 9. Ed Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

desse continuado movimento migratório, focalizando, em particular, o sentimento de invasão presente na cidade.

3.1. Sobre os invasores...

Em junho de 1989, foram transcritas nas páginas do jornal O Estado partes de um artigo publicado num jornal que circulava na cidade de Farroupilha, estado do Rio Grande do Sul, escrito por Vitor Minas. A compilação incluía trechos como este:

Os ilhéus vivem numa ilha de natureza relativamente amena, onde a luta pela sobrevivência não é tão dura. Portanto desenvolveram características mais amenas e menos enérgicas. São despreocupados, relaxados, conversadores e pouco dispostos a ir até as últimas conseqüências em qualquer coisa que se metam. Não morrem de amor pelo trabalho regular.

Falam com sotaque de bicha – cantado, musical e enjoativo.

Como gosto de exemplos, vou citar um caso: tava eu no centro de Florianópolis, discutindo o preço de uma mercadoria com um feirante, quando ele irritado com a minha resistência resolveu dar uma de macho – me olhou feio e tascou: “se querish, querish, se não querish vai timbóra.

Pode uma coisa dessas? O português era gordo, parrudo, e tinha até uma faca na mão, mas como é que ia levar a sério palavras ditas ao estilo bicha? Com gaúcho da fronteira é diferente. Falar cantado fica bem pra mulher, mas pro homem cai mal pacas²⁷³.

O artigo motivou uma querela que se desenrolou nas páginas de “O Estado” envolvendo leitores e colunistas que detinham espaço no jornal. No dia 09 de junho, é publicada uma das primeiras manifestações com relação ao trecho acima:

Mesmo negando que tenha escrito o que PCR transcreveu na sua coluna de quarta, aquele fulano de Farroupilha, no RGS, que editou uma crônica ou cois’assim malhando o pau em Florianópolis e florianopolitanos, entre festival de idiotices e argumentos mal escritos, soltou como fato marcante ao seu ódio, o sotaque ilhéu, alegando “ser de bicha”... Não é uma graça? Oioioi... (um roto falando d’um esfarrapado, se for o caso).

Inclusive recebi xerox do artigo – porém nem quis dar trela a tanta babaquice – que por extensão atinge absurda quantidade de gaúchos que aqui habita (muitos desempenhando na imprensa local em impressionante escala).

Mas com certeza o gaudério abobalhado, pra tirar tantas conclusões negativas, veio até aqui na expectativa de receber murmúrios em voz de macho nos seus ouvidos encerados – e o que escutou foi um doce porém decidido “se quéschquesch-se-não-quesch-te manda!”.

E vai tratando de baixá a bombacha, ô!²⁷⁴

²⁷³ Artigo transcrito por Paulo da Costa Ramos em sua coluna em: O ESTADO. Florianópolis, 07 jun. 1989.

²⁷⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 09 jun. 1989.

Entretanto, além desse comentário, havia mais um trecho na coluna social de Stodieck publicada naquele dia o qual mencionava outro jornalista da cidade. Ele teria sido o cicerone de Vitor Minas durante sua visita em Florianópolis:

O gaúcho de Farroupilha, Vitor Minas, tristemente famoso na Ilha porque, em artigo num jornal de interior, malhou a lenha em FLN e seus habitantes – foi ciceronado quando aqui esteve pelo jornalista Márcio Dison. Ah, então está explicado...

Márcio Dison²⁷⁵, o jornalista citado por Stodieck no excerto acima, escreveu para o jornal contestando a versão fornecida pelo colunista. Segue o trecho publicado nas cartas do leitor:

Com base na Lei de Imprensa, etc e tal, venho por meio destas mal traçadas linhas esclarecer idiotice publicada na coluna do Sr. Beto Stodieck, em 9 deste mês. Compreendo que a falta de assunto deve deixar atormentados os vários colunistas deste diário catarinense. O que se repetem é realmente incrível. E às vezes agradam. Na maioria, “desgradam”, como assinalou Beto.

Agora, inventaram um tal de Vitor Minas, débil mental que redigiu asneiras contra Floripa num obscuro jornal lá do raio que o parta gaúcho. Os colunistas de O Estado fizeram sexo, gozaram mesmo com a língua do gaudério. E como faltava um espacito em sua coluna, “não apenas pela da sua fartura gostosura”, o sr. Beto Stodieck resolveu me incluir na pendenga como, pasmem, cicerone do tal Vitor Minas. Quem/ Quando? Onde?

A continuar publicando bobagens do gênero, vou acabar dando razão a este tal de Vitor Belo Horizonte.

De mais a mais, se comprovou algo com este “affair”, ou seria celeuma, sei lá: o mais antigo tem vendido bem, estando prestes a se aproximar do DC. Me encheram o saco nas ruas sobre esta babaquice publicada. Portanto, para fechar, um aviso: o próximo cara que me parar na rua pedindo sobre este débil mental Vitor Farroupilha vai levar porrada²⁷⁶.

Ao que parece, o tom acalorado da discussão, manifestado pelo uso de palavras de baixo calão entre os colunistas, espraiou-se para os leitores e tornou-se um debate social. Por isso mesmo, inúmeros leitores se sentiram autorizados a participar da querela expressando suas opiniões por meio de cartas enviadas à coluna do leitor. Nesse sentido destacam-se: *“Esse prospecto de gente, cuja mãe, aquela santa, não foi culpada de haver gerado*

²⁷⁵ Um parêntesis: Marcio Dison, dois anos antes, teria dito a uma reportagem, quando do momento de resposta a pergunta: *“O que é mais provinciano em Florianópolis?”* as seguintes frases: *“O que há de mais provinciano do que Pedro Ivo Campos e o delegado Elói Gonçalves, que tenta prender estrelas para ficar famoso? O bar Fulanos e Florianos, porque tenta imitar Londres, Alcides Ferreira ser chamado de senador no centro da cidade, gravidez enrustida e todo mundo comentar, jornalista que só fala como se estivesse em Florianópolis. Todos os políticos que têm amantes e aparecem só fala como homens sérios”* In: O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987. Dentre essas frases, destaca-se aquela em que é mencionado o senhor Alcides Ferreira que, como já foi visto, era considerado (especialmente por Stodieck) enquanto um símbolo da cidade.

²⁷⁶ DISON, Márcio. O ESTADO. Florianópolis, 11 jun. 1989.

tal aberração humanóide, foi vítima de um estupro asinino, pois sua estirpe compara a mulher a uma égua. Veja, o verso: “Chinoca das crinas pretas queria ser teu bagual para fazer chuí-chuí”. Não é assim que canta para sua amada?”²⁷⁷. Ou, ainda, no mesmo dia, outra carta: “Sugiro que seja publicada diariamente uma seção de piadas de gaúchos, que tenho certeza, será a mais lida do jornal”²⁷⁸.

Por fim, cabe destacar uma crônica escrita por Simões fazendo referência a essa briga de colunistas. Nela, o autor narra uma pequena história em que uma pessoa nascida no estado sulino teria se mudado para Florianópolis para tentar sucesso como jornalista. Sem consegui-lo, sustentava-se trabalhando num salão de beleza e, com o passar do tempo, em função de alguns insucessos, tornara-se amante de um português. Entretanto, no final de uma temporada de verão teria decidido retornar ao Rio Grande do Sul. Ao chegar a Porto Alegre, caminhando sozinho na cidade teria sido encontrado pelo português. Depois de um diálogo, e de uma promessa de retorno a Florianópolis teriam se despedido. Entretanto, conforme a continuação da narrativa:

Vitória, não retornou à Ilha, conforme prometera ao português. Retornou a Farroupilha e foi morar no prostíbulo onde nascera, recebendo o carinho das prostitutas mais antigas. Suspirou aliviado ao conquistar um espaço no jornalzinho da cidade. E não perdeu tempo. Vomitou toda sua frustração atacando a Ilha e ilhéus. Agrediu uma cidade inteira, onde um dia tentou sobreviver como Vitor e acabou Vitória da Barra, caindo nas minas de areia branca imobilizado pelo português suarento, gordo e fanfarrão. O gaúcho Vitória não merecia outro fim²⁷⁹.

Esse debate jornalístico, presente nas páginas de O Estado e também na crônica de Simões, que ativa estereótipos sexuais de ambas as facções vinha no encaixo de uma questão não apenas localizada em Florianópolis, mas presente em grande parte do território catarinense no período: o grande crescimento do movimento tradicionalista gaúcho.

Uma série de rodeios, festas e bailes, em que a indumentária do “peão” e da “prenda” estavam presentes, competições de montaria e de laço, apresentações artísticas, com a declamação de versos, identificados enquanto

²⁷⁷ Cartas dos leitores. O ESTADO. Florianópolis, 14 jun. 1989.

²⁷⁸ Cartas dos leitores. O ESTADO. Florianópolis, 14 jun. 1989.

²⁷⁹ SIMÕES, Aldírio. Domingueiras, op. cit., p. 68.

pertencentes ao tradicionalismo gaúcho estavam acontecendo por Santa Catarina²⁸⁰.

Tal conjunto de atividades era promovido pelos CTGs (Centro de Tradição Gaúcha), os quais surgiram no Rio Grande do Sul no final da década de 1940. Em Santa Catarina, foram criados a partir do final da década seguinte, e experimentaram a partir de 1970 um grande crescimento, manifesto, por exemplo, na média de 20 centros criados anualmente entre 1986 e 1995²⁸¹.

Os CTGs, todavia, faziam parte de uma organização maior, encontrando-se vinculados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina (MTG-SC) o qual fiscalizava e estabelecia as regras de seu funcionamento. Assim como, por meio dos coordenadores regionais, recomendava ou não o reconhecimento de novos centros. O MTG-SC, assim como outros MTGs estavam vinculados à Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha (CBTG) e, esta se subordinava a Confederação Internacional de Tradição Gaúcha (CITG)²⁸².

No caso de Santa Catarina destaque-se que o seu MTG era reconhecido como o mais organizado do Brasil. Observa-se, nesse sentido, que o catarinense Jacob Momm Filho, presidente do MTG no Estado, foi eleito no ano de 1988, presidente da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), E, dois anos mais tarde, eleito presidente da Confederação Internacional de Tradição Gaúcha (CITG)²⁸³.

Talvez, exatamente por ser muito bem organizado, o que deveria traduzir-se em eventos de sucesso que atraíam público numeroso²⁸⁴ reiteradamente surgia na imprensa discussões acerca do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina. Elas se manifestaram, por exemplo, em

²⁸⁰ Sobre isso ver: FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã*, op. cit.

²⁸¹ Essa discussão sobre o movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina está presente em: FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã*, op. cit., p. 228 e 229.

²⁸² Conforme: CAMPOS, Emerson César de. *O Catarinense de Bombacha: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959 – 1997)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1999.

²⁸³ *Ibidem*.

²⁸⁴ Numa reportagem publicada no jornal O ESTADO sobre o terceiro rodeio internacional que teria no CTG Os Praianos, localizado em Forquilha, bairro de São José, município vizinho a Florianópolis, se destacava que o público esperado era de 200 mil pessoas. In: O ESTADO. Florianópolis, 25 abr. 1995.

reportagens como “*Núcleo defende cultura açoriana*”²⁸⁵, contidas no jornal Diário Catarinense, ou então “*Por um pedacinho de terra perdido no mar*”²⁸⁶, presente no jornal do laboratório de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. E ainda, em cartas enviadas por leitores à redação dos jornais, ou então, nas colunas sociais ali veiculadas:

Não tenho nada contra os irmãos do Rio Grande do Sul que estão morando, para orgulho nosso, em Florianópolis ou Santa Catarina. Minha discussão não foi sobre pessoas. Apenas revelei minha preocupação com a massificação da cultura gaúcha na Ilha de Santa Catarina. A cultura açoriana, tão forte, está morrendo e ninguém faz nada²⁸⁷.

Um pouco antes dessas manifestações, todavia, já em 1988, Jacob Momm Filho, possivelmente estava fazendo alusão a essa discussão presente no Estado quando se manifesta no seguinte artigo:

(...) os tentáculos portugueses não teriam alcançado as terras mais ao Sul de Laguna, não fossem a água, o sal, a carne, a comida, a colaboração das duas bases portuguesas no Sul, Desterro e Laguna.
Por isso, os gaúchos catarinenses e sulriograndenses sentem-se ainda mais fraternos e mais unidos.

Existe nesse artigo, como se pode notar, um tom de apaziguamento de ânimos, especialmente quando se leva em conta a preocupação do autor em apresentar, conforme o título, “*A contribuição de Santa Catarina à formação da cultura gauchesca*”. Isso pode ser percebido também no seguinte trecho:

Enquanto de posse dos portugueses, Sacramento teve outra importante missão: de dentro de suas muralhas saíam os aventureiros portugueses que se misturavam com as índias, criando, aos poucos, uma nova raça. Eram os gaudérios que cortavam o campo para courear o gado abundante. Eram os changadores, os ladrões de gado e futuramente os gaúchos, estabelecidos, donos de sesmarias, defensores da terra, fazendeiros, criadores, plantadores, mantenedores de uma tradição que se fixou na bombacha, na bota, no cavalo, na música – misto de Portugal/Espanha/Índios.

Ou seja, observa-se com nitidez uma preocupação em demonstrar que o tradicionalismo gaúcho não era estranho a Santa Catarina. Falar em gauchismo, por essa leitura, era falar sobre Portugal/Espanha/Índios, como destacado no excerto e, desse modo, intrigas entre catarinenses (especialmente florianopolitanos, identificados, em Santa Catarina, com a presença de pessoas provenientes do Arquipélago dos Açores) e riograndenses acerca do tema não fariam sentido, pois tanto um como outro

²⁸⁵ DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

²⁸⁶ ZERO. Jornal do Laboratório de Jornalismo da UFSC. Florianópolis, out. 1993.

²⁸⁷ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

teriam contribuído para a formação do gaúcho. Nesse sentido, afirmar-se, como Jacob Momm Filho fazia, enquanto um “*gaúcho de Santa Catarina*”²⁸⁸ não era algo descabido de lógica.

Deve-se, ainda, fazer referência a um fato importante: 1988, ano em que é escrito o artigo de Momm Filho, acima destacado, é o ano em que é criada a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), durante o I Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha. Destaque-se, com relação a isso, que esse congresso foi realizado em Florianópolis, o que poderia ser motivo de protestos para aqueles que estabeleciam uma distinção entre o planalto, associado à pecuária no Estado e o litoral, associado, por exemplo, as praias:

Não tenho absolutamente nada contra as pessoas que vêm de fora para cá. Tenho é contra a proliferação de CTGs. Em determinadas regiões, como Urubici, Lages, São Joaquim, Chapecó, tudo bem. Lá existem campos, aqui existem praias²⁸⁹.

Entretanto, tal conflito com relação ao aumento do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, no caso de Florianópolis, se dilui quando visto diacronicamente, especialmente quando se leva em consideração o período compreendido entre os anos de 1970 e 2000. Nesse intervalo, por diversas vezes surge expresso um sentimento de que a Ilha seria, desde sempre, alvo de invasões, o que pode ser identificado em livros publicados na cidade e na imprensa que nela circulava. A percepção disso teria sido redimensionada a partir da construção das pontes que ligam a Ilha ao continente. Já em 1975, por exemplo, Stodieck assim se expressava quando a segunda ponte foi inaugurada:

E com essa ponte que aí está, Flops viu-se revalorizada, acha inclusive, que entrou numa nova era, numa outra coisa que não sei se gosto. Afinal, são três agora as pistas de entrada – e como é que vou controlar a entrada dos que vêm para ficar? Nas cabeceiras das pontes – ponte-mãe e filha da ponte – deveriam ser instalados postos de triagem. E como é que seria feita a seleção? Pela quantidade de dinheiro que trazem no bolso? Pelo sotaque? Sei lá. Só acho que agora é impraticável sacar quem está entrando na nossa cidade. Nossa? De quem? Mas não se esqueçam de que três também são as pistas de saída...²⁹⁰

Nos momentos em que tal sentimento de perigo se expressava, pessoas nascidas no Rio Grande do Sul surgiam ao lado de outras procedências e, todas elas, eram colocadas sob um mesmo rótulo: a de invasores.

²⁸⁸ Como consta em: FALCÃO, Luiz Felipe, *Entre ontem e amanhã*, op. cit., p. 244.

²⁸⁹ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

²⁹⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 mar. 1975.

3.1.1. Uma invasão

O criador do concurso Troféu Manezinho da Ilha em diversos momentos associava a perda do modo de ser do florianopolitano com a presença de forasteiros na cidade como, por exemplo, em seu depoimento para uma reportagem que discutia o tema: “Adotar a cidade é um direito de todos, mas as pessoas devem se adaptar à vida local”²⁹¹. Com uma leitura semelhante, Stodieck destacava em sua coluna social:

Não é raro ver “colonizador – ao menos com ares de – se espantar e deitar defeito contra certos “modos” nossos; quando é de temperamento, de herança; soando falso, quando estudado...

E o engraçado é que “eles” vem pra morar; e aí pergunta-se: por que é que então vem? Por que é que não ficam nas suas decadências? Se optam pela Ilha pra viver, que se adaptem à nossa realidade; sendo um simples também. E não temos nada a ver... Que coisa!

A coluna simplesmente não agüenta mais esses “estrangeiros” que aqui chegam e querem cheirar a nossa água (como exemplo mais à boca) – que é pra sacar se é bebível...

Tomara que esteja envenenada!²⁹²

Na literatura produzida por Simões, esse sentimento ganhava concretude nos depoimentos coletados por ele, os quais constituem o substrato para a tessitura dos “Retratos à Luz de Pomboca”²⁹³ que delineiam o perfil de algumas pessoas agraciadas com o Troféu Manezinho da Ilha:

O famoso Esquadrão Suicida entrou em cena em 1945, após a Segunda Guerra Mundial. Os navios da Marinha desembarcavam centenas de marinheiros em Florianópolis, e como eles tinham patrulha própria, a Polícia Militar, atendendo determinação superior, recolhia seus soldados ao quartel. “A marinhada invadia a cidade. Eles eram folgados, mexiam com todo mundo, principalmente com as moças que passeavam no *footing*. Costumavam passar a mão nas meninas, o que nos deixava profundamente irritados. Então, a gente usava um garoto como isca. Mandava dizer para o marinheiro que havia uma garota esperando por ele na Deodoro, que era uma rua escura, com pouco movimento. A gente debulhava o cacete e botava o sujeito no hospital. Nós tínhamos a missão de preservar a moral da cidade, coisas que as autoridades da época não faziam”²⁹⁴.

Na conclusão que Simões retira desse trecho destacado se articula o sentimento de invasão com a perturbação da ordem pública por forasteiros que

²⁹¹ O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987. p.11.

²⁹² STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 23 jun. 1987.

²⁹³ No livro “Retratos a Luz de Pomboca” Aldírio Simões propõe, de acordo com Raul Caldas Filho, escritor bastante conhecido em Florianópolis, que prefaciou a obra, “*um verdadeiro inventário do homo sapiens ilhéu, reunindo uma plêiade de personagens (nada menos que 75), tanto da área urbana quanto do interior da Ilha*”. No livro são descritos por meio de narrativas tessidas a partir de depoimentos, ou então das lembranças do próprio Simões, algumas das pessoas as quais receberam o Troféu Manezinho da Ilha. SIMOES, Aldírio. *Retratos à luz de pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997. p. 9.

²⁹⁴ SIMOES, Aldírio. *Retratos à luz de pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997. p. 65.

chegavam à *Ilha de Casos e Ocasos Raros*: “*Observa-se no relato de Túlio Gondin, que esta mania de forasteiros conturbarem a ordem da cidade é coisa antiga*”²⁹⁵.

Dentre um dos grupos mais presentes nas discussões em torno da presença de forasteiros estavam os migrantes provenientes do Rio Grande do Sul, conforme a própria imprensa destacava: “*Gaúchos, paulistas e argentinos são os mais visados*”²⁹⁶. Com relação a isso, Stodieck assim se manifestava em 1988:

Há pessoas que tem a mania de achar que a coluna tem algo contra os gaúchos: imagina!

(...)

Só aqui em Santa Catarina, aproximadamente 1 milhão deles vieram dos pampas e se instalaram – desempenhando de montão, dando um chega pra lá no Catarina acomodado e preguiçoso que até há pouco se achava dono da situação. Porém quando retornou do cafezinho do Ponto Chic, o gaúcho já era seu chefe... (...)”²⁹⁷

Obviamente, não residiam em Santa Catarina um milhão de gaúchos conforme o colunista faz referência. Os dados do IBGE indicam que em 1991 estavam radicadas em Santa Catarina 166.458 pessoas provenientes do Rio Grande do Sul. O que Stodieck estava fazendo alusão nesse trecho era ao contingente migratório proveniente do Rio Grande do Sul que se instalou, por exemplo, em grande quantidade na região Oeste de Santa Catarina. Todavia, no caso de Florianópolis, tal contingente, de acordo com ele, já teria provocado transformações inclusive nas prateleiras dos supermercados:

Sem dúvida alguma que um dos produtos mais procurados nas prateleiras dos empórios e supermercados de Florianópolis, é a erva destinada ao chimarrão. Também, o que tem de gaúcho no pedaço...²⁹⁸

Além de Simões e de Stodieck, escrevendo durante a década de 1980, escritores como Chico Amante, o qual foi, inclusive, agraciado com o Troféu Manezinho da Ilha no ano de 1989, escreveram livros como “*Somos Todos Manezinhos*”, no final da década de 1990. Ali se expressava sentimento semelhante, todavia pautado na idéia de que era necessário que se produzissem obras que versassem sobre as maneiras de ser e de viver dos habitantes de Florianópolis. Percebe-se, dessa maneira, que a necessidade de

²⁹⁵ SIMOES, Aldírio. *Retratos à luz de pomboca*, op. cit., p. 65.

²⁹⁶ A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999.

²⁹⁷ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 07 setembro 1988.

²⁹⁸ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 08 nov. 1983.

valorizar os denominados ilhéus, face aos invasores, manteve-se até finais da década de 1990 posto que esse autor se deu ao trabalho de biografar todos os denominados manezinhos²⁹⁹. Segundo essa perspectiva, escrever sobre o manezinho da ilha constituiria uma contribuição à história da cidade:

Finalmente, após insano trabalho de pesquisa, que demandou ingentes esforços e a inestimável colaboração de parentes e amigos, eis que conseguimos concluir nossa obra, objetivando trazer ao público a biografia de todos os Manezinhos da Ilha agraciados com o troféu instituído pelo nosso Mané-Maior, o Aldírio Simões, durante os últimos onze anos. Fico feliz de poder emprestar uma modesta colaboração à história de Florianópolis, porquanto os Manezinhos da Ilha são, na verdade, tudo o que há de mais autêntico e representativo de nossos costumes (...) ³⁰⁰.

No que tange a imprensa periódica, uma das fontes principais utilizada por este trabalho para acompanhar um campo de oposições manifesto na cidade, pode-se dizer que, se não fomentava, pelo menos foi um dos principais agentes a fazer referência ao sentimento social de invasão conforme se nota na expressão utilizada que nomeia o seguinte texto: *“Hostilizante babaquice*

²⁹⁹ Chico Amante, segundo consta, era o braço direito, mas também *“pai, filho, irmão, e sobretudo amigo”* de Aldírio Simões, conforme: AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos todos Manezinhos 2*. Florianópolis: Papa-livro, 2007. p. 351. Ainda, sobre esse livro, ele traz, assim como o já citado, *Somos Todos Manezinhos*, informações biográficas, que na soma dos volumes, abarcam todas as pessoas agraciadas durante a realização do Concurso Troféu Manezinho da Ilha, que aconteceu entre os anos de 1987 e 2004. Recebiam a distinção, em média 22 pessoas por ano, e que somadas, chegam a 396 pessoas, contando as homenagens ao professor Franklin Cascaes, ao músico Luiz Henrique Rosa e ao próprio Aldírio Simões. Apesar de, em alguns momentos, os dados contidos nas tabelas presentes no livro não conferirem com o número exato de manezinhos, pode-se observar algumas características. Primeiramente, com relação ao lugar de nascimento dos manezinhos, observa-se que, do total de manezinhos nascidos em Santa Catarina (288), 238 nasceram em Florianópolis e 54 fora do município. Nasceram fora de Santa Catarina 7, desses, 2 em São Paulo, 3 no Paraná, 1 no Rio Grande do Sul e 1 no Espírito Santo. Havia também três nascidos no exterior (em Portugal). Com relação ao lugar em que residiam, a grande maioria vivia no centro de Florianópolis (122), outros residiam em outras cidades do Estado (23), 4 em outros estados e 1 no exterior (Portugal). Não há nas tabelas contidas nos livros menção a composição étnica ou de gênero. Todavia, pode-se destacar que, apesar de poucos, havia afrodescendentes (em número bastante reduzido) e mulheres (em número maior que o grupo anterior). Sobre a idade dos agraciados, destaca-se que, em sua maioria, compunha-se de pessoas entre 50 a 59 anos (120), havia somente um Mané com menos de 29, o tenista Gustavo Kuerten, agraciado no concurso de 1998. Sobre o grau de escolaridade, 97 possuíam formação fundamental, 78 o ensino médio e 203 possuíam curso superior. Desses cursos ressaltavam-se: Direito (59), Economia (22), medicina (13) e Engenharia (15). Dentre os partidos políticos de preleção dos agraciados, foram mencionados o PSD (141), UDN (69), PTB (7), PDC (3), PCB (3), PSP (1), outros (19) e nenhum (93). Com relação às agremiações esportivas preferidas se destacaram, no futebol, 163 torcedores do Avaí, 149 do Figueirense e 6 do Paula Ramos. No Remo (incluído no livro *Somos Todos Manezinhos II*), 36 torcedores do Aldo Luz, 35 Riachuelo e 26 do Martinelli. Dentre as profissões, em maior número estavam presentes as de advogado (25), Bancário (17), Comerciante (42), Funcionário público estadual (52), funcionário público federal (19) e jornalista (25). Havia 110 aposentados na soma total do conjunto das profissões. Esses dados foram calculados a partir dos livros: *Somos Todos Manezinhos* e *Somos Todos Manezinhos II*, já referenciados anteriormente.

³⁰⁰ AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*, op. cit, p. 19.

*importada*³⁰¹. Pode-se perceber, ainda, que em diversos momentos os contatos cotidianos dos moradores da cidade com os novos habitantes eram ultra-dimensionados como, por exemplo, foi visto anteriormente com a frase de Stodieck, que transformou o contingente de riograndenses em milhões de pessoas.

Outro exemplo disso pode ser encontrado numa reportagem veiculada no jornal A Notícia no ano de 1999, na qual se lê o seguinte trecho: *“Com tantos ‘forasteiros’ habitando a cidade, muitos moradores naturais de Florianópolis sentem-se invadidos e ressentidos com a presença de tanta gente de fora*³⁰². No caso dessa reportagem, seu argumento se articula a partir da apresentação de números referentes ao censo demográfico de 1991, realizado pelo IBGE, os quais demonstrariam que os conflitos que aconteciam em Florianópolis, naquele momento, eram decorrentes da presença de grande número de novos moradores. Para uma população de 255.388 pessoas, a reportagem apresentava os seguintes números para os residentes no município:

Tabela VI: Números relativos à população residente em Florianópolis.

População natural do município	155.958
População não natural do município	99.430

Fonte: A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999. p. 5.

A interpretação realizada pela reportagem seguia uma determinada lógica: se quase 40% da população do município era proveniente de outras cidades seria bastante simples compreender porque as pessoas de Florianópolis sentiam-se invadidas³⁰³.

Entretanto, tal conclusão passa a conter algumas contradições quando se observa os dados censitários do ano de 1980. Para uma população total de 187.880 pessoas que viviam em Florianópolis, os números absolutos e percentuais eram os seguintes:

³⁰¹ SIMÕES, Aldírio. O ESTADO. Florianópolis, 26 jul. 1987.

³⁰² A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999. p. 5.

³⁰³ Os números são os seguintes: para uma população total residente natural do município de 255.388 pessoas, nascidas em Florianópolis seriam 155.958 (61,1%) e não nascidas 99.430 (38,9%).

Tabela VII: números absolutos e percentuais relativos à população de Florianópolis no ano de 1980.

	Números absolutos	Percentual
População natural do município.	119.444	63,6%
População não nascida no município.	68.436	36,4%

Fonte: Censo de 1980 realizado pelo IBGE.

Ou seja, ao se comparar os censos de 1980 e 1991 percebe-se uma paridade entre os percentuais de migrantes instalados no município nos dois anos. Isso significa que os fluxos migratórios que se dirigiam a Florianópolis já ocorriam há um bom tempo e, desse modo, houve um descompasso entre a efetiva composição populacional do município e a percepção social desse fenômeno.

3.1.2. Dados migratórios

Um exemplo de outras possibilidades de interpretação desse campo de oposições na cidade está relacionado com a denominada “*enxurrada de gaúchos*”³⁰⁴ em Florianópolis, veiculada nas páginas de O Estado no ano de 1987. Os números relativos aos Censos de 1980 e 1991 indicam que tal percepção deve ser vista com alguns cuidados. Isso porque, percentualmente, o número de pessoas provenientes do Rio Grande do Sul era relativamente pequeno em relação ao total da população da cidade, conforme indicam os censos de 1980 e 1991, conforme se destaca a seguir:

Tabela VIII: Número de pessoas provenientes do Rio Grande do Sul e a percentagem relativa à população de Florianópolis.

	Número de pessoas provenientes do RS residentes em Florianópolis	Percentual em relação à população da cidade.
Censo 1980	4216	2,2% ³⁰⁵
Censo 1991	9101	3,6% ³⁰⁶

Fonte: Censos de 1980 e 1991 realizados pelo IBGE.

Além disso, os números referentes ao período de residência dos migrantes na cidade permitem outras observações. As 68.436 pessoas não naturais de Florianópolis, mas que residiam na cidade e arroladas no Censo de 1980, assim se distribuíam segundo o tempo de sua radicação:

³⁰⁴ O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987. p.11.

³⁰⁵ População total de Florianópolis pelo censo do IBGE de 1980 era de: 187.880 pessoas.

³⁰⁶ População total de Florianópolis pelo censo do IBGE de 1991 era de: 255.388 pessoas.

Tabela IX: Pessoas não naturais de Florianópolis, mas que nela residiam por tempo de residência.

	Menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 a 9 anos	10 anos ou mais	Sem declaração
Fpolis	8.119	4.942	5.811	4.806	4.153	4.189	9.325	25.842	1.249

Fonte: Censo de 1980 realizado pelo IBGE.

Com relação ao censo realizado pelo em IBGE no ano de 1991 tais distribuições de pessoas no decorrer dos anos também é semelhante. As 99.432 pessoas não naturais de Florianópolis estavam assim divididas:

Tabela X: Pessoas não naturais de Florianópolis, mas que nela residiam por tempo de residência.

	Menos de 1 ano	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos	6 a 9 anos
Fpolis	6.589	9.254	6.139	5.987	5.076	4.934	14.432

Fonte: Censo de 1991 realizado pelo IBGE.

Tais distribuições também são semelhantes quando contrastadas com aquelas referentes ao censo realizado pelo em IBGE no ano 2000. As 46.561 que haviam migrado para Florianópolis entre 1991 e o ano 2000 estavam assim divididas:

Tabela XI: Pessoas não naturais de Florianópolis, que tinham menos de 10 anos ininterruptos de residência na cidade.

	Total	Menos de 1 ano	1 a 2 anos	3 a 5 anos	6 a 9 anos
Fpolis	46.561	5.079	14.717	15.343	11.422

Fonte: Censo de 2000 realizado pelo IBGE.

À luz dos dados do IBGE, é inegável que Florianópolis foi alvo de fluxos migratórios que se desenvolvem desde a década de 1970, inserindo esse município num processo de deslocamentos rural-urbano e urbano-urbano que ocorria em todo o Brasil.

Esse processo alterou efetivamente a estrutura da população do município e de sua porção urbana. Porém, esse processo não se restringiu a década de 1990, ele foi “paulatino” e, grosso modo, a relação entre os naturais da cidade e os migrantes se manteve estável desde a década de 1980.

Entretanto, ao se levar em conta o lugar onde tal percepção era veiculada, ou seja, na imprensa escrita, pode-se utilizar essa discrepância, entre os números do IBGE e as conclusões das reportagens e as observações

de cronistas e colunistas sociais, para se levantar algumas características sobre alguns desencontros acontecidos em Florianópolis.

3.2. Vivências e experiências na cidade.

Mulato, baixo e forte, sempre apressado e com suor molhando o rosto sofrido, no período mais calmo de sua existência exercia atividade nas proximidades do Mercado Público, fazendo frete com seu inseparável carrinho de mão, muito bem cuidado, com chapa de automóvel, antena e buzina de borracha. Quem não o conhecia assustava-se com a forma como dirigia o carro, tirando fino nas pessoas e nos veículos, e dos lábios soltava som idêntico a um motor. Na época de lua cheia, lembra Belergarde, o Marrequinha ficava ainda mais atucanado, deixava o carrinho de mão e o sustento de todos os dias para fazer ponto na esquina da Felipe Schmidt com Trajano, fardado e trilando o apito agitado, gesticulando com duas mãos para que os automóveis seguissem. Muitas vezes postava-se diante de uma fila de carros para que a outra trafegasse, sempre sob o olhar complacente do chefe da guarda que não gostava de criar problemas ao colega, e sob o olhar paciente dos motoristas já acostumados³⁰⁷.

O excerto faz referência a um momento em que a Felipe Schmidt era uma das ruas que possuíam maior fluxo de veículos da cidade. Ela teria sido palco de diversas situações protagonizadas por vários personagens ao quais surgiam enquanto pertencentes ao denominado *ilhado rosário*.

A crônica acima destacada tratava especificamente sobre Marrequinha, lembrado em alguns momentos juntamente com outro personagem: *“Marrequinha ficava furioso, mesmo, quando era assediado por uma outra figura folclórica da época, o Adolfo. Ambos faziam a alegria dos habituais freqüentadores do Senadinho, que de forma irreverente provocavam os rivais”*. As brigas entre ambos iniciavam-se, quando alguém avisava Adolfo que seus carros estavam sendo multados: *“Adolfo, o Marrequinha está multando teus automóveis”*, insinuava um ilhéu gozador. *Isto era o bastante para dois personagens entrarem em discussão prolongada, quase redundando em cena de agressão, para delírio da platéia manezinha*³⁰⁸. Adolfo teria sido responsável por situações embaraçosas envolvendo também personalidades políticas da cidade. Nesse caso, destaca-se o seguinte trecho:

Adolfo gostava de permanecer, na porta do Bar do Rosa, onde os bacanas aboletavam-se nas mesas para bebericar e discutir política, além da vida alheia. Muitas vezes chegou a deixar o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, corado na presença de amigos ilustres: *“Ladrão, cadê os meus carros roubados?”* Ele fazia o mesmo papel de magnata à porta do Café Nacional e sua vítima preferida era o Osmar Dutra,

³⁰⁷ SIMÕES, Aldirio. *Domingueiras: Sou Ilhéu, Graças a Deus*. Florianópolis: Papa-livro, 1990.

p. 29

³⁰⁸ Ibidem, p. 30.

negociante de carros, terrenos e outros babados, que Adolfo perseguia e classificava como ladrão de suas propriedades. O Manoel de Menezes, que muito sucesso fez na cidade com seu vistoso automóvel esporte vermelho “cheguei”, conhecido como Marta Rocha, depois que o decano jornalista desfilou com a famosa ex-miss Brasil em torno da praça XV, também nunca foi perdoado pelo enciumado Adolfo³⁰⁹.

Adolfo e Marrequinha, além de constarem enquanto importantes personagens da cidade nas crônicas de Simões surgiam também, enquanto referenciais que deveriam ser conhecidos por qualquer pessoa que almejasse incluir-se no rol dos que possuiriam a denominada formação ilhoa completa: *“pra que sua formação ilhã seja realmente de primeira, o nativo tem que saber quem foi o Barca Quatro, o Curvina e o Adolfo; é ter mexido com o Marrequinha”*³¹⁰.

Todavia, essas histórias, relacionadas com Adolfo e Marrequinha servem para ilustrar uma característica de parte das produções de alguns colunistas sociais, cronistas e escritores de Florianópolis. Elas versam sobre histórias onde se destacavam fotógrafos, juízes de futebol, marinheiros, tarados, poetas, seresteiros, agiotas, senhoras moradoras do interior da Ilha, moças moradoras da parte mais pobre do centro da cidade, etc. Nessa produção, repetem-se nomes, situações e personagens, onde Florianópolis adquiria a forma da *cidade dos casos e ocasos raros*.

Entretanto, no meio delas nota-se uma série de referências acerca de transformações urbanas e demográficas acontecidas em Florianópolis. No caso da Rua Felipe Schmidt, por exemplo, as situações narradas sobre Marrequinha e Adolfo somente seriam possíveis naquele local enquanto na rua não existia um trânsito congestionado³¹¹. Essa rua foi transformada em calçadão, conjuntamente com a Rua Conselheiro Mafra no ano de 1977³¹².

Pode-se ressaltar também a observação realizada por Simões a uma suposta cumplicidade entre os dois personagens e os freqüentadores do centro

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.

³¹¹ O qual surgia manifesto na década seguinte na cobrança de Cacau Menezes de um estacionamento na região conforme se verá mais adiante.

³¹² Conforme: O ESTADO. Florianópolis, 20 ago. 1977. Com relação à obra do calçadão, Stodieck manifestava-se de forma crítica: *“É claro que é ótimo participar daquele povaréu todo que veio encher e enfeitar as três primeiras quadras da nossa principal passarela. Mas pra que isso acontecesse bastava fechá-la ao trânsito – e nada mais. Florianópolis é uma cidade que ainda não se pode dar ao luxo de se ver contemplada com uma obra aparentemente supérflua e que lhe custou Cr\$ 5.500,00 quando problemas, os mais variados, exigem urgência e muito dinheiro, é claro”*. In: O ESTADO. Florianópolis, 16 out. 1977.

urbano, pois esses, já conhecendo as referidas figuras, aceitavam passivamente suas intervenções no fluxo de veículos, além dos próprios políticos do período a qual o trecho indica. Nesse caso, esperar a mesma postura de alguém recém chegado na cidade seria algo impensável, porque não seria de esperar desses a mesma passividade diante da situação.

Por outro lado, com relação aqueles que se autodenominavam ilhéus, tal comportamento também não parece ter sido consensual. O próprio Stodieck, já se manifestava irritado com a forma como certos carros eram guiados *“e não precisa ser placa de São José não, pra cometer esse pecado – há exemplo – ilhéus e bem conhecidos fazendo besteira”*³¹³ no centro da cidade:

Seguramente Florianópolis é a única cidade do país em que os motoristas param displicentemente à frente dos cinemas pra saber que filme está em cartaz. E se por acaso alguém atrás buzinar e pedir passagem, gestos obscenos entrededos são projetados, saindo pelas janelas – ou então mandando passar por cima, transformando o ignorante em rato de via pública... Se ainda desse pra passar por cima... Que provincianismo!³¹⁴

Outro dos personagens que surgia com freqüência nas crônicas e nas colunas sociais era o *senador* Alcides Hermógenes Ferreira, agraciado com o Troféu Manezinho da Ilha na segunda edição realizada no ano de 1988³¹⁵, o qual era tido enquanto uma referência a ser conhecida por quem almejasse ser considerado um verdadeiro ilhéu: *“é saber quem é o senador Alcides Ferreira (e sacar que além de não ser senador coisíssima nenhuma, também não nasceu na ilha, mas em Joinville)”*³¹⁶.

A alcunha de senador pela qual esse senhor era conhecido possui controvérsias. Por um lado estaria relacionada com suas muitas amizades entre os políticos catarinenses; outra das versões seria a de que provavelmente ela teria surgido durante um episódio acontecido no Rio de Janeiro: ao receber como presente um paletó de um amigo senador, este teria esquecido no bolso muitos cartões com seu nome e seu cargo político. Com esses cartões Ferreira se apresentava como senador em bares e restaurantes,

³¹³ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 12 ago. 1987.

³¹⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1989.

³¹⁵ Conforme consta em: AMANTE, Francisco Hegidio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p. 565.

³¹⁶ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.

o que teria lhe proporcionado agradáveis momentos na então capital da república³¹⁷.

Em relação ao senhor Alcides Ferreira, havia um conjunto de histórias que circulavam na cidade onde ganhava destaque aquelas em que se fazia presente o jogo do bicho. “*Creio ser o jogo a minha principal vocação*” teria relatado o “*impagável*” Senador³¹⁸. Em uma delas, numa combinação entre amigos, atrasava-se o relógio da Catedral Metropolitana com o intuito de acertar no jogo do bicho. A trama era assim disposta: atrasava-se em cinco minutos o relógio da catedral e, nesse intervalo, com o resultado da loteria federal, adquirido com um amigo telegrafista dos Correios e Telégrafos, se dirigiam até o banqueiro e apostavam no número correspondente o que ocasionava vultosos ganhos. A festa teria terminado quando o pároco flagrou um dos autores da maracutaia subindo a torre da igreja³¹⁹.

Dentre as transformações que podem ser vistas por meio das histórias sobre o senador, nota-se especialmente aquelas que se referem a relações socioculturais. No caso, por exemplo, da narrativa de Simões, novamente, como anteriormente destacado nas histórias de Adolfo e Marrequinha, nota-se uma cumplicidade que transpassa as situações narradas. Somente foi possível enganar o banqueiro do jogo do bicho porque os autores da trama eram bastante familiares do funcionário do correio.

Sobre essa situação pode-se fazer, a partir das observações teóricas de Simmel, algumas considerações. Esse autor ressaltou, por exemplo, que dentre os comportamentos em ambientes como as metrópoles destacam-se uma atitude de distanciamento entre as pessoas. Seguindo esta consideração,

³¹⁷ SIMÕES, *Retratos a luz de pomboca*, op. cit., p. 189. Entretanto, haveria ainda uma terceira versão, fornecida pelo próprio *impagável senador*: “Só pode ter sido coisa de um homem inteligente. Foi o Jáu Guedes da Fonseca, um grande e dileto amigo meu, que me deu este título honorífico. O Jáu também gostava muito de jogar campista, que tem uma escrita a ser feita, como sabem os aficionados. Pois bem: na nossa roda quem fazia essa escrita mais perfeita, com mais acuidade, era eu. Então, o Jáu começou a me chamar de “Senador”. Este apelido, portanto, eu ganhei numa mesa de campista³¹⁷”. Conforme: CALDAS FILHO, Raul. Oh! Que delícia de Ilha! Florianópolis: Paralelo 27 em co-edição com Ed. Lunardelli e Propague, 1995. p. 126. Com relação ao termo campista: certo jogo de cartas. Conforme: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 19--.

³¹⁸ Ibidem, p. 125.

³¹⁹ Consta em: SIMÕES, *Retratos a luz de pomboca*, p. 190.

pode-se antever que o quadro apresentado por Simões se apresentaria bastante difícil de acontecer numa cidade de maior porte.

Além disso, tal cumplicidade não poderia ser esperada num lugar como a Florianópolis que existia na década de 1990, posto que, por exemplo, a presença de novos moradores era uma realidade na cidade o que conformava relações sociais onde novos traços estavam presentes, como esses destacados por Stodieck:

Um dos sintomas da cidade grande que está tomando conta de Florianópolis é quando a gente encontra outra e depois não encontra mais; sumindo da esperança, de soslaio na memória.

Se bem que ainda é bem comum a gente cruzar com uma tal – que se conhece – porém finge que nem sabe quem é; que é pra dar a sensação de que vivemos numa cidade grande... Tal a variedade de pessoas “desconhecidas”.

Aí então, aproveita-se e deixa de cumprimentar quem não está afim. Fazer-se de distraído então – diante do indesejável – é ótimo; os mais tímidos disfarçam e fingem que olham vitrinas...

Mas de qualquer maneira é a cidade grande querendo chegar; já lá se foi o tempo em que a comunidade se comunicava efusiva e amiga³²⁰.

Além dessas considerações, realizadas a partir da freqüência de citações sobre esses personagens, é possível, a partir do momento em que se agrupam em conjuntos algumas narrativas dos colunistas, cronistas e escritores, estabelecer algumas interpretações acerca do propagado sentimento de invasão existente na cidade.

3.2.1. Lugares

Nas narrativas dos cronistas e colunistas surgem expressas duas Florianópolis. A primeira, aquela dos *“tempos bandidos esses que liquidaram sumariamente com a figura do pombeiro, o vendedor ambulante adaptado aos costumes da cidade antiga”*³²¹, da época *“em que todos ainda se conheciam na cidade”*³²². E a outra, a cidade nova, que estava a *“caminho de uma metrópole”*³²³.

Apesar de existir em alguns momentos uma periodização: *“Anos 40/50: Ainda uma Deliciosa Província, Anos 60: A Cidade Começa a crescer e Anos*

³²⁰ STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 fev. 1986.

³²¹ SIMÕES, *Domingueiras*, op. cit., p. 69.

³²² SIMÕES, *Domingueiras*, op. cit., p. 8.

³²³ *Ibidem*.

70/80: *Tempos de Transformação*³²⁴, as histórias presentes nas colunas sociais e nas crônicas não eram localizadas temporalmente de modo muito preciso.

Para estabelecer-se o contraste entre a cidade antiga e a cidade nova, algumas situações eram freqüentemente narradas. Como, por exemplo, tiroteios, brigas, desfiles de carnaval, jogos de futebol, serestas, procissões, festa religiosas, velórios... Dentre os lugares em que estas teriam acontecido pode-se destacar dois, tendo em vista algumas transformações nos seus usos que se fizeram presente no decorrer do período.

Primeiramente, o Ponto Chic também denominado de Senadinho, que foi o lugar em que Esperidião Amin mandou grafar em 1978, de acordo com Caldas Filho, um mosaico com a inscrição com as iniciais: SPQF. Que possuiria o seguinte significado: “*Senatus Populusque Florianopolitanus (o senado do povo de Florianópolis)*”. Existindo ainda outra versão: “*solução para qualquer fofoca*”³²⁵.

Na Felipe Schmidt, estão alguns bares sempre super-freqüentados. Do mesmo lado, no mesmo quarteirão, o Ponto Chic e o Vic's tornaram-se o centro estadual da fofoca. Desocupados, mas nem tanto assim, gente fugidinha do emprego, colegiais em saída de aula (outros matando), universitários que sempre dão um jeito de uma passada – rápida ou não – na porta de um desses dois bares (com o pretexto de um cafezinho) para uma fofoca³²⁶.

Com o passar dos anos esses lugares foram adquirindo outras feições, dadas especialmente por novos atores sociais que se fizeram presentes no centro urbano. O Ponto Chic, por exemplo, que surgia nas crônicas enquanto um lugar demarcado por uma cultura política em que se faziam presentes, de forma destacada, os partidos políticos do PSD e da UDN³²⁷ foi palco da Novembrada. Nesse episódio a visita do último presidente militar, João Figueiredo, em Florianópolis no ano de 1979, foi transformada num protesto contra a ditadura. Nota-se, o contraste entre uma Florianópolis presente nas

³²⁴ Como está colocado no sumário de: CALDAS FILHO, op. cit.

³²⁵ A partir da criação desse título, “*começaram a ser realizadas sessões “solenes” para a entrega de diplomas do SPQF, criado pelo arquiteto Wolfgang Rau, aos mais destacados “senadores”*”, Conforme: CALDAS FILHO, op. cit., p. 87.

³²⁶ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 02 fev. 1972.

³²⁷ Em Caldas Filho (1995) consta o seguinte relato do senhor Ferreira: *Uma vez, durante o Governo de Irineu Bornhausen, alguém levou a ele algo importante a ser aprovado. E o Irineu então perguntou: “Já consultaram a Felipe?”*. In: CALDAS FILHO, op. cit., p.86. O governo de Irineu Bornhausen foi exercido entre os anos de 1951 e 1956, seu partido político era a UDN.

crônicas em que as relações entre políticos e a população previam, por exemplo, que alguém como Adolfo interpelasse o líder do PSD em Santa Catarina (Aderbal Ramos da Silva) denominando-o de ladrão (conforme anteriormente destacado), com uma manifestação contrária a ditadura militar que incluiu, inclusive, uma pancadaria generalizada no Ponto Chic³²⁸.

Outro dos lugares presentes freqüentemente nas crônicas e colunas sociais era a Praça XV de Novembro. No ano de 1983, Stodieck destacava que debaixo da Figueira muitas situações teriam acontecido: *“Ah, se cada banco contasse o que escutou ao longo de suas vidas passadas ao relento?! Bancos que já participaram de tantas confabulações que, se um dia resolvessem, derrubariam governos”*³²⁹.

A praça foi ocupada por diversos atores sociais no decorrer do século XX. Conforme destaca Coradini, ela foi freqüentada, por exemplo, por engraxates, jornalheiros, taxistas, bicheiros, vendedores de amendoim, boêmios e bêbados. Todavia, no período da escrita dessas crônicas e colunas ela estaria passando por um momento em que figuravam dentre seus freqüentadores traficantes de entorpecentes³³⁰. Obviamente que para qualquer pessoa que vislumbrasse na praça um lugar para o encontro, por exemplo, de senhoras ou senhores aposentados, tais presenças seriam motivo de apreensão.

Entretanto, uma questão importante se sobressai nos dois excertos destacados acima, ela refere-se a uma característica ressaltada pelos colunistas e cronistas enquanto conformadoras daquilo que denominavam como uma das características componentes do perfil do ilhéu: a de ser um *“mexeriqueiro”*³³¹. Dois dos lugares em que isso se exercia de forma ativa, eram os acima destacados: o Ponto Chic e a Praça XV, *“a essência do humor e da fofoca-pulmão de Florianópolis”*³³². A fofoca, inclusive, seria uma das

³²⁸ Sobre a Novembrada, ver: PEREIRA, Moacir. *Novembrada*. Um relato da revolta popular. Florianópolis: Insular, 2004.

³²⁹ STODIECK, Beto. JORNAL DO BETO. Florianópolis, 1ª semana de maio de 1983.

³³⁰ CORADINI, Lisabete. *Praça XV*. Espaço e sociabilidade. Florianópolis, Letras contemporâneas: 1995.

³³¹ Nos anexos 4, 5 e 6 encontram-se fotos de alguns lugares que estavam presentes nas colunas sociais e crônicas escritas.

³³² STODIECK, Beto. JORNAL DO BETO. Florianópolis, 1ª semana de maio de 1983.

características que aproximaria, a cidade da década de 1970 com a cidade da década de 1950:

A cidade era calma, angustiante até: em cada janela uma mulher debruçada – com os seios já com o formato do pára-peito -, em cada esquina grupos de homens, discutindo isto ou aquilo ou absolutamente nada. E nada acontecia. Ou melhor, coisas aconteciam, mas muito raramente o que era assunto até um próximo escândalo (só os escândalos – despertavam o povo). Na falta de fofoca, inventavam. E não é – o que fazem agora?³³³

O destaque dado à fofoca, por esse colunista, pode ser interpretado também a partir das considerações realizadas por Elias e Scotson. De acordo, com esses autores existiriam basicamente dois tipos de fofoca: a elogiosa (que enaltece aquele de quem se fala), e a difamatória (que pretende macular as outras pessoas). Entretanto, em ambas existe algo em comum: existindo a via por onde transita a fofoca, verifica-se a existência de algo que aproxima as pessoas.

Nesse sentido, a fofoca não deve ser vista enquanto um fator que aumenta a coesão de um grupo, mas sim como indicativo de algo já constituído. E quanto maior a aproximação entre as pessoas (especialmente aquelas que se consideram integrantes de um grupo), maior é a quantidade de informações trocadas entre e sobre elas³³⁴.

Desse ponto de vista, o falar sobre determinados personagens e lugares da forma como era realizado pelos colunistas e cronistas mostra que havia algo compartilhado entre eles. As histórias diziam respeito a situações presenciadas, ou então, reconhecidas por eles enquanto dotadas de importância.

Em comum a todas essas narrativas, é o fato de serem veiculadas por autores que publicavam crônicas nos jornais que circulavam na cidade como, por exemplo, Raul Caldas Filho, Sérgio da Costa Ramos, Aldírio Simões ou, então, colunas sociais como, por exemplo, aquelas escritas por Beto Stodieck.

Além disso, era freqüente que esses autores escrevessem o prefácio dos livros (ou a contracapa) uns dos outros. Alguns exemplos: o prefácio de *Domingueiras*, livro de Aldírio Simões, é escrito por Raul Caldas Filho. A apresentação de *Oh! Que delícia de Ilha!*, autoria de Caldas Filho, é escrita por

³³³ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 27 out. 1971.

³³⁴ Discussão presente em: ELIAS & SCOTSON, op. cit.

Sérgio da Costa Ramos. A contracapa de *Fala Mané!*, de Simões, é escrita por um dos ganhadores do Troféu Manezinho da Ilha, Irê Silva, o “*anarquista dos araçás*”. O prefácio de *Somos Todos Manezinhos*, de Chico Amante, é escrito por Simões.

Num desses prefácios, de um livro de Simões, Caldas Filho escreveu que para se conhecer a cidade seria necessário ler o livro: “*Se algum historiador do futuro quiser conhecer o temperamento dos habitantes da cidade erguida sobre a Ilha de Santa Catarina, no transcorrer do século XX, terá que, inevitavelmente, debruçar-se sobre estes “Retratos à luz de Pomboca”*³³⁵.”

Como dito nesse prefácio, os trechos selecionados das colunas sociais, dos livros e das crônicas para essa pesquisa, faziam alusão a um conjunto de personagens e histórias que adquiriam a forma de um lugar em que todos transitavam pelas mesmas referências.

3.2.2. Formas de falar.

Dentre essas referências que surgiam em descrições presentes nas colunas sociais e nas crônicas destacam-se aquelas referentes a expressões utilizadas cotidianamente: “*No linguajar do dia-a-dia o “manezinho” açoriano é também altamente criativo: inventa palavras, filosofia, faz trocadilhos, lança tiradas, cria expressões e neologismos dignos de Guimarães Rosa*³³⁶.”

Uma delas referia-se a expressão indicada por Stodieck: “*o verdadeiro ilhéu inticou; ‘arrombastes Laila’*”. Arrombar, de acordo com os cronistas da cidade, já era um termo utilizado com frequência na cidade e que utilizado em sentido dúbio, referia-se tanto para comentar algo grandioso, quanto expressar descrença diante de uma mentira. Ou então, ambos os sentidos ao mesmo tempo³³⁷.

Tal expressão era freqüentemente relacionada na literatura produzida em Florianópolis com um episódio envolvendo Laíla Freyesleben. Esta senhora, nascida no ano de 1926, em Florianópolis era pertencente a uma

³³⁵ CALDAS FILHO, Raul. In: prefácio de *Retratos a Luz de Pomboca*, op. cit, p. 9.

³³⁶ CALDAS FILHO, op. cit, p. 79.

³³⁷ SIMÕES, *Domingueiras*, op. cit, p. 89.

família bastante conceituada na cidade. Exerceu, dentre outras atividades, o ofício de colunista num espaço dominical no jornal “A Gazeta” entre os anos de 1947 e 1948 que circulava em Florianópolis, além de ter participado do Grupo Sul, composto por escritores modernistas, no final da primeira metade do século XX³³⁸.

Certa vez, Laíla estaria sentada numa mesa num bar que poderia ter sido o Rosa, ou o Pérola (dependendo do autor que narra a história), conversando com um amigo sobre teatro. Ela teria em algum momento se dirigido ao garçom Ferri³³⁹ e feito um pedido que teria dado início a um pequeno diálogo:

- Traga-me algo cítrico para beber.
- Algo cítrico?
- Sim. Limonada, laranjada, coisas assim.
- Arrombastis, Layla³⁴⁰.

Outra expressão existente na cidade referia-se quando, em alguma transação, o cliente, insatisfeito com o preço avisava ao vendedor que este, em decorrência disso, não venderia a mercadoria para ninguém. Segundo consta, em *“certa manhã apareceu no Mercado um vendedor ambulante conduzindo uma pomba branca num balaio. Uma senhora, interessando-se pela ave, indagou”*:

- Qual é o preço?
- É mil cruzeiros – respondeu o vendedor.
- O que?! Seu ladrão. Mofas com a pomba na balaia!³⁴¹

Todavia, como se nota, eram expressões que diziam respeito a uma cidade diferente daquela que passou a existir em Florianópolis no momento da escrita dessas crônicas: os Bares Pérola e Rosa já não existiam, assim como, o vendedor conhecido como Pombeiro. Desse modo, os significados atribuídos a essas expressões faziam sentido para quem de um modo ou de outro conhecia os protagonistas dessas histórias tendo em vista que, retiradas de

³³⁸ Sobre a senhora Laíla ver: BRONAUT, Margari Maria Comparsi. *Arrombastes Laíla!* Rostos do Personagem, Faces de Florianópolis na Segunda Metade do Século XX. Monografia (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis, 2000.

³³⁹ O próprio garçom constituía um dos personagens protagonistas de algumas situações. Ele era Faquir, mas com o passar do tempo, ao perceber que seu ofício já não atraía as pessoas, teria resolvido tornar-se garçom. Conforme: Simões, *Domingueiras*, op. cit., p.89.

³⁴⁰ SIMÕES, Aldírrio. *Domingueiras*, op. cit., p.90.

³⁴¹ CALDAS FILHO, op. cit, p. 30.

seu contexto, seria bastante difícil compreender o que significaria “*mofas com a pomba na balaia*” ou ainda, “*arrombastis Laíla*”.

3.2.3. Para além de uma comunidade

Obviamente, inexistia um estado de harmonia entre aqueles que se identificavam enquanto ilhéus. Entre Cacau Menezes e Beto Stodieck existiram conflitos que podem ser vislumbrados a partir de algumas colunas sociais em que os colunistas trocavam farpas. Em agosto de 1988 Menezes escreveu: “*Colunista Beto Stodieck está dando a volta no tempo: foi sexta-feira na grande festa de 15 anos de Cristina De Vicenzi e, no sábado, estava na festinha de 6 anos da Bruna, filha da Witty e do Gaúcho*”³⁴².

Por outro lado, Menezes utilizava-se das palavras *In* e *Out* para falar sobre aquilo que considerava em moda na cidade: “*Roupa transparente e cabelo comprido, por exemplo, é in. Joaquina e cocaína é out, claro*”³⁴³. Já Stodieck, contestava tal forma de classificação: “*Não há nada mais out do que ficar por aí determinando o que é in o que é out. Afinal, o que é in pr’uns é out pr’outros – e vice-versa e versa-vice. Versante*”³⁴⁴.

No ano de 1988 existem colunas sociais escritas por Stodieck e Menezes em que se percebe que estaria acontecendo um desentendimento entre ambos. Exemplo disso se encontra nesta escrita por Stodieck:

Foram vistos palestrando animadamente no bar da ‘Ecco’ na madrugada de sexta, os discutidos jornalistas da mundanidade catarinense, Miro, Cacau Menezes e este que vos fala e confessa. Falavam & falavam sob atônitos olhares de curiosos incrédulos que não conseguiam entender insólita cena num dia futuro, o que dizer no presente? Que no passado eram assim, ó, os três”.

Na coluna social de Cacau Menezes, consta uma situação em que Túlio Carpes, homenageado durante a entrega do primeiro Troféu Manezinho da Ilha, teria sido responsável:

Preocupado, como sempre, Túlio Carpes telefona para a coluna exigindo que fosse dado a ele, publicamente, o título de conciliador do ano. Não abre mão de ser citado, e eternamente lembrado, como o responsável pela façanha de colocar frente a frente os colunistas Beto Stodieck, Miro e Cacau Menezes, na última sexta-feira, na boate Ecco. Aliás, foi incrível a satisfação dos amigos, dos três, que estavam na boate ao ver o inusitado encontro. Era, decididamente, uma briga ruim para a cidade.

³⁴² MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 30 ago. de 1988.

³⁴³ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 dez. de 1988.

³⁴⁴ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 11 dez. 1988.

Em comum aos colunistas, todavia, o fato de constar em seus respectivos vocabulários, a palavra mané possuindo teor negativo. Destaca-se, por exemplo, Stodieck discordando do modo como estava sendo realizada a valorização do mané da ilha: *“O verdadeiro mané – manezinho da ilha -, quando assim chamado, responde furioso, xingando a mãe do interlocutor. O restante é falso charme”*³⁴⁵. Isso também se lê, quando de sua observação sobre a observada moda mané na cidade:

Pelo jeito o comentarista esportivo da RCE, Miguel “Manezinho” Livramento é super visto à hora de seu quadro diário.

A moda agora entre a rapaziada que frequenta a noite florianopolitana, é falar mané que nem o engraçadinho comentarista ilhéu. Aliás, mais ilhéu impossível - ilhéu dos Açores...

Querem ver profusão de “Miguéis” se expressando todos ao mesmo tempo que nem a figura, é só atentar os ouvidos pelos ambientes do “Nostradamus”, o ponto da onda local.

- Tas um monstro, ó! Dás um banho! (E por aí, o desfiar característico que é de “matar” de rir – principalmente na boca do Livramento).

Deus nos livre e guarde³⁴⁶.

Destaca-se que Miguel Livramento foi agraciado com o título de Manezinho da Ilha já na sua primeira edição no ano de 1987. Nesse sentido, não é estranho anotar, que Stodieck não recebeu o Troféu Manezinho da Ilha.

Outra dessas querelas dizem respeito com aquelas acontecidas durante o concurso “Revivendo o Miramar” proposto pela prefeitura municipal durante a gestão de Edison Andrino (1986-1988) e desenrolado na gestão de seu sucessor, Esperidião Amin (1989-1990), novamente destaque-se que ambos os políticos foram agraciados com o troféu Manezinho da Ilha na sua primeira versão. Tal concurso, que pretendia a reconstrução do Trapiche Miramar, foi defendido com bastante vigor por Aldírio Simões, que dentre outras, foi um dos membros da comissão avaliadora dos projetos participantes³⁴⁷. Cacau

³⁴⁵ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 09 mar. 1988.

³⁴⁶ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 17 jul. 1988.

³⁴⁷ O restaurante Miramar, localizado no trapiche construído em 1928, para substituir o que até então existia, era frequentado, a princípio, pelas camadas sociais mais privilegiadas da cidade, que ali se reuniam, por exemplo, para o acompanhamento das competições de Remo. Com o passar dos anos, tornou-se também um lugar de encontro de boêmios e artistas. No decorrer da década de 1960, à medida que determinadas políticas de urbanização se fizeram presente, dentre as quais aquela que ocasionou o aterramento de extensa faixa de mar na Baía Sul, a construção paulatinamente foi relegada ao abandono. O prédio, entretanto, foi recuperado pelo grupo de teatro TECA (Teatro Estudantil Catarinense) que ali fundou o primeiro teatro de arena de Santa Catarina no ano de 1972. Entretanto, apesar dos protestos dos membros do grupo, assim como de jornalistas, artistas e de pessoas da cidade, o Miramar foi derrubado em outubro de 1974. As repercussões ocasionadas com a derrubada do Miramar e as discussões que se desenrolaram, assim como a discussão acima, se encontram em: NONNENMACHER,

Menezes, por seu turno, criticava tal discussão em torno da reconstrução do prédio:

Já foi publicado o edital para a construção do edifício-garagem no Largo Fagundes, também em Florianópolis? Ninguém sabe, ninguém viu, Quando, efetivamente, vai ser inaugurado de forma a ser usado de verdade, o novo terminal urbano? Não se tem a resposta, embora já tenha sido “inaugurado”, com banda, discurso e tudo. Esqueceram-se que para funcionar, o terminal precisava, entre outros, de banheiros. Por isso tudo, é que discutir a reconstrução do Miramar é chover no molhado.

Nesse sentido, não seria estranho também grifar que Cacau Menezes não foi agraciado no concurso Manezinho da Ilha³⁴⁸. Com relação ao termo mané, o colunista também se expressava de uma forma em que ele remetia a algo negativo:

A noite de Florianópolis vive uma crise sem precedentes na história da cidade. De quantidade e qualidade. As boates estão vazias e estão fechando. Não há um som atual, não há grandes pistas nem iluminação frenéticas e, sobretudo não há animação. Shows, então nem pensar. A Ilha de Santa Catarina, definitivamente, “manezou”³⁴⁹.

Todavia, apesar dessas tensões existentes entre esses colunistas e cronistas que se identificavam enquanto ilhéus, ainda assim havia algo que os unia. Tal denominador comum pode ser visto nos termos elaborados por Lefebvre acerca da diferença entre vivência e experiência.

Para esse autor, vivência está relacionada com uma situação que é vivida por um indivíduo, enquanto que experiência traduz algo compartilhado por mais de uma pessoa o que conforma uma posição em que existe algo em comum entre elas³⁵⁰. No caso dos colunistas e cronistas, pode-se perceber que possuiriam em comum o fato de terem acompanhado as transformações urbanas e demográficas acontecidas na cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX.

Um exemplo disso se encontra, por exemplo, no caso das histórias sobre o Senador Alcides Ferreira. O significado de seus episódios fazia sentido para pessoas que conheciam seu círculo de convivência e que conheciam os

Marilange. *Vida e Morte Miramar*. Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2007.

³⁴⁸ A relação completa dos agraciados se encontra em: AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998, e em: AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos II*. Florianópolis: Papa-Livro, 2007.

³⁴⁹ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 17 jul. 1988.

³⁵⁰ LEFEBVRE, Henri. *La presencia y La ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica do México, 1983.

lugares a que ele fazia referência, mas não possuíam o mesmo significado para quem era recém chegado na cidade. Com relação a essa experiência compartilhada alguns dados biográficos desses autores podem ser destacados.

Aldírio Simões nasceu no Distrito de Canasvieiras, em 1942, “*onde passou parte da infância, mas com passagens por diversos bairros do centro*”³⁵¹. Trabalhou no rádio, na televisão e escrevia, para os jornais em que atuou, não apenas crônicas, num espaço denominado de *Domingueiras*, mas também notícias em seu espaço *Clube do Samba*.

Raul Caldas Filho nasceu em São Francisco do Sul no ano de 1940, mas passou a residir na cidade ainda criança³⁵². Atuou, por exemplo, na imprensa catarinense durante a década de 1970, onde publicava suas crônicas nos jornais de maior circulação de Santa Catarina: o “Jornal de Santa Catarina” e o “O Estado”³⁵³. Elas foram reunidas em livros como *Delirante Desterro* (1980), *Oh! Que delícia de Ilha!* (1995) e *Oh! Casos e delícias raras!* (1998).

Sérgio da Costa Ramos, filho de Rubens de Arruda Ramos, advogado e jornalista prestigiado na cidade na segunda metade do século XX. Começou a carreira como revisor no jornal O Estado em 1965, onde após 1967 passou a ocupar um espaço dedicado a suas crônicas. Escreveu neste jornal até 1988, com alguns períodos de afastamento, ingressando então em 1991 no Diário Catarinense. É formado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina³⁵⁴.

Por fim, Chico Amante, nome de Francisco Hegídio Amante, autor do já referenciado *Somos Todos Manezinhos*. Nascido em Florianópolis no ano de 1933, exerceu diversas atividades, sendo uma delas professor de história, além de prestar colaboração também para o jornal “AN Capital”³⁵⁵.

Obviamente, quando alguém que nasceu e freqüentou o centro urbano de Florianópolis o atravessa, nota coisas que alguém recém chegado nunca

³⁵¹ Conforme: *Domingueiras*, op. cit, p. 5.

³⁵² Como consta na contracapa de: CALDAS FILHO, Raul, *Oh! Que delícia de Ilha!*, op. cit.

³⁵³ Informações retiradas de diversas fontes como, por exemplo: CALDAS FILHO, Raul, *Oh! Que delícia de Ilha!*, op. cit.

³⁵⁴ Conforme: FERRARO, Jaqueline Lumena. *Florianópolis re-contada sob os olhos de Sérgio da Costa Ramos*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2007.

³⁵⁵ Informações extraídas de: AMANTE, Francisco Hegídio, *Somos todos manezinhos*, op. cit.

poderá notar. Porque não viu as construções que ali existiam, não conheceu pessoas que ali transitavam, etc. De acordo com Caldas Filho isso seria explicado da seguinte maneira: *“Para aqueles que viveram nas plagas desterrenses entre os anos de 40 e 60 estas páginas têm o sabor de uma viagem no tempo, à maneira das histórias em quadrinhos publicadas nos gibis daquela época”*³⁵⁶. A esse compartilhamento de referências Simões faz alusão no prefácio do livro *Somos todos Manezinhos*:

Há quem diga que essa auto-estima coletiva foi provocada a partir da criação do Troféu “Manezinho da Ilha”, em 1987; entretanto, como criador do evento, sou suspeito para fazer uma avaliação mais profunda. Mas fico com a certeza de que, com a criação do troféu, o ilhéu reconquistou a auto-estima e, hoje, a caminho do terceiro milênio, tem um orgulho desgraçado em se assumir Manezinho. Na verdade, o troféu “Manezinho da Ilha”, não tem a pretensão de resgatar a cultura açoriana; se assim fosse – seria recomendável premiar milhares de moradores das comunidades praias mas, sim, homenagear pessoas identificadas com o cotidiano da cidade, com elevado espírito ilhéu, com sentimento de orgulho por Florianópolis. Em síntese, ser Manezinho é um estado de espírito³⁵⁷.

Certamente, grande parte das pessoas que chegaram à cidade acompanhou as transformações acontecidas na segunda metade do século XX: conforme se viu a migração possuiu um ritmo paulatino. Ou seja, esses migrantes também foram seus observadores.

Todavia, no contraste estabelecido entre uma cidade antiga e uma cidade nova, que existe em parte da produção de colunistas sociais, escritores e cronistas de Florianópolis, as pessoas que chegaram à cidade apareciam como parte das transformações, como algo externo à cidade. Além disso, em muitos momentos, especialmente quando se destacava o que era considerado ilhéu e o que era considerado estrangeiro, essas pessoas surgiam sob o rótulo de invasoras.

³⁵⁶ CALDAS FILHO, Raul. Prefácio de *Domingueiras*, op. cit., p. 5.

³⁵⁷ SIMÕES, Aldírio. Apresentação de: *Somos todos manezinhos*, op. cit., p.17.

Considerações finais.

Como diversos autores tem destacado, os efeitos da modernidade, e particularmente da globalização, ocasionaram transformações na forma como os indivíduos delineiam suas identidades. À luz dessa leitura, os conflitos advindos das transformações demográficas e urbanas ocorridas em Florianópolis podem ser entendidos enquanto manifestação particular de questões existentes em diversas cidades brasileiras e também estrangeiras.

No presente caso, realizou-se um recorte a partir da década de 1970 ao se considerar que a partir desse período a capital catarinense viu parte das características que até então compunham sua paisagem urbana ser radicalmente transformada. Cabe, todavia, observar que tais conflitos não se encerram no final do século conforme o ano 2000 (contido no título da dissertação) poderia dar a entender. Eles continuaram a existir na cidade, podendo ser observadas a difusão e socialização das tensões socioculturais para outros veículos como, por exemplo, para a internet.

Nesse sentido, destacam-se as palavras de pessoas (jovens?) reunidas em comunidades no site de relacionamento Orkut: *“ñ falarás alto com teu sotaque de fora”* ou então *“ñ acharás que és o cara porque vens de “sampa mano” “di rio mermão” “bah os pinta são tri alugão”*³⁵⁸. Em outra dessas comunidades, denominada *“Eu odeio manezinho da ilha”*, se lê: *“Esta comunidade é pra você que já teve o desprazer de passar algum momento com um individuo deste, o famoso MANEZINHO!!!”* e, ainda ali, em versos: *“Vive na praça fazendo tarrafa, bebendo cachaça, e jogando dominó. Tem um sotaque tão feio, que chega a dar dó”*³⁵⁹. Tais textos geram, por exemplo, longas trocas de insultos que ali podem ser acompanhadas...

A observação a esse tipo de veículo (a internet) serve para destacar duas características essenciais desse trabalho: ele é escrito a partir da visão de pessoas que escreviam na imprensa e, além disso, consideravam-se e se autodenominavam ilhéus. Dessa maneira, os tópicos referem-se a discussões

³⁵⁸ Extraído da comunidade *Sai Fora Haole!...Floripa* criada em março de 2007.

³⁵⁹ Extraído da comunidade citada criada em 17 de maio de 2005.

presentes primordialmente nesses espaços dos jornais e, sendo assim, seria assumir sérios riscos generalizá-los para outras camadas da população. Nota-se, nesse caso, o depoimento de Airton da Rosa, morador de Capoeiras, bairro continental de Florianópolis, que viveu grande parte de sua vida em situação bastante difícil e que conseguiu adquirir melhor condição social e econômica a partir do aprendizado da profissão de mecânico: *“Hoje evoluiu pra caramba. Pra mim na verdade Florianópolis cresceu quando o povo de todos os lugares veio se encontrando. Cresceu pra quem trabalha no comércio, pois tem mais facilidade de trabalhar, tem mais movimento pra realizar teu trabalho... Na antiga era difícil, tinha de suar... Se pudesse, eu não voltaria ao passado. Pra mim está muito melhor”*³⁶⁰.

Outro equívoco que poderia ser cometido seria a de resumir as tensões socioculturais acontecidas na cidade a partir de uma dicotomia simples: conflitos entre pessoas nascidas e não-nascidas na cidade. Ou ainda, em outros termos, migrantes e população já residente. Como se viu, no estabelecimento de fronteiras simbólicas em Florianópolis havia pessoas nascidas em outras cidades que eram consideradas ilhéus. Desse modo, deve-se interpretar os agrupamentos em torno de termos como ilhéu e forasteiro enquanto fronteiras surgidas em meio a seleções e critérios que, se em determinados momentos adquiriram grande relevância, em outros se viram diminuída ou extinguida.

E como essas tensões acontecidas na cidade dizem respeito a seres humanos é possível constatar uma série de contradições: em alguns momentos, aqueles que se identificavam enquanto ilhéus desejavam que a cidade viesse a se tornar outra, em outros desejavam que ela continuasse igual.

Os locais em que discussões identitárias se fazem presente são um terreno sempre tenso e polêmico. Florianópolis, nesse sentido, não fugiu a regra: no decorrer das últimas décadas do século XX, no fluxo de transformações urbanas e demográficas, as discussões ali presentes são indícios de terrenos onde ocorreram conflitos socioculturais.

³⁶⁰ ROSA, Airton da. *Depoimento*. Florianópolis 27 de setembro de 2006.

Fontes

Censos Demográficos:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censos realizados nos anos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Depoimentos:

MENEZES, Cacau. *Depoimento*. Florianópolis, 15 nov. 2005.

ROSA, Airton da. *Depoimento*. Florianópolis, 27 set. 2006.

Jornais:

AFINAL, Florianópolis, mai. 1980.

A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 08 mai. 1988.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 jul. 1988.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 17 jul. 1988.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 30 ago. de 1988.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 dez. de 1988

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 1996.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 01 abr. 1997.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 13 abr. 1998.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 2005.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 22 jun. 1972.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 08 nov. 1983.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 29 e 30 abr. 1984.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 24 mai. 1985.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 fev. 1986.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 26 e 27 out. 1986.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 23 jun. 1987.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 12 ago. 1987.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 ago. 1987.

JORNAL DO BETO. Florianópolis, 1ª semana de maio de 1983

O ESTADO. Florianópolis, 27 out. 1971.

O ESTADO. Florianópolis, 02 fev. 1972.

O ESTADO. Florianópolis, 08 jun. 1973.

O ESTADO. Florianópolis. 05 jul. 1974.

O ESTADO. Florianópolis, 14 nov. 1974.

O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

- O ESTADO. Florianópolis, 15 mar. 1975.
 O ESTADO. Florianópolis, 14 abr. 1976.
 O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1976.
 O ESTADO. Florianópolis, 12 nov. 1976.
 O ESTADO. Florianópolis, 03 dez. 1976.
 O ESTADO. Florianópolis, 20 ago. 1977.
 O ESTADO. Florianópolis, 16 out. 1977.
 O ESTADO. Florianópolis, 04 nov. 1977.
 O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978.
 O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1979.
 O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1979.
 O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979.
 O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987.
 O ESTADO. Florianópolis, 26 jul. 1987.
 O ESTADO. Florianópolis, 09 mar. 1988.
 O ESTADO. Florianópolis, 17 jul. 1988.
 O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988.
 O ESTADO. Florianópolis, 07 set. 1988.
 O ESTADO. Florianópolis, 11 dez. 1988.
 O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 12 jan. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 02 fev. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 07 jun. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 09 jun. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 11 jun. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 14 jun. 1989.
 O ESTADO. Florianópolis, 24 mar. 1990.
 O ESTADO. Florianópolis, 13 e 14 mai. 1995.
 O ESTADO. Florianópolis, 25 abr. 1995.

ZERO. Jornal do Laboratório de Jornalismo da UFSC. Florianópolis, out. 1993.

Literatura:

- CALDAS FILHO, Raul. *Delirante Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1980.
 _____. *Oh! Que delícia de ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli: Paralelo 27, 1995.
 _____. *Oh! Casos e delícias raras*. Florianópolis: Insular, 1998.
 EÇA, Othon d'. *Homens e algas*. Florianópolis: Insular: Ed. da UFSC, 2003.

SIMÕES, Aldirio. *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*. Florianópolis: Papa-Livro, 1990.

_____. *Fala Mané*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

_____. *Retratos à luz de pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997.

Livros:

AMANTE, Francisco Hegidio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

_____. *Somos todos Manezinhos 2*. Florianópolis: Papa-livro, 2007.

MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

_____. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 19--.

PORTO, Bea e LAGO, Fernanda (Org.). *É Tudo Mentira. A história segundo Beto Stodieck*. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

Bibliografia

a) Sobre Santa Catarina:

ALVES, Márcia. *Entre a folia e a sacristia: as (re)significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC: 1999.

ANDRADE, Djanira Maria Martins de. *A influência da ponte Hercílio Luz no desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1978.

ARAÚJO, Hermetes dos Reis. *Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20*. p.102-113. In: *História de Santa Catarina*. Estudos Contemporâneos. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

_____. *A invenção do litoral. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo, 1988.

AREND, Silvia Maria Fávero. *Relações interétnicas na província de Santa Catarina (1850-1890)*. p.36-37. In: *História de Santa Catarina no século XIX*. BRANCHER, Ana & AREND, Silvia Maria Fávero (org.). Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

ASSIS, Leonora Portela de. *Planos, Ações e Experiências na transformação da "pacata" Florianópolis em capital turística*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

BITENCOURT, Suzana. *Castelos de areia: o turismo de litoral em Florianópolis (1930-1980)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005.

BOPPRÉ, Afrânio. *Esperança interrompida: cenários e bastidores de uma disputa com a direita em Florianópolis/1996*. Florianópolis: Insular, 2000.

BRONAUT, Margari Maria Comparsi. *Arrombastes Laíla! Rostos do Personagem, Faces de Florianópolis na Segunda Metade do Século XX*. Monografia (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis, 2000.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardeli, 1970.

_____. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. V.1. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CASCAES, Franklin; CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA (CECCA). *Uma cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1996.

CHEREM, Rosângela Miranda. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do império*. 1994. 1 v. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo.

CAMPOS, Emerson César. *Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea*. Criciúma (SC) (1980 – 2002). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2003.

_____. *O Catarinense de Bombacha: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959 – 1997)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1999.

CAMPOS, Nazareno José de. *Terras comunais na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Ed./Ed. da UFSC, 1991.

CORADINI, Lisabete. *Praça XV. Espaço e sociabilidade*. Florianópolis, Letras contemporâneas: 1995.

CÓRDOVA, Raquel Vieira de. *Ficar em Terra. O processo de migração de profissionais da pesca*. 1 v. Dissertação (mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1986.

COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

COSTA, Sandro da Silveira. *Ponte Hercílio Luz: Mutações Urbanas Em Uma Cidade Insular (1890-1960)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2002.

CRUZ, Dulce Márcia. *A RBS em Santa Catarina: estratégias políticas, econômicas e culturais na conquista do mercado televisivo regional*. 1 v. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1994.

FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os “nativos” e os “haoles” se encontram*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8.

_____. *Dos corretos desenganos e de outros desacertos: a presença portuguesa no Sul da América*. In: BRANCHER, Ana & AREND, Silvia Maria Fávero (org.). *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

_____. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1998.

FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARIAS, Vilson Francisco de. *São José: 250 anos: natureza, história e cultura para o ensino fundamental*. 2. ed. São José: Ed. do Autor, 2001.

FERRARO, Jaqueline Lumena. *Florianópolis re-contada sob os olhos de Sérgio da Costa Ramos*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2007.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

_____. *Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

FONSECA, Jefferson Rafael da. *Colunas Sociais como fonte para o estudo de Elites Locais: O caso de Florianópolis na década de 1970*. In: Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2006. v. 1. p. 2197-2206.

FRANZONI, Tereza Mara. *As "perigosas" relações entre movimento popular/comunitário e administração pública municipal na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1993.

FROTSCHER, Méri. *A cultura alemã como "ameaça" à cultura luso-brasileira: nacionalização e conflitos culturais em Santa Catarina*. p. 423-479. In: *O Beijo Através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó, Argos: 2001.

GARCIA, Sérgio Ricardo Costa. *Os embarcados: memórias de um movimento Populacional da cachoeira do bom Jesus, norte da Ilha de Santa Catarina entre 1940 e 1980*. 2008. Monografia (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis, 2008.

GUERINI, Eduardo. *Metropolização e Impactos Sócio – Ambientais em Florianópolis (1986 – 1996)*. 1 v. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2000.

HUBENER, Laura Machado. *O comércio da cidade do Desterro no século XIX*. Florianópolis, Ed. da Ufsc: 1981.

KAISER, Jakzam Dalla Leite. *Ordem e progresso: o Brasil dos gaúchos*. 1 v. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1998.

KRUSENSTERN, Adam Johann Von. In: *Ilha de Santa Catarina*. Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1990.

LAGO, Paulo Fernando. *Santa Catarina: dimensões e perspectivas*. Florianópolis, UFSC: 1978.

_____. *Florianópolis: a polêmica urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes e Palavra Comunicação, 1996.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

_____. *O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista*. In: BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero

(org.). *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

_____. A cidade contra o campo. p. 41-72. In: *História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos*. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

MACEDO, Chris Granato de. *Amigos de Florianópolis? Os "do contra" e os "a favor" na perspectiva de Paulo da Costa Ramos*. Monografia (graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina – Florianópolis, 2008.

MAMIGONIAN, Armen. *Florianópolis*. In: *Atlas Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis: Conselho Nacional de Geografia - DECG, 1958.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

MAY, Patrícia Zumblick Santos. *Redes Político – Empresariais de Santa Catarina (1961 – 1970)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, Florianópolis, 1998.

NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar*. Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, Florianópolis, 2007.

NÚÑEZ CABEZA DE VACA, Álvaro. *Naufrágios e comentários*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira Oliveira. *Assistência aos expostos e remodelação das condutas em desterro*. p.224. In: *História de Santa Catarina no século XIX*. BRANCHER, Ana & AREND, Silvia Maria Fávero (org.). Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

PASINI, Janete Maria. *Memória e cotidiano: a Cachoeira do Bom Jesus entre 1960 a 1970*. 2005. 1 v. Monografia (Graduação em História) - UDESC, Florianópolis, 2005.

PEREIRA, Moacir. *Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

_____. *Novembrada*. Um relato da revolta popular. Florianópolis: Insular, 2004.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização (Um estudo de Modernização em Florianópolis)*. Florianópolis: Lunardelli, [19-].

PEDRO, Joana Maria. *Nas Tramas Entre o Público e o Privado*. A Imprensa de Desterro no Século XIX. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

PIAZZA, Walter Fernando. *A Epopéia Açóric-Madeirense*. 1748-1756. Florianópolis, Ed. Da Ufsc, Ed. Lunardelli: 1992.

PIAZZA, Walter Fernando & HUBENER, Laura Machado. *Santa Catarina*. História da Gente. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

SANTOS, Paulo César dos. *Espaço e Memória: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, Florianópolis, 1997.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto – brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. *A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira*. In: I Seminário de Estudos Teuto-Brasileiros. Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

SOARES, Iaponam. *Estreito: vida e memória*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina - A Ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

VEIGA, Eliane. *Transporte Coletivo em Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira – mar*. Florianópolis: Insular, 2004.

b) Geral:

ALBAGLI, Sarita. *Território e territorialidade*. In: Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília, Relume dumará Ed., 2004.

ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. *Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96*. In: ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das Delícias: estudo de um grupo de imigrante Ucrâniano 1895 – 1995*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 1996.

_____. & TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Cultura e Educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 1 (Memória – história). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999a.

_____. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas* (o que o falar quer dizer). São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *O poder simbólico*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio M. (org.). *Escritos de educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAGA, Fernando Gomes. *Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMPOS, Marden Barbosa; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de. *Uma análise demográfica e espacial das migrações de idosos no Brasil, 1980 a 2000*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença*. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço Da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y La ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica do México, 1983.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *O Estado Novo e a questão da identidade nacional: a elaboração do outro*. In: SZESZ, Christiane Marques et alii (org.). *Portugal-Brasil no século XX: Sociedade, Cultura e Ideologia*. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003.

MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras*. São Paulo Perspec. Oct./Dec. 2000, vol.14, no. 4, p.21-33.

MATTA, Roberto Da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: ROCCO, 1984.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *O (des)conhecimento do outro: pensando o "provinciano"*. In: MARSON, Isabel e NAXARA, Márcia. (org.) *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

SANTOS, Antônio César de Almeida. *Para a Civilização da América Portuguesa: povoações no Brasil das primeiras décadas do século XVIII*. p. 89-112. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, v. 12, 2004.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otavio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

Anexo III: Crônica de Aldirio Simões.

fim de semana

Florianópolis, 05/04/87 11

DOMINGUEIRAS

Aldirio Simões

Maurício Amorim cumpriu a promessa. Agora sem bigode

PELO menos no Norte do país o concerto de Espendão Amm continua em alta, segundo ele mesmo atestou e divulgou, após recente viagem para descansar o desencanto pedestista. Não logo deixou o governo do estado. Por aquelas bandas, comeu, bebeu e dormiu até em capela. Tudo de graça. Não logo era conhecido graças a sua banheirinha e lustrosa careca. Observe, porém, que aqui na ilha ele não encontraria com a mesma facilidade todas estas mordomias. Nunca, por exemplo, na casa do Maurício Amorim, destacado marinho aqui da ilha, possuidor de um bom caráter e enorme quilométragem de malandragem rodada por esse rogado do bom Deus.

Bôs pinta dos anos 60, quando fundou o famoso Clube Paineiras, Maurício até hoje conserva uma cabreira bem tratada, englobada à base de 7m, procurando, mesmo diante do passar dos anos, manter sua semelhança com o ator Tony Curtis. Pelo menos no cabelo. E até o nosso camarada deixou também já foi, ao estrelar no filme *O preço da justiça*, com o Adélio Palé, Mário Moraes e tantos outros. Era o seguinte: a moçinha caía da ponte Hercílio Luz e o Maurício aparecia no exato momento para salvá-la. Na época o Dão ainda não era nascido, acho.

Mas o Dão, que virou Espendão depois que ficou famoso, sempre foi bom amigo do Maurício Amorim. Eram amigos e conselheiros. Até o dia que o ex-governador passou a esculhor os amigos dos tempos de vacas magras. Maurício, como tantos outros, inclusive secretários do ex-prefeito foram esquecidos, e o que é pior, prejudicados em seus salários. Indignado diante de tanta sananagem, fechou-se em copas e sua bronca foi transformada no culto de um vasto bigode, nada comum para o nosso Tony Curtis. Indagado ele respondia com uma pilada de ironia: "o dia que o careca estiver descendo as escadarias do Palácio, no mesmo horário estarei na barbearia do Vaico limpando a cara (tirando o bigode)". E assim foi dito, assim foi feito. No frescor dos seus bem vividos 40 e tantos anos, desfilou feliz pela rua tirantes todos os dias, de cara limpa.

A felicidade do Maurício Amorim não vem de agora, por acaso. Sempre foi um cara muito feliz. Feliz, com a família, e com os amigos, sempre de bem com a vida. Um gozador em potencial. Carnavalesco por excelência, nunca esteve dissociado da maior festa popular da ilha, desde os tempos que, como dirigente do Paineiras, organizava o Entero da Trasteira e ainda separava travestido no Bloco do Lira, clube onde até hoje o conselheiro não. Foi diretor de Turismo do município e na gestão Apito Oliveira era ele quem basicamente escolhia a comissão julgadora. O Peleleco era quem ouvia os improperios dos perdedores. Mas sempre foram e continuam bons amigos. O currículo carnavalesco do Tony Curtinhou revela ainda passagem pela Banda Filarmônica Desferense e nos últimos anos, como assessor especial do Comando da Polícia Militar, tem sido o coordenador de segurança junto a Setur, sempre exercendo suas funções com eficiência.

O Maurício é antes de tudo uma figura doce, um construtor de amigos, uma figura querida na cidade antiga e moderna. Tão amigo que há alguns anos eu ia comprar um smoking na Loja Alfred para participar do Baile Municipal e após uma cerveja obrigou-me a mudar de idéia. Emprestou-me a idumentária completa, que tinha sido do avô dele, porém mantinha uma elegância personificada. A roupa é clara. Fez questão que eu usasse também abotoaduras de ouro que foram do pai do Nereu Ramos (e mentira, meias e cueca não). Devidamente becado tive o azar de concentrar-me numa mesa, no Clube Dora, justo entre os dois abonados Roberto Costa (Propague) e Passoni (Codesc). Não é preciso dizer que fomos do melhor usque e também um grande porre. Perdi as abotoaduras do pai do Plúcia e a gravata do Nereu Ramos (isso agora já Maurício está estendendo a verdade), o restante foi devolvido um ano depois no mesmo dia e horário.

Fiz questão. Todavia, até hoje nunca fui perdoado e sou xingado abertamente, principalmente em reuniões sociais onde nos encontramos.

O Maurício Amorim é um homem de muitas histórias. Fomos enturmados assistiu o desfile das escolas de samba no Rio. Nas cadeiras de pista Amorim bancou a primeira roda de chopes. Estávamos em oito. A croûta que atendia no bar encantou-se com a cabreira do ator. Ela nunca quis receber os *Avezes*, bebemos a noite inteira gratuitamente graças ao charme do juraco, resultando inclusive um grande porre para Antonio Cabreira que às nove da manhã dançava como mestre-sala e uma croûta gorda como porta-bandeira. Ao retornarmos para Copacabana, fomos tomar a sardinha em dos barulhante bares da avenida Atlântica. Um almoço de dois metros namorava com um negrinho franzino. *Apastamos nos dois quem pensava nisso*. Eu disse que era o negrinho, o Maurício apontou no gringo. Para desapego dele, o croûta foi tomado nos braços, em grande estilo e levou um demorado beijo na boca. Despediu-se da mesa irritado pagando a conta. Houve um pensamento que eu deveria ter agido com o Maurício não apenas a rodada. Mas sim, rapar a cabeça. Ele, sem o enorme bigode, seria um sosia perfeito do Espendão Amm. Teria morrido de desapego, certo. Ou então estaria desterrado na Capela de Restantes focando vidros, dormindo na capela de Nossa Senhora da Lapa. De graça.



CLÓVIS MEDEIROS

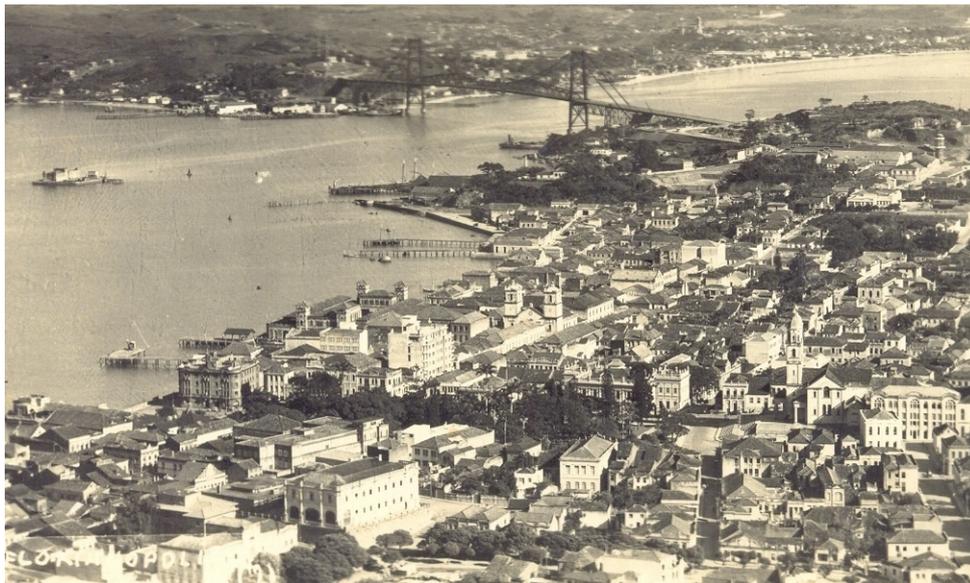
Fonte: O ESTADO. Florianópolis, 05 abr. 1987.

Anexo IV: O centro urbano e alguns lugares presentes nas crônicas e colunas sociais. Destacam-se: a Praça XV de Novembro, o Miramar (trapiche da direita) e o Mercado Público Municipal (primeira construção da esquerda).



Fonte: Acervo Casa da Memória (Prefeitura Municipal de Florianópolis).

Anexo V: Outro lugar bastante destacado nas crônicas e colunas sociais, a ponte Hercílio Luz.



Fonte: Acervo da Casa da Memória (Prefeitura Municipal de Florianópolis).

Anexo VI: Rua Felipe Schmidt onde se localizava o Bar Ponto Chic do qual se observa na foto uma pequena parte de sua entrada (esquina da esquerda).



Fonte: Acervo da Casa da Memória. (Prefeitura Municipal de Florianópolis).